

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

**ASPECTOS FONOLÓGICOS E MORFOLÓGICOS DA LÍNGUA
KURRIPÁKU (KUMANDÁMINANAI E AYÁNENI)**

FLORIANÓPOLIS – SC
DEZEMBRO/1993

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

**ASPECTOS FONOLÓGICOS E MORFOLÓGICOS DA LÍNGUA
KURRIPÁKU (KUMANDÁMINANAI E AYÁNENI)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em Letras/Lingüística da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como parte dos requisitos para a obtenção
do Grau de Mestre em Letras/Lingüística

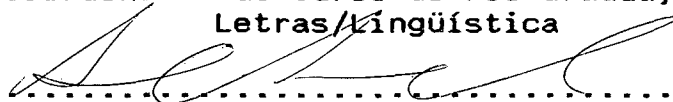
por

Simoni Maria Benicio Valadares

FLORIANÓPOLIS – SC
DEZEMBRO/1993

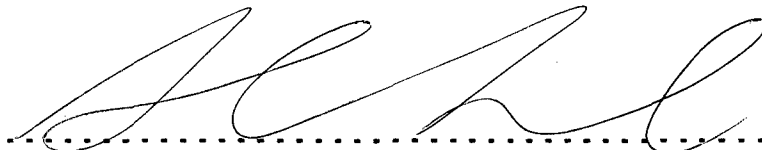
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de MESTRE EM LETRAS
Area de Lingüística - Línguas Indígenas - e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras.

.....
Prof. Dr. Faruk José Aguilera Nome
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em
Letras/Lingüística

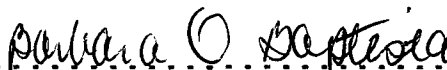


.....
Profa. Dra. Alexandra Y. Aikhenvald-Angenot
Orientadora

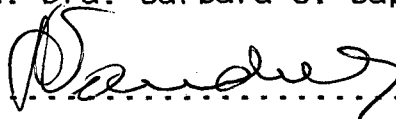
Banca examinadora



.....
Profa. Dra. Alexandra Y. Aikhenvald-Angenot
Presidente



.....
Profa. Dra. Bárbara O. Baptista



.....
Prof. Dr. Paulino Vandresen

AGRADECIMENTOS

Às muitas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste projeto, o meu muitíssimo obrigado.

Agradeço em especial às amigas Bernadete Biasi, Iara Maria Teles e Suzana Rocha.

Agradeço também à Dra. Leopoldina Maria de Araújo, da Universidade Federal do Pará, e ao Dr. Dennis Albert Moore, do Museu Paraense Emílio Goeldi, por me despertarem o interesse pelo estudo de línguas indígenas.

À minha admirável orientadora, Dra. Alexandra Aikhenvald, por compartilhar comigo de sua grande experiência, pelas discussões seguras e sobretudo pelo apoio e incentivo durante as etapas desta pesquisa.

Aos meus dois amigos Kurripáku, Clemente e Rogério, sem os quais este trabalho não existiria.

Ao Milton Banhara Filho, por tudo.

À minha família por tentarem compreender minha ausência e pelo apoio.

Finalmente, ao CNPq pela bolsa de estudo.

ABSTRACT

In this dissertation the Kurripáku language spoken in Alto Rio Içana, state of Amazonas, Brazil, is described, using as a base spoken utterances of the Kumandáminanai and Ayáneni. The phonological aspects characterized in this work are the phonemic and underlying system, the syllabic structure, the stress system, the phonological processes and phonological borrowings from portuguese. Certain aspects of the phonological analysis are validated through a selected part of its morphology. The aim is to contribute to the knowledge of the variations known in Brazil as “Baniwa do Içana”.

RESUMO

Nesta dissertação descrevemos aspectos fonológicos da língua Kurripáku com base nas falas Kumandáminanai e Ayáneni. Abordamos o sistema fonêmico e o subjacente, a estrutura silábica, os processos fonológicos, o padrão acentual e a fonologia do empréstimo (língua portuguesa). Valemo-nos de uma parte selecionada da morfologia para validar certos aspectos da análise fonológica. Nosso objetivo, com este estudo de caráter preliminar, é contribuir para o aprofundamento e o avanço das pesquisas dialetais das falas genericamente conhecidas no Brasil como “Baniwa do Içana”.

LISTA DE ABREVIATURAS E CONVENÇÕES

abs — absoluto	3m — terceira pessoa do singular masculino
adv — advérbio	4p — quarta pessoa, indeterminado
atr — atributivo	1p — primeira pessoa do plural
caus — causativo	2p — segunda pessoa do plural
deit — dêitico	3p — terceira pessoa do plural
dem — demonstrativo	num — numeral
dir:alat — direcional alativo	pass — passado
dir:abl — direcional ablativo	passi — passiva
dist — distância	perf:fut — perfectivo futuro
enf — enfático	perf:pass — perfectivo passado
gen:f — gênero feminino	pl — plural
gen:m — gênero masculino	psp — prefixo substituto de pessoa
hab — habitual	priv — privativo
int — interrogação	rel — relativa
loc — locativo	rec — recíproco
mod — modal	relzr — relativizador
neg — negação	res — resultativo
na — <i>nomem agentis</i> denominativo	sp — sufixo de posse
1s — primeira pessoa do singular	st — sufixo temático
2s — segunda pessoa do singular	top — topicalizador
3f — terceira pessoa do singular feminino	* — não aceito pelos informantes
c01 — classificador 01 : “período, líquido”	
c02 — classificador 02 : “animais com pena, plantas”	
c03 — classificador 03 : “buraco profundo”	
c04 — classificador 04 : “buraco espesso”	

- c05 — classificador 05 : “relativo a pau”
- c06 — classificador 06 : “redondo, temporalidade, animados/atributos e geral”
- c07 — classificador 07 : “relativo a habitação”
- c08 — classificador 08 : “metade longitudinal”
- c09 — classificador 09 : “fixo, assentado”
- c10 — classificador 10 : “masculino, humano”
- c11 — classificador 11 : “metade transversal”
- c12 — classificador 12 : “fino, pontudo”
- c13 — classificador 13 : “humano”
- c14 — classificador 14 : “animado”
- c15 — classificador 15 : “relativo a fezes”
- c16 — classificador 16 : “sinuoso, flexível”
- c17 — classificador 17 : “pequeno, fino”
- c18 — classificador 18 : “feminino”
- c19 — classificador 19 : “relativo a tecido”
- c20 — classificador 20 : “masculino, não-humano”
- c21 — classificador 21 : “vertical”
- c22 — classificador 22 : “abertura”
- c23 — classificador 23 : “relativo a fezes”
- c24 — classificador 24 : “relativo a coisas leves”
- c25 — classificador 25 : “fino, relativo a tempo”
- c26 — classificador 26 : “espaço aberto”
- c27 — classificador 27 : “conjunto unificado”
- c28 — classificador 28 : “relativo a fruto”
- c29 — classificador 29 : “espaço circunscrito”
- c30 — classificador 30 : “concavidade”

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E CONVENÇÕES	V
INTRODUÇÃO.....	1
1. CONTEXTO HISTÓRICO.....	4
1.1. A FAMÍLIA LINGÜÍSTICA ARAWÁK E A LÍNGUA KURRIPÁKU.....	6
1.2. O POVO INDÍGENA	16
1.3. SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DO GRUPO.....	19
2. MATERIAL DA PESQUISA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA	21
2.1. A PESQUISA	21
2.1.1. A Coleta de Dados: O <i>Corpus</i>	22
2.1.2. Recurso Laboratorial	24
2.1.3. As Falas Ayánani e Kumandáminanai: Dois Sistemas Fonológicos?	25
2.2. METODOLOGIA DA ANÁLISE: O QUADRO TEÓRICO.....	25
2.2.1. A Fonologia Lexical em Mohanan (1986); Mohanan & Mohanan (1984)	26
2.2.2. A Teoria dos Traços em Clements (1985:1991a, 6).....	27
2.2.3. A Teoria Métrica em Haye (1082; 1991).....	29
2.2.3.1. A extrametricidade	29
3. DESCRIÇÃO FONÉTICA.....	31
3.1. SONS VOCÁLICOS.....	32
3.2. OS SONS CONSONANTAIS.....	40
3.3. SÍLABA.....	52
3.4. ACENTO	53
4. ANÁLISE FONOLÓGICA	56
4.1. CONTRASTES FONÊMICOS E ALOFONES.....	56
4.2. NÍVEL SUBJACENTE.....	61

4.2.1. Vogais Subjacentes	62
4.2.1.1. Duração vocálica	63
4.2.2. Consoantes Subjacentes	64
4.3. PROCESSOS FONOLÓGICOS	67
4.3.1. Assimilação Vocálica.....	69
4.3.1.1. Ditongação vocálica	73
4.3.1.2. Alongamento vocálico.....	77
4.3.1.3. Coalescência vocálica	81
4.3.1.3.1. Limite de palavra.....	84
4.3.1.4. Assimilação de [h]	85
4.3.1.5. Harmonia vocálica	89
4.3.1.6. Nasalização vocálica	92
4.3.1.7. Palatalização	100
4.4. ESTRUTURAÇÃO SILÁBICA.....	102
4.4.1. Reestruturação Silábica.....	103
4.5. SISTEMA ACENTUAL	106
4.6. FONOLOGIA DO EMPRÉSTIMO	114
5. CLASSES GRAMATICAIIS.....	118
5.1. CARACTERÍSTICA TIPOLOGICA	118
5.2. CLASSES GRAMATICAIIS	119
5.2.1. Nome	119
5.2.1.1. Nomes alienáveis	119
5.2.1.2. Nomes inalienáveis	123
5.2.1.3. Classificadores nominais	126
5.2.2. Verbo	131

5.2.2.1. Verbo ativo	131
5.2.2.2. Verbo estativo	138
5.2.3. Advérbio-adv	141
5.2.4. Pronomes	143
5.2.4.1. Pronome pessoal	143
5.2.4.2. Pronome interrogativo	144
5.2.4.3. Pronome negativo	144
5.2.5. Adjetivo	145
5.2.6. Quantificador-quant	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
APÊNDICE: AFIOS DO KURRIPÁKU	162

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação apresentamos uma descrição preliminar de aspectos da fonologia e morfologia da língua Kurripáku.

Na literatura, o termo “Kurripáku” engloba dialeto da língua Baniwa do Içana (Rodrigues, 1986; Taylor, 1991) ou ainda uma língua distinta (González-Náñez, 1985). É necessário, contudo, que se estabeleça a partir de dados lingüísticos estas posições. Como assinalou Taylor (1991:15): “necessita-se ainda realizar um estudo aprofundado da fonologia baniwa, das variedades locais, da **relação com o Curripaco** e com as demais línguas Arawák da região, afim [sic] de se obter uma descrição fonológica adequada” [grifo nosso]. Neste sentido, pretendemos contribuir com esta análise sincrônica para uma posterior decisão de seu *status*.

Nenhum estudo anterior tratou especificamente a respeito da língua Kurripáku falada no Brasil, sendo este a primeira tentativa de fazê-lo, e não há uma definição consistente do *status* classificatório do Kurripáku junto às línguas/dialetos conhecidos no Brasil como Baniwa do Içana.

A amostra lingüística presente neste trabalho representa a língua falada nas comunidades de São Joaquim e Camanaus (aldeia Areal) no Estado do Amazonas. Descreveremos as variações do Kurripáku nas falas de dois informantes, um falante Kumandáminanai e outro Ayáneni. Assim sendo, acreditamos que este estudo apontará fatos que possam contribuir para o conhecimento do complexo lingüístico Baniwa do Içana.

A nossa pesquisa de campo foi realizada durante os meses de julho e agosto de 1991, quando participamos da expedição a São Gabriel da Cachoeira – AM, promovida pelo projeto integrado do CNPq: “Informática Aplicada às Línguas Indígenas: Reconstrução e Classificação da Família Arawák”, em cumprimento às atividades do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, junto com os professores/pesquisadores Dra. Alexandra

Aikhenvald, Dr. Jean-Pierre Angenot e Prof. Heronides Moura e alguns pós-graduandos que foram recolher dados de várias línguas da família Arawák daquela região: Warekéna do Rio Xié; Baré; Baniwa do Içana (Hohódene, Siusí, Dzáwinai); Tariána e Kurripáku (Ayáneni, Kumandáminanai).

Participamos da coleta das últimas amostras tomadas de dois informantes, ambos procedentes da comunidade São Joaquim – AM, sendo que um deles vive atualmente em Camanaus – AM na aldeia Areal, localidade em que a migração de algumas famílias data de 1987.

As duas comunidades, São Joaquim e Camanaus são distantes a 700 km e 18 km respectivamente de São Gabriel da Cachoeira, local onde ficamos sediados. O acesso a Camanaus – AM é feito por estrada, enquanto a São Joaquim é via aérea e dura cerca de 45 minutos. Para o último local o trajeto via fluvial se torna perigoso e praticamente inviável por causa de longos trechos encachoeirados. Tais dificuldades geográficas naturais, se por um lado dificultam o acesso, por outro servem como fator de proteção às invasões. E esses locais de difícil acesso são hoje reduto de muitos grupos indígenas na Amazônia (Rodrigues, 1992).

A nossa coleta em campo e as nossas anotações constituem o *corpus* que serve de base á descrição dos aspectos fonológicos e morfológicos do Kurripáku tratados neste trabalho, motivo pelo qual não ambicionamos mais do que uma análise de natureza descritiva e ainda de caráter preliminar.

Esta dissertação é composta de cinco capítulos e um apêndice.

No primeiro capítulo introduzimos um breve histórico da família Arawák, inserindo-lhe o Kurripáku. Focalizamos a confusão tão comum das etnonímias do grupo e a dificuldade de reconhecimento de uma língua/variação distinta da outra devido a este fato.

No segundo capítulo esclarecemos sobre a metodologia adotada, os ganhos que tivemos com ela no contexto maior de investigação das variações arroladas na

literatura como Baniwa do Içana e os referenciais teóricos que iluminam os resultados a que chegamos.

O terceiro capítulo contém uma análise fonética e a apresentação de quadros com os sons vocálicos e consonantais, bem como das características da sílaba e do acento. Esta análise é acompanhada de resultados experimentais com gráficos obtidos do “*Computerized Extraction of Components of Intonation in Language-CECIL*”.

No quarto capítulo apresentamos nossa análise fonológica. Os elementos consonantais e vocálicos fonêmicos e subjacentes são caracterizados, assim como a estrutura silábica, o padrão acentual, os processos fonológicos e a fonologia do empréstimo de língua portuguesa.

No quinto capítulo tratamos da morfologia, apresentando as classes gramaticais.

O apêndice traz uma parte do *corpus*, ou seja, dados selecionados em uma lista de afixos, na intenção de ampliar as informações lingüísticas que possam auxiliar no trabalho comparativo sobre a região do Alto Rio Negro – AM.

1. CONTEXTO HISTÓRICO

Neste capítulo apresentamos um panorama histórico do grupo lingüístico ao qual pertencem os nossos dois informantes. Na primeira parte, apresentamos um histórico da família lingüística Arawák a que pertence a língua estudada e a segunda parte mostra como a língua Kurripáku é relacionada nas classificações lingüísticas da família.

Enfatizamos que a “confusão” existente nas denominações do grupo indígena pode levar a equívocos quanto ao posicionamento das variações lingüísticas e, conseqüentemente, ao estabelecimento das relações entre elas no panorama geral dos estudos comparativos a respeito da família lingüística.

Numa terceira parte apresentamos as informações históricas dos grupos conhecidos sob os nomes Baniwa do Içana e Kurripáku, habitantes de uma região onde contatos com outros grupos da mesma família genética, com grupos de diferentes famílias e, ainda, com a comunidade nacional são de longa data, convertendo a área do Noroeste Amazônico em uma das mais complexas.

O panorama histórico da região começa a ser ampliado através das tentativas de reconstituição a partir de uma visão nativa da própria história, buscando-se relacionar os momentos históricos às tradições orais (Wright: 1989), enfim constituindo o objetivo maior resgatar o anonimato que caracteriza a história dos povos indígenas da Amazônia.

Damos importância à necessidade de sistematização de pesquisas lingüísticas desses pequenos grupos e de suas falas numa tentativa futura de mapeamento dialetal. Para tanto apresentamos um mapa (p. 20) ilustrando os grupos conhecidos, adaptado do Mapa Etno-Histórico de Nimuendaju (1981), da Carta Etnográfica das bacias dos rios Içana e Uaupés ou Caiary de Souza (1959/1955)¹ e ainda dos mapas presentes

¹ O mapa data de 1955 com publicação em 1956. Para referência completa v. na bibliografia Sousa (1959).

em Hill (1983). Em 1.2, ao apresentarmos os grupos Baniwa do Içana, teceremos os comentários sobre os procedimentos adotados na sua elaboração.

Nossa intenção na apresentação desse mapa é documentar a localização dos vários grupos conhecidos como Baniwa do Içana e Kurripáku e as duas amostras lingüísticas estudadas neste trabalho.

Acreditamos que isso seja o início de um mapeamento lingüístico das variações e, conseqüentemente, de melhor esclarecimento das falas dos diversos grupos, o que significa também um melhor entendimento da equivalência entre nome e identificação das falas locais e concomitantemente maior eficácia do trabalho de comparação dos dialetos entre si na bacia do Rio Negro – AM.

A idéia de desenvolver um mapa com a distribuição dos grupos nasceu da nossa própria dificuldade em decifrá-los na bibliografia consultada. Esse tipo de dificuldade já é reconhecida em trabalhos recentes como de Wright (1992:254) e de Aikhenvald-Angenot (1992:111-118).

E ainda, devido à ampla distribuição desses grupos pelos afluentes do rio Negro em área brasileira, colombiana e venezuelana, os trabalhos costumam seguir as tradições dos respectivos países onde são estudados quanto à suposta classificação em dialetos, porém não de maneira clara e consistente.

Compartilhar os resultados de pesquisas realizadas nos três países é de grande importância para o esclarecimento dessas variações lingüísticas nas áreas limítrofes. Tais resultados certamente elucidariam, através de evidências baseadas em dados lingüísticos, como as falas dos chamados “Baniwa do Içana” e “Curripaku” no Brasil, “Wakuenai” (cf. Hill, 1983:33-60) e “Curripacu” na Venezuela e Colômbia — conforme aparecem na literatura, estão relacionadas.

1.1. A FAMÍLIA LINGÜÍSTICA ARAWÁK E A LÍNGUA KURRIPÁKU

A família lingüística Arawák (Aruák, Maipure ou Maipuran, conforme a tradição) é reconhecida pelos especialistas como a maior e mais importante da América do Sul por ocupar uma grande extensão geográfica e por englobar um grande número de línguas (Aikhenvald-Angenot, 1992:93; Payne, 1991:360; Payne, 1988; Rodrigues, 1986:65).

As línguas dessa família lingüística distribuem-se geograficamente desde as ilhas da América Central até as regiões mais meridionais da América do Sul, alcançando o Paraguai.

Só na região brasileira a sua dispersão já é evidente, encontrando-se línguas como Arawák a oeste do Estado do Mato Grosso, na região mais central; no Alto Xingu; na costa setentrional do Estado do Amapá; e na região do noroeste amazônico, no Estado do Amazonas.

Nesta última região existe a maior concentração de línguas da família, representando três subgrupos do agrupamento Norte Amazônico, a saber: o Orenoco, através da língua Baré; o Rio Negro, através do que chamamos Complexo Baniwa-Kurripáku e da língua Tariána; e o subgrupo do Guainia, representado pelo Warekena. Também nesta mesma região há um conglomerado de filiações genéticas, com línguas pertencentes a outras famílias lingüísticas como Tucano e Makú (Rodrigues, 1986; Migliazza, 1985).

Com a grande dispersão geográfica característica da família Arawák, pergunta-se: qual a origem desses povos de falas tão relacionadas? Uma hipótese é a de esses povos terem migrado de algum trecho do Rio Amazonas entre 1000 e 5000 a.C. á procura de terras agrícolas e terem percorrido até o Cassiquiare, atingindo a região do Orenoco. Os grupos do Alto Rio Negro seriam então descendentes dessa onda migratória (Lathrap, 1970, *apud* Hill, 1983:34).

Com base em estudos mais recentes sobre a família Arawák — Lathrap baseara-se na reconstrução proposta por Matteson (1972) — surge a hipótese de uma origem peruana cuja evidência é a presença de representantes de dois subagrupamentos propostos em Payne (1991), o ocidental e o meridional, ambos na área centro-norte do País que, além de apresentarem grande diversidade, mostram uma notável semelhança com os outros subgrupos quanto à preferência por terras altas, conforme declara Urban (1991):

“Ao contrário, parece provável que os Maipure <família Arawák> tenham migrado pela periferia da bacia Amazônica, tanto pelo norte como pelo sul a partir da área peruana, estabelecendo-se apenas mais tarde em regiões de terras baixas amazônicas.” (p. 96)

Para que possamos conhecer a origem desses povos é inegável a importância de pesquisas de natureza descritiva de suas línguas. O aprofundamento das análises lingüísticas somará esforços no sentido de mudar o estado de conhecimento, no momento ainda sob certa obscuridade.

Para se ter uma idéia a respeito da amplitude de tal empreendimento, ou seja, relacionar todas essas línguas, vejamos algumas dificuldades impostas ao trabalho, citadas por Aikhenvald-Angenot (1992:6), tais como: a distinção entre línguas e dialetos, citando o exemplo do Campa e do Baniwa do Içana; acesso ao material lingüístico das línguas já em processo de extinção, como o Mandawaka, talvez Yabaana, a língua Baré e Bahuana; problemas na apresentação do quadro das línguas Arawák que foram extintas e sobre as quais carecemos de informações, como por exemplo a língua Macapa, citada por Loukotka (1968); além da própria situação da classificação, tanto externa, quanto interna, ou seja, os agrupamentos maiores e seus subagrupamentos.

Mencionamos por ora somente as contrariedades existentes quanto ao número de línguas pertencentes à família. Nas diversas fontes históricas o número deles varia:

Loukotka (1968) reconhece 158, Mason (1950), 122 e Noble (1965) apresenta dados de 89 línguas.

Ainda não se sabe o número exato das línguas que pertencem a essa família lingüística, mesmo porque muitas delas desapareceram tão logo se deu o contato com os europeus no século XVI, sem que delas tivéssemos informações seguras². Até agora são reconhecidas 35 como pertencentes à família (cf. Payne, 1988:17).

O trabalho de natureza descritiva é de grande importância para que possamos chegar a resultados satisfatórios a respeito das relações genéticas entre as línguas.

Os trabalhos de comparação das línguas da família Arawák iniciaram-se em 1782, quando é suposta a existência da família. Surgiram depois outros trabalhos, mas o principal problema sempre residiu na existência de poucos dados confiáveis a partir dos quais se poderia proceder a uma análise consistente. Sobre a falta de trabalhos de natureza descritiva que possibilitassem uma reconstrução efetiva, Taylor (1977) reconheceu que:

“with but few adequate description and almost no history, it is not surprising that **uncertainty and disagreement as to membership and classification of the Arawakan family of language should subsist.**” (p. 1) [grifo nosso]

A tendência atualmente é a de se formar um quadro mais promissor para os avanços nesses estudos dada a existência de projetos em andamento com o objetivo de analisar comparativamente línguas dessa família lingüística. No Brasil inclui-se o projeto já mencionado, iniciado na Universidade Federal de Santa Catarina por professores e alunos de pós-graduação desta Instituição. Na Venezuela e Colômbia estão sendo realizados trabalhos por Esteban Mosonyi, Omar González-Ñañez,

² David Payne (1988:16) menciona 13 línguas da família Arawák desaparecidas no Brasil. Saraveca, Marawan, Marawa, Posé, Cayuishana, Waraicú, Wainumá, Mariaté, Warina, Arauán, Manao, Cariaya e Yabaana — (desta, temos informação atual da existência de um último remanescente Yabaana no Brasil); 2 na Venezuela: Baniva, Guinau; 2 na Colômbia: Maipuré e Guarú; e 1 no Peru e Bolívia: Iñapari; em Trindade: a língua Shebayo e nas Antilhas: Taino.

Deloris Klumpp e David Captain (cf. Payne, 1988:17) assim como no Peru (Payne, 1991).

Podemos fazer um breve histórico dos caminhos percorridos para o conhecimento da família, desde a sua suposta existência quando do reconhecimento de a língua Maipure se assemelhar à língua Mojo, no trabalho de Filippo Gillij (1782, *apud* Noble, 1965) até o trabalho mais recente de Payne (1991).

Foi através de Filippo Salvators Gilij, um missionário jesuíta, que tivemos a primeira notícia sobre a existência da família Arawák, na época denominada Maipure a partir da língua Maipure, com a qual então trabalhava.

Posteriormente surgem trabalhos como o de Martius (1950) onde é apresentada uma classificação interna da família comparando itens de parentesco, resultando no que conhecemos como a Teoria do Guck ou Coco. Sua teoria foi refutada por Steinen (1886, *apud* Aikhenvald-Angenot, 1991) que argumenta que a comparação mostrava-se fragilizada por não impedir que línguas de outras famílias fossem também arroladas, referindo-se aos empréstimos. Para ele a comparação deveria ser feita através de termos que denominassem as partes do corpo. Steinen, desse modo, chegou a dois agrupamentos: fala nu- e fala ta-.

Anteriormente, no trabalho de Brinton (1891, *apud* Aikhenvald-Angenot, 1992) foi publicada uma classificação onde é incluída a família Arawá como pertencente à família Arawák, cuja filiação não é comprovada e se tem tido como duvidosa (Payne, 1991; Rodrigues, 1989).

Em Rivet (1924, *apud* Aikhenvald-Angenot, 1992) há a sugestão de 7 sub-grupos, assim como em Schimdt (1926, *apud* Aikhenvald-Angenot, 1992). Mason (1950) considera em seu trabalho a contigüidade geográfica e a semelhança cultural. Distingue 4 grupos maiores e 21 grupos menores como línguas Arawák, considerando cerca de 12 línguas como possíveis de possuir filiação com a família.

Greenberg (1960, *apud* Aikhenvald-Angenot, 1992) propôs uma classificação incluindo a família em um agrupamento com base numa metodologia conhecida como *mass-comparison*³. Noble (1965) apresenta uma classificação seguindo a mesma metodologia em Greenberg (1960). Outros trabalhos surgiram como o de Matteson (1972), Voegelin & Voegelin (1977), Tovar (1986) e Greenberg (1987).

A classificação mais recente é a feita por Payne (1991). Com os dados obtidos de 24 línguas Arawák, usando dados recentes e ao mesmo tempo valendo-se de dados antigos e desses com grande rigor metodológico, organizados em 203 possíveis reconstruções postulou os agrupamentos a partir dos quais se pode aprofundar as pesquisas comparativas, principalmente sobre agrupamentos internos. É esta a intenção expressa pelo autor:

“A preliminary study of this can serve as a reference, not just in deciding which subgroups to reconstruct first, but actually doing those reconstructions. It is, in general, helpful to have some ideas of the reconstruction of the entire family before a reconstruction of some particular subgroupings of languages is undertaken...” (Payne, *ib.*: 357)

Percorrendo as classificações, podemos nos deter nos seguintes estudos: Schimdt (1926), Loukotka (1935), Mason (1950), Noble (1965), Matteson (1972), pois neles aparecem a língua sob os diversos nomes, representada nos seus diversos dialetos, relacionada com a língua que está sendo estudada neste trabalho.

A dificuldade que se percebe nesses trabalhos é quanto ao reconhecimento do agrupamento desses dialetos em se tratando de saber a real equivalência dos nomes dos grupos e as variações lingüísticas por eles faladas. Muitas vezes um mesmo grupo é relacionado mais de uma vez na mesma classificação, como se representasse línguas distintas. Vejamos como estão esses falares agrupados, mantendo a mesma

³ Esta metodologia ambiciona aprofundar relações genéticas entre as línguas há mais de 6000 anos de separação. Um grande número de línguas são comparadas, em seus aspectos lexicais e gramaticais.

ortografia presente nos referidos autores. Em Schimdt (1926) aparecem divisões quanto ao agrupamento:

Norte Amazônico:

Rio Negro⁴

Carutana

Catapolitani

Siuci

Ipeca

A classificação de Loukotka (1968) apresenta-se da seguinte maneira:

Grupo Baré⁵:

Adzaneni

Carútana

Katapolítani

Siusi

Moriwene

Mapanai

Hohodene

Maulieni

Grupo Ipéca:

Ipeca (kumada-mnanai) ou Baniva do Rio Içana

Payualieni

Pacú-Tapúya

Curripacu

⁴ Incluem-se também neste subgrupo as línguas Manao, Tariána e Yucuna.

⁵ Inclui-se também neste grupo a língua Uarequena.

Kárru

Kapité-Minanei ou Coati-Tapuya

Grupo Tariana⁶:

Tariana ou Yavi

Yurupary-Tapuya (ou Iyäine, Iyäime ou Kumandene ou Yurupary-Tapuya)

Mason (1950) apresenta a seguinte classificação:

Amazônia do norte:

Rio Negro:

Izaneni (Baniwa):

Carutana: Baniwa do Içana

Catapolítani

Maulieni

Hohodene

Mapanai

Moriweni

Siusí: Ipeca-Tapuya

Mawaca⁷:

Adzaneni

Em Noble (1965) temos:

Grupo Norte⁸:

Izaneni

Ipeca

⁶ A língua Cauyari é também incluída neste grupo.

⁷ Incluem-se neste grupo também as línguas Mandawaka e Yabaana.

⁸ A língua Tariana compõe este grupo.

Kumadá-Mnanai
Adzeneni
Hohodene
Carutana
Catapolitani
Moriwene
Máulini
Mapanai
Waliperi-Dakenai
Rio Icanna Baniva
Siusí
Tariana
Kurripaku

Uma breve leitura a respeito dessas classificações nos mostra por exemplo que o grupo “Ayáneni” aparece sob as denominações Adzaneni, Izaneni e ainda Adzeneni. Muito mais grave que isso é constatarmos que os dois grupos “Kumandaminanei” e “Ayáneni” são relacionados duas vezes e de forma errônea. Ipeka é suposto ser o mesmo que Payualiene em Noble (1965) o que presumimos ser em função do desconhecimento das equivalências dos nomes em questão, Izaneni = Adzaneni (que por sua vez é igual a “Ayáneni”) e Kumadá-Mnanai = Ipeca (que é igual a “Kumadaminanei”). Outros erros existem na tentativa de se supor equivalências. Por exemplo, Mason (1950) relaciona Siusí como Ipéca, porém constituem grupos distintos, e Schimdt (1926) refere-se ao grupo Yurupary-Tapuya como Iyäine = Iyäime ou Kumandene. Sabemos que “Kumandaminanai” é diferente desses e não sabemos até que ponto Iyäine = Iyäime corresponde a “Ayáneni”.

Trabalhos recentes têm passado por situações semelhantes às encontradas nesses autores, como por exemplo o de Valenti (1986:325-334), onde encontramos equívocos em relação ao uso de etnonímias. A autora certamente equivocou-se ao

considerar Izaneni, Adzeneni (Adyana), Ipeca, Kumada (kumada-Mnani) e Curripacu como línguas distintas, e, do mesmo modo, ao denominar Maniva — uma língua designada comumente deste modo e falada na Venezuela — por Baniwa do Içana, equívoco este que só se desfaz pela localização geográfica indicada do grupo.

A primeira tentativa de agrupar essas variações encontra-se em Nimuendaju (1982:175) que o faz levando em consideração o padrão do uso de expressões diferenciadas para negação, chegando assim a supor três dialetos:

- a) Coripaco, falado pelos Pacú-Tapúya, Coatí, Tapiíra-Tapúya, Ipéca-Tapúya, Tatú-Tapúya e Yauareté-Tapúya — este último no Guainia, em território venezuelano, diferente dos índios com o mesmo nome no Içana;
- b) Baniwa propriamente dito, falado pelos chamados Cadaupuritana, Sucurijú, Siucí, Acutí, Cáua-Tapúya e Hohódene;
- c) Carutána, falado pelo Yauareté-Tapúya, Yurupari, Urubú e Arara-Tapúya.

O Curipacu é falado principalmente em território colombiano, Alto Içana, Alto Guainia e Alto Cuyari e agora podemos dizer que no Baixo Içana, em Camanaus; o dialeto Baniwa, falado no médio Içana, atinge a fronteira colombiana, no Ayari, e o Carutana, pelo curso inferior do rio.

Na Venezuela são reconhecidas cinco variantes para o chamado Curipaco, correspondendo a uma divisão interna do grupo que equivale aos termos usados para negação e afirmação (González-Ñañez, 1985:15):

Êje (Êje-kjênim)

Ãja-Kúrri

Õjo-Kârro

Õjoo-Ñãme

KurriKarru

No trabalho de Hill (1983:42) reconhece-se que cada variação corresponde a uma fratria. Isto levou o autor a postular que o grupo Tuirímnanái⁹ estaria relacionado com a variação Éh-hen (presumimos estar referindo-se à variação Êje), aparecendo a seguinte variação dialetal:

Curripaco:

Curripaco

Curricarro

Õh-hon

Éh-hen

Name

Presumimos serem as seguintes as equivalências:

Êje- (Êje-kjênim)	↔	Éh-hen
Ãja-Kûrri	↔	Curripaco
Õjo-Kârro	↔	Õh-hon
Õjoo-Ñãme	↔	Name
KurriKarru	↔	Curricarro

O critério de uso da negação, como aparece em Nimuendaju (1982:175) e que parece ser também adotado para a divisão dialetal na Venezuela, reunida ao uso da afirmação (González-Ñañez, 1985:15) nos parece uma classificação incipiente. Nossos dois informantes, Kumandáminanai e Ayáneni, principalmente o último, oscilavam entre as duas formas de negação que constituem na literatura parâmetros para o estabelecimento de dialetos distintos.

⁹ Não encontramos em nenhuma outra fonte o nome Tuirímnanái além de em Hill (1983). Questionamos se esta fratria possui representantes no Brasil. Contudo, somente um levantamento exaustivo poderá nos fornecer informações como esta.

1.2. O POVO INDÍGENA

Por Kurripáku entendemos uma das denominações pela qual é conhecido o povo da região do Alto Rio Negro (Alto Içana), no Estado do Amazonas. O nome tem origem na língua nativa e corresponde à construção que se traduz por “não falam” (Taylor, 1991:7) que, como vimos, foi critério usado para uma subdivisão das falas desse povo por Nimuendaju (1982:175) e para a subdivisão do Curripaco apresentada por González-Ñañez (1985:15).

Também são os diversos grupos conhecidos pelo nome da respectiva fratria ou mesmo genericamente pelo nome Baniwa do Içana.

Os diversos nomes atribuídos a esse povo de fala Arawák gera os mais diversos tipos de confusão aos estudiosos, conforme já apontamos acima (Valenti, 1986). Baniwa (nome de origem tupi “mandioca”) não é a auto-denominação desse povo, mas constitui um nome, como dissemos, genérico, usado tradicionalmente desde os tempos coloniais por pessoas estranhas à comunidade. Atualmente, embora esse nome seja aceito pelos grupos que compõem a nação indígena, eles continuam a se identificar discriminadamente pelo nome de sua organização social em fratria (Hill, 1983:33-60; Wright, 1989). Vejamos os diversos nomes que aparecem na literatura, segundo fontes como Nimuendaju (1982), Rodrigues (1986), Hill (1983) e Wright (1983; 1989; 1992), como podemos observar abaixo:

OS DIVERSOS NOMES DO GRUPO BANÍWA DO IÇANA

Língua nativa	Nheengatú	Língua Portuguesa
1. Adáru-minanei	Arara-Tapúya	gente da arara
2. Ayáneni, Adzáneni, Adyánene ou Adyána	Tatú-Tapúya	gente do tatu
3. Aini-dákenei, Máulieni	Káwa-Tapúya	gente da vespa
4. Awádzurunai	Akutí-Tapúya	gente da cotia
5. Dzawi-minanei	Yawareté-Tapúya	gente da onça
6. Dzúrume, Dzúremene	Yibóya-Tapúya, Búya-Tapúya	gente da jibóia
7. Héma-dákene	Tapiíra-Tapúya	gente da anta
8. Hohôdene, Hôde	?	?
9. Kadaupuritana Kataporitana	Mutum-Tapúya, Pixuna-Tapúya	gente do mutum
10. Kapité-minanei	Kuatí-Tapúya	gente do quati
11. Kumadáminanai Kumándene	Ipéka-Tapúya Pátu-Tapúya	gente do patu
12. Mápanai, Mápa-dakenei	Íra-Tapúya	gente da abelha
13. Mapátse-dákenei	Yuruparí-Tapúya	gente do jurupari
14. Moriwene	Sukuriyú-Tapúya	gente da sucuri
15. Payualiene Padzoliene	Pakú-Tapúya	gente do pacu
16. Wádzoli-dákenei	Urubú-Tapúya	gente do urubu
17. Walipéri-dákenei	Siusí-Tapúya	gente das Plêiades

Se também adotarmos o nome de forma genérica, podemos dizer que Baniwa é nação indígena Arawák setentrional que se estende ao longo do rio Içana e seus afluentes principais, os rios Aiari e Cuiari.

Embora as informações sobre a situação dos grupos dessa região sejam esparsas e daí pouco precisas, estima-se que a população especificamente Kurripáku é em torno 340 a 1500 pessoas no Brasil, 2000 a 2500 na Colômbia e 210 na Venezuela (Grimes:1988).

O mapa na página 20 ilustra os diversos grupos de cuja existência temos notícia. Elaboramos este mapa a partir de três fontes históricas: Sousa (1955), Nimuendaju (1981) e Hill (1983:44-45). Incluímos a localização dos grupos estudados neste trabalho. Cotejamos os grupos de cada uma das fontes e mantivemos a convenção de (S) para ilustrar os grupos que estavam contidos somente em Sousa (1955), (N), para os que foram encontrados somente em Nimuendaju (1981), (H) para

os somente informados em Hill (1983) e (V) para as nossas próprias informações quanto à localização dos grupos estudados neste trabalho.

Não encontramos mapas mais completos que atendessem ao nosso objetivo de localizar os vários pequenos grupos “Baniwa do Içana”. O mapa de Sousa, com sua intenção explícita em documentar a área, torna-se mais rico em detalhes quanto às diversas localidades da região, citando locais que dificilmente encontraríamos em outro trabalho.

Resta-nos dizer que uma versão oriunda de um levantamento exaustivo nos daria um quadro mais atualizado da região. Mesmo Hill (1983) sendo uma fonte dos anos 80 não tem presentes os vários grupos só ilustrados nas outras fontes mencionadas. Esses grupos, sem dúvida têm passado por vários momentos de sua história que não se reduzem a meras mudanças geográficas. Os vários motivos de suas mudanças não nos cabe aqui detalhar e estão além do escopo deste capítulo.

As migrações na região revestem-se de grande complexidade: elas são responsáveis não só pelas mudanças no quadro daquela região como também pelo alto processo de miscigenação naquelas áreas. A região caracteriza-se por congregar diversos grupos de origem étnica distintas que vem se influenciando mutuamente e ainda, sofrendo mudanças devido as diversas formas de contato com a sociedade nacional (Galvão, 1960; 1966; 1973; 1976; Wright, 1983).

O mapa ilustra a região pesquisada e os dois grupos com os quais trabalhamos, assinaladas as áreas em que se situam.

O povo Baniwa é dividido em pequenos grupos que correspondem lingüisticamente a um grande número de dialetos, considerados pouco diferenciados entre si (Rodrigues, 1986:8). Não obstante a confusão feita entre o nome do povo e o nome da fratria — o nome desta aparece muitas das vezes na literatura com nome do próprio povo, como alude Hill (1983) — encontramos a denominação de Baniwa para referir-se a uma língua que é só falada na Venezuela, cujos falantes correspondem ao

“Baniwa autêntico” de que fala Nimuendaju (1982), que se diferencia bastante do Baniwa do Içana (Rodrigues, 1986:66).

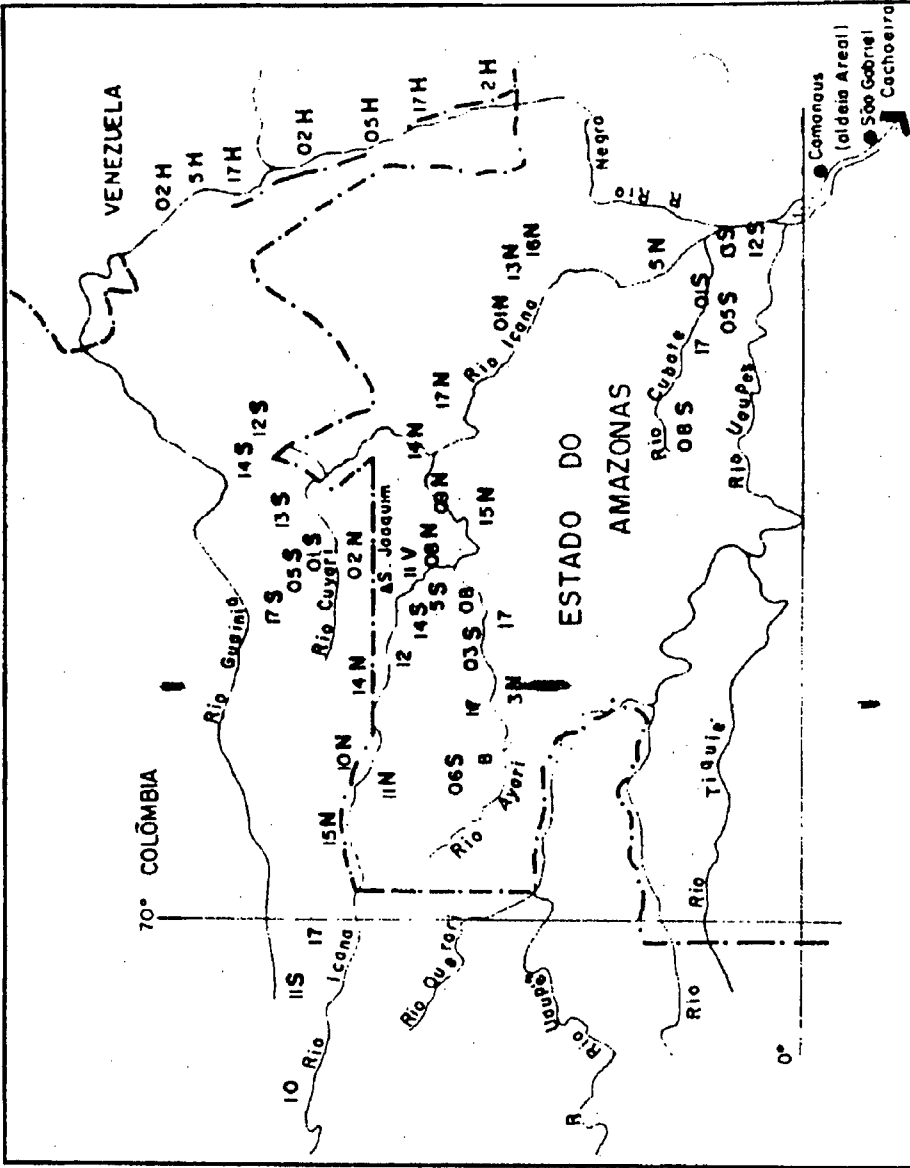
1.3. SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA DO GRUPO

As informações lingüísticas a respeito dos diversos grupos “Baniwa do Içana” restringiam-se a listas vocabulares coletadas no início do século. Em Koch-Grünberg (1928) são apresentados dados sobre Adzáneni e em Koch-Grünberg (1911) são incluídos dados Karútana, Ipéca e Siusí.

Também constam listas de palavras em Bruzzi (1961) sobre os grupos Kumãdene, Siwsi, Hohúdene, Jurupari-tapuya, Sukuriju e Jibóia.

Inicia-se estudo científico com o trabalho pioneiro de Taylor (1991) onde são tratados aspectos da fonologia (fonêmica) além de uma breve descrição gramatical — pessoa, aspecto nominal e verbal — e são anexados textos.

Sobre os chamados Kurripáku consta-se somente uma lista de dados em Koch-Grünberg (1928) especificamente sobre os Ayáneni. A esta somam-se as informações das variações faladas na Colômbia (Huber e Reed, 1992) e Venezuela, em listas vocabulares e aspecto gramatical preliminar (González-Ñuñes, 1985). O Kurripáku como variação falada no Brasil começa a ser explorada cientificamente por Valadares (1991, 1992a, b).



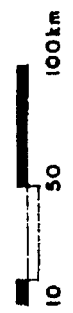
Legenda

- limite internacional
- cidade
- ▲ missão
- ➔ sentido Manaus

fontes: (N) Jimuendaju (1981)
 (M) Jil (1983)
 (S) Souza (1955)
 (V) Aladares (1993)

- 1 Aduru-minanei
- 2 Ayóneni
- 3 Aini-dákenei
- 4 Awázurundi
- 5 Dzawi-minanei
- 6 Ozúrume
- 7 Hema-dákene
- 8 Hohódene
- 9 Kodaupurítano
- 10 Kepité-mananei
- 11 Kumandáminani
- 12 Mapa-dákenei
- 13 Mapátse-dákenei
- 14 Moriwene
- 15 Payualiene
- 16 Wázoli-dákenei
- 17 Waliperi-dákenei

escala: 1:2.500.000



2. MATERIAL DA PESQUISA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA

2.1. A PESQUISA

A nossa pesquisa é instrumentalizada por duas metodologias inter-relacionadas: a de coleta dos dados em campo e a de análise dos dados.

A metodologia de análise dos dados se completou com a escolha dos referenciais teóricos que de uma maneira adequada pudessem auxiliar na descrição dos fatos da língua observados durante nossa coleta e análise dos dados.

Neste capítulo primeiramente caracterizamos a metodologia de coleta e organização dos dados e a seguir apresentamos os pressupostos teóricos que dão suporte às nossas interpretações. Não é nossa preocupação a crítica aos modelos fonológicos existentes. Nossa escolha das respectivas teorias foi motivada pelos fatos da língua em questão na tentativa de poder explicitá-los durante nossa análise.

Antes de nos atermos às etapas do nosso trabalho propriamente dito, é oportuno retratar o contexto onde esta pesquisa se insere, pois foi o que nos levou a adotar uma determinada metodologia na coleta dos nossos dados e no desenvolvimento da análise e apresentação dos resultados.

O conhecimento da língua Kurripáku é muito restrito ainda e até certo ponto fragmentado, pois a sua abordagem científica começa através da análise de um de seus dialetos falado pelos Walipéri-dakenai por Taylor (1991) que apresenta evidências da estrutura fonológico-morfológica, consistindo seu objetivo numa proposta ortográfica para a língua. Por isso e por não termos informações consistentes das amostras das falas dos diversos grupos que compõem o chamado Baniwa do Içana ou Kurripáku, faz-se mister o trabalho descritivo das diversas variações, o que constitui uma etapa prévia à pesquisa comparativa, da qual então emergem parâmetros para caracterização dialetal das falas desses diversos grupos.

Face a tal panorama constituiu-se um dos objetivos da I Expedição Lingüística à Amazônia — I ELARN — como foi denominada a pesquisa conjunta realizada no Estado do Amazonas, documentar essas falas de maneira sistemática. Nessa expedição foram coletadas amostras lingüísticas de Ayáneni, Dzáwinai, Hohódene e Kumandáminanai e Walipéri-dákenei, obedecendo ao critério de auto-identificação do próprio falante, ou seja, da indicação do grupo ao qual pertencia.

As amostras de Ayáneni e Kumándaminai são as que aparecem neste trabalho e nos pareceram, de antemão, inegavelmente semelhantes às outras amostras coletadas.

2.1.1. A Coleta de Dados: O *Corpus*

Os nossos dados foram obtidos numa pesquisa em campo realizada na cidade de São Gabriel da Cachoeira – AM, através do Projeto “Informática Aplicada às Línguas Indígenas: Classificação e Reconstrução da Família Arawák” (cf. apresentação detalhada na Introdução) com o objetivo de coletar dados e documentar todas as línguas da família Arawák faladas na região do Alto Rio Negro – AM.

Durante os meses de julho e agosto de 1991 permanecemos em São Gabriel e procedemos à coleta das amostras das falas Kumandáminanai e Ayáneni de dois falantes bilíngües, sendo o português uma das línguas faladas por eles.

O informante Ayáneni, Clemente Pinto Paminare, identificou-se como falante de Kurripáku, 25 anos de idade, filho de mãe Ayáneni e pai Walipéri-dakenai. Clemente auto-identificava-se como Ayáneni e não Adzáneni. Note-se que isto já demonstra que a última denominação, na forma como normalmente aparece na literatura, indica uma das variações lingüísticas faladas pelos grupos Arawák da região. Mantemos neste trabalho a primeira, Ayáneni, sempre que estivermos nos referindo ao nosso informante.

O informante Kumandáminanai, Rogério Luiz Quintino, também identificou-se como falante de Kurripáku, 28 anos de idade e filho de mãe Walipéri-dákenei e pai Kumandáminanai.

As gravações das entrevistas foram feitas com um gravador portátil Sony TCM-72v e para obtê-las foram aplicados quatro questionários, a saber:

- 1) a lista básica de Swadesh (1964) com 200 palavras, itens lexicais básicos considerados menos suscetíveis de empréstimos, como palavras para partes do corpo (mão, pé, etc...), fenômenos da natureza e parentesco, dentro da proposta de comparação que subjaz ao questionário;
- 2) questionário do Museu Nacional (1980) que engloba os itens de Swadesh, porém com acréscimo de frases com o objetivo de elucidar estruturas morfológicas e sintáticas, trazendo paradigmas (meu pai, teu pai, etc.);
- 3) questionário “*South American Indian Languages Documentation Project Questionnaire — SAILDP*” (Kaufman, Berlin, 1986), do qual aplicamos somente uma pequena parte;
- 4) e o pequeno questionário elaborado pela equipe da Divisão de Lingüística do Museu Paraense Emílio Goeldi (1989) aplicado para se obter maior número de paradigmas nas eliciações.

Concomitantemente aos questionários, elaboramos nossas próprias perguntas aos informantes, as quais serviram para clarear dúvidas sobre paradigmas morfológicos, classes de sons, entre outras.

Obtivemos também cinco pequenos textos sobre assuntos cotidianos do nosso informante Rogério Luiz Quintino, que serviram de base a esta análise.

As entrevistas realizadas foram feitas em ambientes abertos, ao ar livre. Os dados foram transcritos *in loco* com auxílio dos informantes e o início da análise foi feito em campo. Os sons que demonstravam maior dificuldade quanto a sua percepção e/ou produção foram continuamente questionados junto aos informantes. Assim nossas hipóteses foram sendo testadas a partir de julgamentos deles, tais como: “está bom”, “está bonito” ou “matʃia”, na sua língua.

A maior parte das nossas transcrições realizadas em campo mantiveram-se em rascunho até nosso retorno à cidade de Florianópolis, quando procedemos à organização das informações e, em posse das cópias das 14 fitas, reformulamos algumas hipóteses e levantamos outras. Todos os dados foram checados e as fitas eram consultadas sempre que achássemos relevante conferir a nossa percepção das características fonéticas no andamento da análise.

2.1.2. Recurso Laboratorial

Vários dados foram selecionados para uma checagem subsidiada por um sistema de análise de fala do “*Summer Institute of Linguistics — SIL*”. Este sistema é composto de dois *softwares*, o CECIL e o SPECTRUM, e do *hardware* CI-500 (*speech box*). Usamos o *software* da versão 1.18.

O “*Computerized Extraction of Components of Intonation — CECIL*” objetiva auxiliar na análise de acento, tom, entonação, duração, fornecendo as especificações fonéticas ou “acuradas medidas e representações éticas” (*Summer Institute of Linguistics — Cecil Tutorial*, p. 2).

Utilizamos-nos dos recursos do CECIL com o fim de esclarecer nossas transcrições, precisando os sons da língua, suas características de alongamento, ensurdecimento, sonoridade, sistema acentual, sob seus parâmetros de cálculos para intensidade e altura de voz.

Usamos conjuntamente ao programa o dispositivo “CECIL CI-500”, que acompanha o *software* cuja utilidade reside na conversão de dados digitais em dados acústicos que são interpretados pelo programa. As nossas gravações puderam ser transferidas para o CI-500, via gravador, um Sony TCM-81.

As possibilidades internas do CECIL nos permitiram rever nossas hipóteses percentuais à luz dos recursos da fonética acústica.

2.1.3. As Falas Ayánani e Kumandáminanai: Dois Sistemas Fonológicos?

Mantivemos os dados discriminadamente para cada um dos informantes durante as etapas da análise com o intuito de observar a existência de diferenças que justificassem tratar cada fala separadamente. Porém, devido à proximidade entre as duas falas e as diferenças restringirem-se ao léxico, são elas tratadas aqui em um único sistema fonológico.

As diferenças observadas nas eliciações são explicitadas abaixo (onde K = fala Kumandáminanai e A = fala Ayáneni):

“hápe”	“verdade”	em K e	“ahámidaɲe”	em A
“ɲáme”	“não”	em K e	“kuɟím”	em A

No segundo exemplo, o informante A reconhecia as duas formas, porém tratava a segunda como uma forma “Kurripáku próprio”, segundo suas próprias palavras.

Houve muita recorrência de formas reduzidas na eliciação do sistema numérico em A, embora as formas normais também fossem utilizadas, como por exemplo:

“apáda”	“um”	em K e	“páda”	em A
“ap ^h éwi”	“um”	em K e	“p ^h éwi”	em A

Também em outras formas, como para a interrogação:

“káp ^h a”	“Int”	em K e	“p ^h a”	em A
----------------------	-------	--------	--------------------	------

2.2. METODOLOGIA DA ANÁLISE: O QUADRO TEÓRICO

Nossa preocupação inicial na análise dos dados foi reconhecer o comportamento distribucional dos sons em nível superficial, o que nos levou a sua apresentação informal segundo os modelos mais tradicionais (Capítulo 3). A partir

desse conhecimento foram observadas as regularidades e as restrições de ocorrência em níveis mais altos como a sílaba e a estrutura morfológica.

Os modelos teóricos geralmente costumam enfatizar determinados ângulos de uma questão e uma vez que estamos abordando vários aspectos da fonologia da língua, cada um deles poderia ser tratado por teorias diferentes desde que os seus postulados pudessem demonstrar os fatos particulares da língua analisada.

A seguir faremos as considerações necessárias em linhas gerais sobre os aspectos selecionados dos modelos teóricos adotados na presente análise.

2.2.1. A Fonologia Lexical em Mohanan (1986); Mohanan & Mohanan (1984)

A teoria lexical é um dos modelos de análise na perspectiva gerativa. Suas características principais dizem respeito à aplicação de regras no léxico; eliminação de fronteira como (+ #) a favor da referência às próprias informações lexicais em termos de colchetes ([]) e à noção de estrato — à maneira de se conceber a estrutura do léxico; e distinção entre aplicação de regras nos módulos lexicais e pós-lexicais.

Segundo essa teoria, o léxico é uma estrutura estratificada de maneira ordenada e consiste de uma série de regras morfológicas de afixação e composição que são especificadas em seu domínio de aplicação em termos de estrato lexical, interagindo com as regras fonológicas.

O sistema de regra fonológica tem aplicação nos estratos lexicais e de acordo com seu(s) domínio(s): a) *lexical*, se exigir qualquer especificação morfológica, b) e/ou *pós-lexical*, se não requerer informação morfológica e tiver condicionamento meramente fonológico ou se estiver no limite de palavra lexical.

A idéia fundamental da fonologia lexical é o reconhecimento de a estrutura fonológica poder ser modificada no léxico, o que põe em foco uma preocupação com a estrutura morfológica.

Na representação fonológica são admitidos três níveis, o subjacente, o lexical e o fonético. A representação subjacente é a entrada (*input*) aos processos fonológicos que ocorrem no léxico e a representação lexical é a sua saída (*output*) que por sua vez constitui a entrada para a aplicação das regras pós-lexicais.

Em relação à organização dos elementos distintivos que representam os níveis admitidos nessa teoria, optamos por um modelo que considere a fala como um evento a mercê de coarticulações para especificar claramente os diversos tipos de assimilação, discriminados no Capítulo 4, existentes na língua. O modelo é caracterizado a seguir.

2.2.2. A Teoria dos Traços em Clements (1985:1991a, 6)

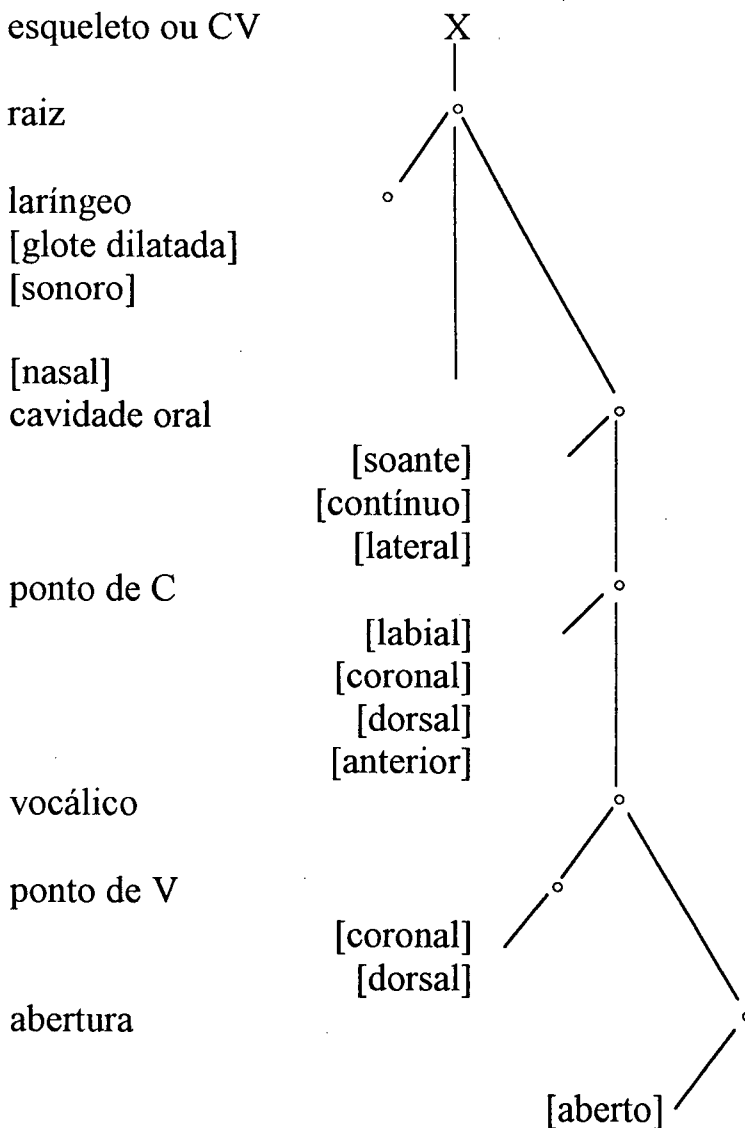
A idéia central dessa teoria é a de que a fonologia é composta por uma estrutura de traços e estes — uma vez que possam funcionar como unidades fonológicas, reforçam a noção de auto-segmento ou concepção não-linear da estrutura fonológica que subjazem os modelos mais recentes da fonologia gerativa.

As matrizes de traços que caracterizavam a estrutura fonológica na fonologia gerativa padrão não permitiam suportar de maneira natural a sobreposição de elementos fonológicos, ou seja, processos fonológicos que implicassem algum tipo de assimilação.

Algumas análises foram desenvolvidas na perspectiva da teoria dos traços, como em Goldsmith (1976, *apud* Goldsmith, 1991) tratando os tons, tendo sido estendidas para tratar outros processos como de harmonia vocálica (Clements e Sezer, 1982, *apud* Goldsmith, 1991:304; Wetzels, 1991; 1993), a nasalização (Baptista, 1988; Hyman, 1982) e ainda a palatalização (Bisol & Hora, 1993).

Qualquer estrutura fonológica que envolva algum tipo de assimilação pode ser tratada nesses termos de acordo com essa teoria, ou seja, pode pressupor a representação hierárquica da estrutura fonológica.

De fato, através não só da observação das particulares manipulações componenciais do nosso aparato vocal, mas do comportamento dos processos fonológicos nas diversas línguas, foi testada a hipótese de ser pertinente a concepção não linear da organização da fonologia. É nesta perspectiva que Clements desenvolve seu modelo teórico. A estrutura fonológica é organizada de maneira ordenada e hierárquica, em nós (*nodes*) chamados por ele de nós de classe (*class nodes*). A concepção geométrica de representação dos traços pode ser vista abaixo, onde apresentamos os traços necessários para descrição da fonologia do Kurripáku:



Utilizamos as previsões do modelo de Clements (1991a, b) quanto às possibilidades de espriamento. Traços assimilados são tratados de acordo com a sua

localização na árvore e sua possibilidade de espraiamento, obedecendo à condição de aplicação do princípio do não-cruzamento de linhas que diz que nenhuma linha pode cruzar no mesmo plano e que as linhas cortadas indicam desligamento de qualquer constituinte fonológico anteriormente associado.

2.2.3. A Teoria Métrica em Haye (1982; 1991)

A língua Kurrupáku apresenta, com relação ao seu sistema prosódico, uma única proeminência lingüística, e o fato de que somente uma sílaba receber tal proeminência por palavra levou-nos a conceber que se trata de um sistema tonal que, em contraste, admite mais de um tom na palavra.

A teoria métrica faz parte também da teoria gerativa e trata especificamente do acento, concebendo-o como manifestações de estruturas rítmicas.

A sílaba passa a ter grande importância na teoria. Uma sílaba é acentuada quando possui uma proeminência relativa em relação às outras sílabas adjacentes.

Dois tipos de formalização para a sílaba são admitidos na teoria: como constituintes hierárquicos com os nódulos S = forte (*strong*) e W = fraco (*weak*), onde cada um representa esses graus de proeminência relativa.

Pode também a teoria ser representada em grades (*grids*). Haye (1991), por exemplo, adota uma estrutura híbrida onde constituintes são considerados junto com a estrutura em grade.

A noção especialmente adotada para nossa pesquisa é a de extrametricidade que descreveremos a seguir.

2.2.3.1. A extrametricidade

O fato de a língua Kurripáku possuir morfemas que ao sofrer concatenações não permitem a manutenção do padrão de proeminência acentual, anterior à última

sílaba, levou-nos a reconhecer no sistema o princípio da “periferidade” comum em sistema chamado de acentual. Assim, na construção das grades métricas será considerada a noção de extrametricidade.

A extrametricidade aparece em Haye (1982) e baseia-se na concepção de que numa determinada seqüência certos segmentos não são levados em consideração para a atribuição do acento.

As restrições exigidas para que uma regra extramétrica designe um determinado constituinte como “invisível” quando da construção das estruturas métricas, formuladas em Haye (1991), são as seguintes:

1. Constituidade (*Constituency*):

Somente constituintes podem ser marcados como extramétricos.

2. Periferidade (*Peripherality*):

Um constituinte só pode ser extramétrico se estiver numa fronteira designada (esquerda ou direita) do seu domínio.

3. Fronteira marcada (*Edge Markedness*):

Uma fronteira não-marcada para a extrametricidade é a fronteira direita.

4. Não-exaustividade (*Nonexhaustivity*):

Uma regra métrica é bloqueada se ela se torna o domínio inteiro de regras extramétricas de acento.

3. DESCRIÇÃO FONÉTICA

Neste capítulo apresentamos o inventário dos sons observados durante a transcrição e o desenvolvimento da análise fonológica. Usamos a maioria dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional, de sua versão de 1989 (cf. Ladefoged, 1990; Ladefoged & Halle, 1988).

Os parâmetros que norteiam a caracterização desses sons são tomados em Pike (1943; 1947) e Ladefoged (1971; 1982; 1990).

A fonética desempenha papel importante na análise fonológica, representando as manifestações empíricas da organização abstrata da fala, pois “*phonetic realizations of utterances are the only aspect of language directly subject to observation*” (Lehiste, 1970: 168).

Descrevemos primeiramente as propriedades fonéticas das vogais e, a seguir, das consoantes. Às primeiras incluímos as características de alongamento, desvozeamento e nasalização.

Dedicamos uma parte à sílaba fonética, apresentando-a segundo concepção de Stetson (1928, apud Pike, 1968) de orientação fisiológica, como tipo de atividade respiratória. Embora exista estudo mostrando que a sílaba nem sempre se relaciona com o chamado *chest pulse*, ainda não se tem uma definição fonética alternativa a esta (Ladefoged, 1990:93).

Ressaltamos ainda que esta análise também foi em parte submetida aos recursos da fonética acústica. Para alguns casos achamos oportuno explicitar as características através dos gráficos extraídos de um *software* de aplicação aos estudos da fala. O programa a que nos referimos, “*Computerized Extraction of Components of Intonation in Language — CECIL*”, já descrito no Capítulo 2, se tornou muito útil, pois comprovou as nossas transcrições e nos deu ainda a possibilidade de testar outras hipóteses perceptuais como a do acento.

3.1. SONS VOCÁLICOS

Os sons vocálicos tradicionalmente podem ser descritos em diagramas de duas dimensões que representam a configuração da língua e dizem respeito a sua altura – alto, médio e baixo; e retração — anterior, central e posterior. Outra possibilidade concerne ao grau de fechamento e abertura — fechado e aberto, na articulação.

Outros traços que poderiam particularizar os sons vocálicos incluem a nasalização; a particularidade da fonação, como o desvozeamento; as propriedades dinâmicas, como alongamento; e a ditongação (cf. Ladefoged, 1990:103).

Vejamos agora os contextos de cada uma delas:

[i] vogal anterior, alta, fechada

Ocorre em sílaba inicial, medial e final, contígua a qualquer consoante do sistema. Ocupa a posição de núcleo na estrutura silábica e pode ainda ocupar posição *onset*.

Exemplos:

[í:.ni] “aranha”

[i.tʃí.da] “jabuti”

[pí.mi] “beija-flor”

[wé.tʃi] “catarro”

[ɹí.nu.ka] “ele está vindo”

[ʲé.ni.pe.ʦi.pɛ] “crianças”

[e] vogal anterior, média fechada

Ocorre em sílaba inicial, medial e final, com quaisquer consoantes do sistema, ocupando o núcleo na estrutura silábica.

Exemplos:

[p^he.wí.da] “cabeça”
 [t̥í.ʝe] “fogo”
 [pa.pa.ʝe.má:.pi] “costela”
 [pí:.te.ʝi] “morcego”
 [ʝo.ké.ʝa] “sal”

[ɛ] vogal anterior, alta, meio fechada.

Ocorre em sílaba inicial, medial e final, com quaisquer consoantes do sistema, ocupando o núcleo da estrutura silábica.

Exemplos:

[po.ʝé.ta] “barata”
 [ka.wa.ɲé.ʝo] “bicho do pé”
 [kɛ.ʝá.to] “caracol”
 [ʝo.ké.ʝa] “sal”
 [t̥í.ʝɛ] “fogo”

[a] vogal central, baixa, aberta

Ocorre em sílaba inicial, medial e final, com quaisquer consoantes, sendo que ao anteceder consoante nasal, sua qualidade fonética é modificada, tornando-se menos baixa.

Exemplos:

[ʝá.ma.ʝo] “arraia”
 [pa.wá.wa] “barriga”
 [há.ʝi..ʝi] “batata”

[nu. ʝo. á. ka. kaʷ] “eu me cortei”

[ma. tʃí. a] “bom”

[u] vogal posterior, alta, fechada.

Ocorre em posição inicial, medial e final, como núcleo de sílaba, podendo distribuir-se como consoante, ocupando a posição *onset*. Alterna-se com as outras vogais posteriores.

Exemplos:

[pẽ. nú. ma] “boca”

[pa. tu. ma. ʝá. ka. kẽ] “bolha”

[ká. p^hε. ʝa. ʝú. da] “chaleira”

[pa. tʃú. ta] “unha”

[ku. ma. ʝí. a] “tucumã

[haʝ. ku. wá. pu] “pau”

[o] vogal posterior, média, fechada

Ocorre em sílaba inicial, medial e final como elemento núcleo. Alterna-se com as outras vogais posteriores.

Exemplos:

[má. ka. ʝo] “borboleta”

[ó. mapi] “minhoca”

[wá:. ʝo. ʝi] “urubu”

[fi. po. ʝé. da. ʝi] “verde”

[ɔ] vogal posterior, média, meio fechada

Ocorre em sílaba inicial, medial e final, em posição de núcleo, exceptuando as consoantes nasais, com quaisquer outras consoantes do sistema. Alterna-se com outras vogais posteriores quando em outros ambientes que não sejam aqueles ocupados pelas consoantes nasais.

Exemplos:

[i.ní.pɔ] “caminho”

[fi.pɔ.ɹé.da.ɹi] “verde”

ALONGAMENTO VOCÁLICO

O ambiente de vogais longas pode ser descrito da seguinte maneira: ocorrem em quaisquer consoantes do sistema, não sendo condicionadas por elementos contíguos, por posição que ocupem na estrutura da sílaba e nem por proeminência acentual, não sendo portanto predizíveis, exceto em fronteiras morfológicas. Vejamos alguns exemplos ilustrando suas ocorrências:

[ʝa.mê:.ma] “dois”

[ɹí:.p^hɛ] “folha”

[í.ko.ɹi] “camaleão”

[ó:.ni] “água”

NASALIZAÇÃO VOCÁLICA

A nasalização vocálica ocorre com outras vogais do sistema que não sejam meio fechadas. Uma vogal nasalizada também pode atualizar-se com a duração.

A nasalização vocálica pode aparecer em ambiente de consoante nasal e de fricativa glotal conforme pode-se notar nos seguintes exemplos:

- [ma.kẽ.ne] “grande”
 [pa.k^hẽ.me.ka] “cheio”
 [fiá:.ka.kẽ] “arder”¹
 [i.ní.po] “caminho”
 [pɛ:.né.ne] “língua”
 [ɲẽ:.hĩ] “estes”
 [pẽ.nú.ma.ɺi.ko] “boca”
 [ó:.ni] “água”
 [hẽ:.ma] “anta”
 [ɺi.á.tẽ.hẽ] “aquele”
 [ó.hõ] “sim”
 [pa.ho.ɺúm.ta.kẽ] “furar”

ENSURDECIMENTO VOCÁLICO

O ensurdecimento vocálico nas eliciações das vogais manifesta-se em sílabas finais de palavras fonológicas que contenham consoantes surdas.

Exemplos:

- [ɺí:.ɱẽ] “cinza de fogo”
 [wé:.tʃ^hĩ] “catarro”

¹ Em [fiá:.ka.kẽ] “arder” e em [pa.ho.ɺúm.ta.kẽ] “furar”, a existência de vogais nasalizadas finais, sem aparente condicionamento é explicada através da constatação da presença do sufixo [- ni], que se realiza por traço nasal (o que concorre com os outros traços que definem a vogal que o precede), evidenciando um de seus alomorfes. Veja seção 4.3.1.6 do capítulo 4 e a estrutura morfológica no capítulo 5. Note que [m], no segundo exemplo, também elucida alomorfas, neste caso, do morfema resultativo (res) [- me].

DITONGAÇÃO VOCÁLICA

As combinações vocálicas encontradas em Kurripáku, formando a ditongação, podem ainda relacionar características de alongamento e nasalização, como apresentaremos a seguir:

— Sequências vocálicas (ditongação decrescente):

[a^j]

[i.ná^j.ki] “pessoa”

[pá^j.nu.ka] (~) [pa.í.nu.ka] “matar”

[pa.ká^j.te.ka] “dizer”

[pá^j.ɟa.ka] “beber”

[á^j.ni] “inseto”

[u^j]

[^ja.ma.pú^j.pu^j] “cachorro do mato”

[tú^j.da] “piolho”

[nu.^ja.ɟú^j.ta] “é minha (costa)”

[o^j]

[tó^j.da] “piolho”

[i^w]

[pa.pi.tʃí^w.ka.kē] “espremer”

[pa.ɟi^w.pě.na] “fígado”

[pa.ɰí^w.ka^w] “ter medo”

[ɰí^w.pa.ta.ka] “ele corta”

[a^w]

[pá^w.ka.ka] “golpear”

[pá^w.ka.ka.ni] “lançar (algo)”

[i.já^w] “chuva”

[ká^w.ɿi] “vento”

[pá^w.ɰa.ka^w] “sentar”

[e^w]

[ké.ɿe^w.tʃa] “onde?”

[i.tʃí.ẽ.hĩ.ka.pe^w] “que se arrasta / réptil”

— Sequências vocálicas (ditongação crescente):

[^ja]

[ɿí.jẽ.hĩ] “este”

[^já.ku] “falar”

[^ja.ɿá.k^hi] “caxiri”

[^je]

[^jẽ.ni.pe.tʃí.da] “criança”

[^jé.ma] “fumo”

[ɿi.jé.ɰɛ] “ovo”

[^jo]

[^jo.ko.jó.ko.ɿi] “um tipo de coruja”

[wá.jó.ɿi] “urubu”

[^ju]

[wá.ju.ɿi] “urubu”

[^jú.ɰa.ka^w] “possuir”

[e^w][ké.ɬe^w.tʃa] “onde?”[i.tʃí.ẽ.hĩ.ka.pe^w] “que se arrasta, réptil”[^wa]

[ɲú.wa] “eu”

[ɬi^w.ɬu.^wá.ka^w] “ele se deitou”[pa.ɬu.^wá.mu.ka^w] “boiar”[^we][ɬi.tʃ^hu.^wé.ta.ka] “ele puxa”[nu.^wé.ma.ka] “eu fico em pé”[^wi][tʃu.^wí.te] (~) [tʃú^j.te] “pequeno”[nu.^wí.ni] (~) [nú^j.ni] “meu seio”

QUADRO VOCÁLICO

		anterior				central		posterior			
alta		ɨ	i:	ĩ	i			u	u:	ũ	u̥
média	fechada	ɛ̣	e:	ẽ	e			o	o:	õ	ọ
	meio fechada	ɛ̣	ɛ:		ɛ			o	o:		ọ
meio baixa						ẽ	ẽ:				
baixa						a	a:			ɶ	

3.2. OS SONS CONSONANTAIS

Os sons consonantais podem ser descritos a partir do ponto e modo de articulação e o modo de vibração das cordas vocais. As particularidades na fonação distinguem os sons murmurados dos sussurrados.

Todas as consoantes ocupam posição *onset*. As consoantes nasais sonoras são as únicas a ocupar a posição coda.

Vejamos a descrição e distribuição de cada um deles em Kurripáku.

AS OCLUSIVAS

[p^h] bilabial aspirada surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[p^he.wí.da] “cabeça”

[ɽí.p^hε] “pena”

[pa.p^hí.a.ka] “soprar”

[p^háj.pa] “pé”

[ká:.ko.ka.p^hà:] “falar”

[t^h] alveolar aspirada surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[t^he.wé.na] “amanhã”

[t^he.wa.ka.pé.ki] “fundo”

[pá.t^hi] “olho”

[ma. ja.kẽ.t^hé.da.ɹi] “redondo”

[ja.wi.t^hi.já.po.ɹi] “flecha”

[k^h] velar aspirada surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[k^hé.ja.tʃa] “apresse-se”

[tʃó:.k^ha^j] “pequeno”

[ha^j.k^hí.wi] “pauzinho”

[tʃá.k^ha] “também”

[ja.já.k^hi] “caxiri”

[p] bilabial surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[pẽ.nó.ma] “boca”

[pa.wá.wa] “barriga”

[pe.má:.ka] “dormir”

[p^há^j.pa] “pé”

[ĩnípo] “caminho”

[ɹ] dental surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final

Exemplos:

[ɹí:.ɹi] “gordura”

[t̥óʝ.da] “piolho”

[pʰε.ʝí.t̥a.ka] “raspar”

[ʝí:.t̥i.pi] “rabo”

[á:.t̥i] “pimenta”

[t] alveolar surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[pʰé.ta.ko] “nariz”

[nẽ.na.kʰí.te] “algum”

[té:.ko] “longe”

[pa.káʝ.te.ka] “dizer”

[ta.bó.ka] “bambu”

[k] velar surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[ma.káʝ.te] “grande”

[kú.ka] “quem?”

[á.ke.ʝe] “onde?”

[kó.pʰε] “peixe”

[b] bilabial sonora

Este som apareceu muito raramente em nosso *corpus* e, na impossibilidade de acrescentar mais dados com sua presença, neste momento consideramo-lo como não pertencente ao sistema fonológico nativo da língua pela sua recorrência muito

restrita. Taylor (1991), na sua análise do Baniwa do Içana, observou a mesma particularidade relativa a este som.

Exemplos:

[bi.tĩm.pé.da.ʝi] “areia”

[ta.bó.ka] “bambu”

[ʈ] alveolar retroflexa surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Está em variação livre com [t] quando é seguido por [a].

Exemplos:

[ʈa.bó.ka] “bambu”

[pa.wĩ.ní.ʈa.ka] “caçar”

[pa.ʈo.pí.ʈa.ka] “brincar

[d] alveolar sonora

Ocorre em sílaba inicial, medial ou final.

Exemplos:

[dé:.pi] “noite”

[ká^ʝ.da] “areia”

[ma.ká.da.ʝi] “grande”

[ho.ʝé.da.na^ʝ] “muitos”

[dó:.po] “calango”

[ɖ] alveolar retroflexada sonora

Ocorre em sílaba inicial, medial ou final. Está em variação livre com [d] quando seguido por [a].

Exemplos:

[ˈj a . má . ɖ a] “dois”

[ṭóˈj . ɖ a] “piolho”

AS AFRICADAS

[tʃ^h] alveo-palatal aspirada surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Está em variação livre com [tʃ] em sílaba não acentuada quando seguido da vogal [i].

Exemplos:

[péː . tʃ^h a] “dente”

[pa . tʃ^h u . wéː . ta . ka] “puxar”

[tʃ^h u . wé . wi] “fino”

[ká . tʃ^h i . ʎi] “jacaré” (~) [ká . tʃi . ʎi]

[kóː . tʃ^h i] “porco” (~) [kóː . tʃi]

[tʃ] alveo-palatal surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Está em variação livre com [tʃ^h] em sílaba não acentuada quando precedido da vogal [i].

Exemplos:

[tʃíː . no] “cachorro”

[tʃó:.me.tʃa] “perto”

[pa.tʃú.ta] “unha”

[tʃú:.tʃa] “pouco”

[ká.tʃ^hi.ɟi] “jacaré” (~) [ká.tʃi.ɟi]

[kó:.tʃ^hi] “porco” (~) [kó:.tʃi]

[dʒ] alveo-palatal sonora.

Ocorre somente em sílaba final. Ocorre em variação com [tʃa] em posição de sílaba final.

Exemplos:

[p^he.wí.dʒa] “cabeça”

[ká^j.dʒa] “areia”

[^ja.má.dʒa] “dois”

[hi.^wi.ɟí.dʒa] “estrela”

AS FRICATIVAS

[h] glotal sussurrada

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Em sílaba inicial está em variação com [f].

Exemplos:

[há^j.ko] “árvore”

[ɲ^é:hĩ] “estes”

[hi.wi.ɟí.da] “estrela”

[ná:.t^ẽ.he] “aqueles”

[ó.hõ] “sim”

[ɸ] glotal murmurada

Ocorre em posição de sílaba inicial, em variação com [h].

Exemplos:

[ɸá.mu] (~) [há.mu] “quente”

[ɸá:.ka.kẽ] “queimar”

[ɸá^j.ko] “árvore”

[hí.wa.ka^w] “vocês caem”

AS NASAIS

[ᵐ] bilabial surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. As vogais que a precedem podem possuir propriedade nasal.

Exemplos:

[ɰí:.ᵐẽ] “cinza” (~) [ɰí:.ᵐẽ]

[ᵐé:.ɰi] “tapioca”

[^ja.ᵐé.wi] “dois”

[m] bilabial sonora.

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Pode ocupar além da posição coda o *onset* silábico e, nesse caso, deixa de ocupar a posição coda da sílaba seguinte, após a queda do elemento nuclear vocálico desta sílaba.

Exemplos:

[pa.ɰu.^wẽ.mu.ka^w] “boiar”

[ɰi.^já.ma.ɰa.ka^w] “correr (água)”

[ma.du.^wá.da.ɹi] “curto”

[pí.mi] “beija-flor”

[me.tá.da.ɹi] “seco”

[pa.k^hēm.kē] “cheio”

[ŋ] alveolar surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[ŋú.ta.ko] “nariz”

[ŋúniɹi] “pai”

[ŋé:.hi] “estes”

[pa.dé:.ŋi.ka] “trabalhar”

[n] alveolar sonora.

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[nu.nú.ma] “boca”

[hi:.pé.na] “monte”

[pá^j.nũ] “esposa”

[nē.ɲá:.ka] “nós batemos”

[ɲ] alveo-palatal surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final com quaisquer vogais do sistema.

Exemplos:

[pe.^já:.ɲĩ.ka] “respirar”

[ɺí:.ɲa.kə] “ele come”

[ná:.ɲi.kə] “eles comem”

[ɲ] alveo-palatal sonora

Ocorre em sílaba inicial, medial e final, com todas as vogais do sistema.

Exemplos:

[wa.ɲi.wé.ta.kə] “nós contamos”

[ɲé.mə] “não”

[ɺĩ.ɲá:.kə] “bater”

O TEPE

[ɽ] tepe alveolar sonoro

Ocorre em variação livre com [ɺ] quando seguido de vogal não anterior.

Exemplos:

[ka.ma.ɺá.da] (~) [ka.ma.ɽá.da] “cupim”

[pa.ɺá.pa.kə] “dançar”

OS FLAPES

[ɺ̠] lateral retroflexado surdo

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Quando ocorre depois de silêncio, é seguido somente por vogais anteriores e, em outros ambientes, é precedido sempre por vogais posteriores.

Exemplos:

[ɺ̠í.ʝẽ.hĩ] “estes”

[ɟi. ʝá.tẽ.hẽ] “aquele”

[ɟí. ʝa] “ele”

[ɟ] lateral retroflexado sonoro

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Quando ocorre depois de silêncio, é seguido por vogais anteriores e, em outras posições, é precedido por vogais não anteriores.

Exemplos:

[a.wa.ká.da.ɟi.ko] “no mato”

[kó:.pa.ɟi] “carrapato”

[a.ɟí.da.ɟi] “tatu”

[wá:.ʝu.ɟi] “urubu”

[ɟí:.tẽ.ni] “cheiro”

AS APROXIMANTES

[ɰ] lábio velar surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[ɰa.pé:.ta.ka háʝ.ku] “nós queimamos o pau”

[páw.ɰa.kaʷ] “sentar”

[phá:.ɰe.ʔɛ] “costas”

[ká.ɰi.ka.p^hà:] “viver”

[w] lábio-velar sonora

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Excetuando as vogais posteriores, ocorre com todas as vogais do sistema.

Exemplos:

[pa . ka . wá : . pa] “perna”

[ɽi . pa . ʔo . wé . ta . ka] “ele aperta”

[pa . wá . wa] “barriga”

[we . pá : . ka . na] “nós batemos neles”

[p^he . wí . da] “cabeça”

[ɽ] alveo-palatal surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[ɽi . ʝo . ʔó . a . kaw] “ele está deitado”

[ɽúẽ . hi] “esta”

[pí . ʔo] “para mim”

[ɽ] alveo-palatal sonora

Ocorre em sílaba inicial, medial e final. Ocorrendo depois de silêncio, é sempre seguido por vogais posteriores, mas em outros ambientes não há restrições.

Exemplos:

[á : . ɽa] “tartaruga”

[á : . da . ʔo] “arara”

[há . ɽi . ɽi] “batata”

[pa . ʔa . ɽáw . ta . kẽ] “segurar”

[paw . ɽi . pá . da] “joelho”

[kú . ɽi . ka] “não é “

[ku.ɟĩm] “não”

[hé:ɟi] “sol”

[ɟ̥] palato-velar surda

Ocorre em sílaba inicial, medial e final, com todas as vogais do sistema, exceto precedendo vogal anterior alta.

Exemplos:

[pá.ɟa.pi] “tripa”

[ɟá:] “nós”

[pa.ɟo.pé.na] “figado”

[pé.ɟa.ka^w] “inchar”

[ɟ̥] palato-velar sonora

Ocorre em sílaba inicial, medial e final.

Exemplos:

[ɟi.ɟó.a.ka] “ele corta”

[ɟa.má.da] “dois”

[ɟé.ma] “fumo”

[ɟ̥] palato-velar sonora nasalizada.

Está em variação livre com [ɲ], quando é seguido de vogais não anteriores.

Exemplos:

[ɟám.tʃa] “não”

[ɟi.ɟá:.ka] “bater”

[ɟi.ɟu.wá.ka.ka^w] “ele está brigando”

QUADRO DOS SONS CONSONANTAIS

		bilabial	dental	alveolar	retroflexa	alveo- palatal	palato- velar	velar	glotal
oclusiva	aspirada	p ^h		t ^h				k ^h	
	não- aspirada	p	ṭ	t	t̠			k	
	sonora	b		d	d̠				
fricativa	sussurrada								h
	murmurada								ɦ
africada	aspirada					tʃ ^h			
	não- aspirada					tʃ			
	sonora					dʒ			
nasal	surda	m̥		n̥		ɲ̥			
	sonora	m		n		ɲ			
tepe				r					
flape lateral	surda			ɭ̥					
	sonora			ɭ					
aproximantes	surda	w̥				ɹ̥	j̥		
	sonora	w				ɹ	j		

3.3. SÍLABA

As sílabas seguem os padrões de atualização fonética que se definem a partir das categorias de C e V, onde C representa os elementos que podem aparecer no *onset* ou coda silábico e V representa os elementos que podem aparecer no núcleo silábico (onde (~) = alterna com).

Padrão CV

Exemplos:

[p^há: . w̥e . ṭe] “costas”

[ɲú . ^wa] ~ [ɲúa] “eu”

[p^hí.ja] ~ [p^hía] “você”

[tú^j.da] ~ [tu.í.da] “piolho”

Padrão CVC

Exemplos:

[nu.ká.pa.kẽ.n] (~) [nu.ká.pa.ka.ni] “Eu o vejo”

[nu.tó^j.dan] ~ [nu.tó^j.da.ni] “meu piolho”

Padrão V

Exemplos:

[í.ku.ɹi] “cabeça”

[i.tɹí.da] “jabuti”

3.4. ACENTO

Nos exemplos coletados notamos que o acento aparece em posições diversas nas palavras fonológicas. A contar da última sílaba o acento pode ocorrer em posição 1, 2, 3 e 4, conforme exemplificamos a seguir.

Posição 1

Exemplo:

[ku.ɹí[́]m] “não”
2 1

Posição 2

Exemplos:

[tú^j.da] “piolho”
2 1

[ma.ká.ne] “grande”
3 2 1

[hó. ɲε] “muitos, muito”
 2 1

Posição 3

Exemplos:

[ɲi^w. pá. ta. ka] “Ele corta”
 4 3 2 1

[ma. tʃi. já. da. ɲu] “bonita”
 5 4 3 2 1

Posição 4

Exemplos:

[ma. tʃi. já. pa. ɲu. pε] “boas, bonitas”
 6 5 4 3 2 1

[há. ɲε. pε. ɲi] “branco”
 4 3 2 1

O acento manifesta-se através do tipo *pitch-accent*. A maior proeminência corresponde à sílaba mais destacada perpeptualmente em comparação com as demais na palavra fonológica e é quase sempre a altura de voz que distingue as sílabas entre si.

No entanto, as especificações obtidas com o programa CECIL ilustram que acusticamente a sílaba mais proeminente pode se definir pela associação da altura de voz à intensidade, como no Gráfico 1 abaixo. Podemos observar que na palavra [maká^jtε], “grande”, a última e a antepenúltima sílaba são indiscriminadas entre si do ponto de vista da intensidade. A penúltima sílaba apresenta-se sob maior intensidade e ainda a freqüência demonstra-se maior.

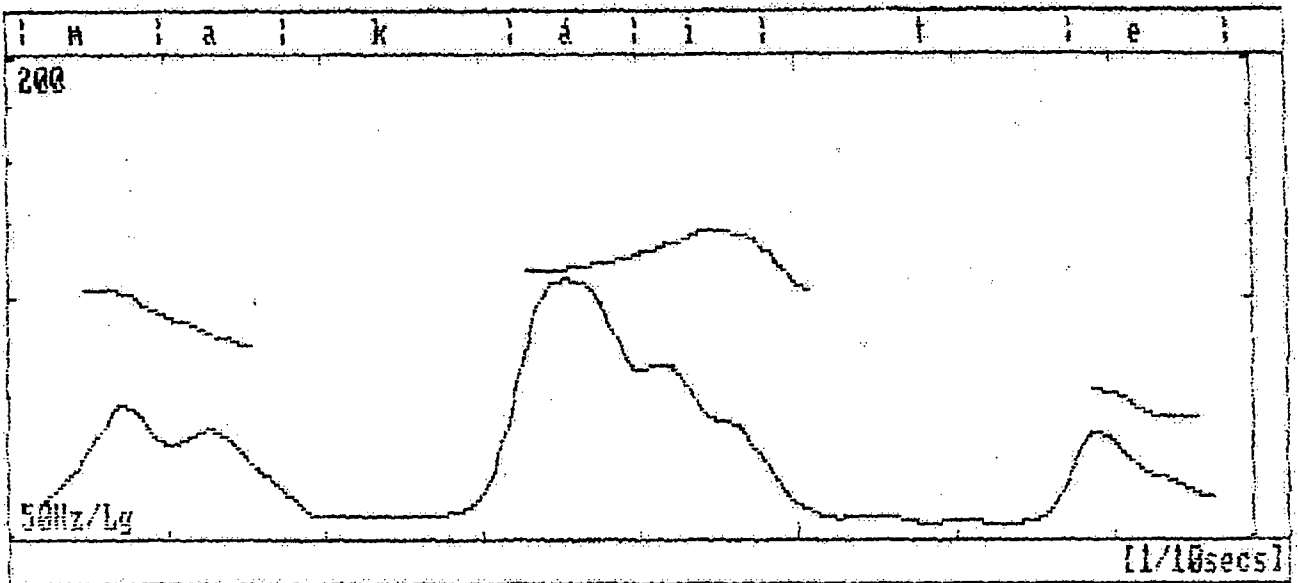


GRÁFICO 1 - ASSOCIAÇÃO DE INTENSIDADE À ALTURA DE VOZ

No Gráfico 2, porém, somente a altura de voz mostra-se relevante. A acento da sílaba de segunda posição da palavra [ɾí:pe], "carne", está dissociada da intensidade.

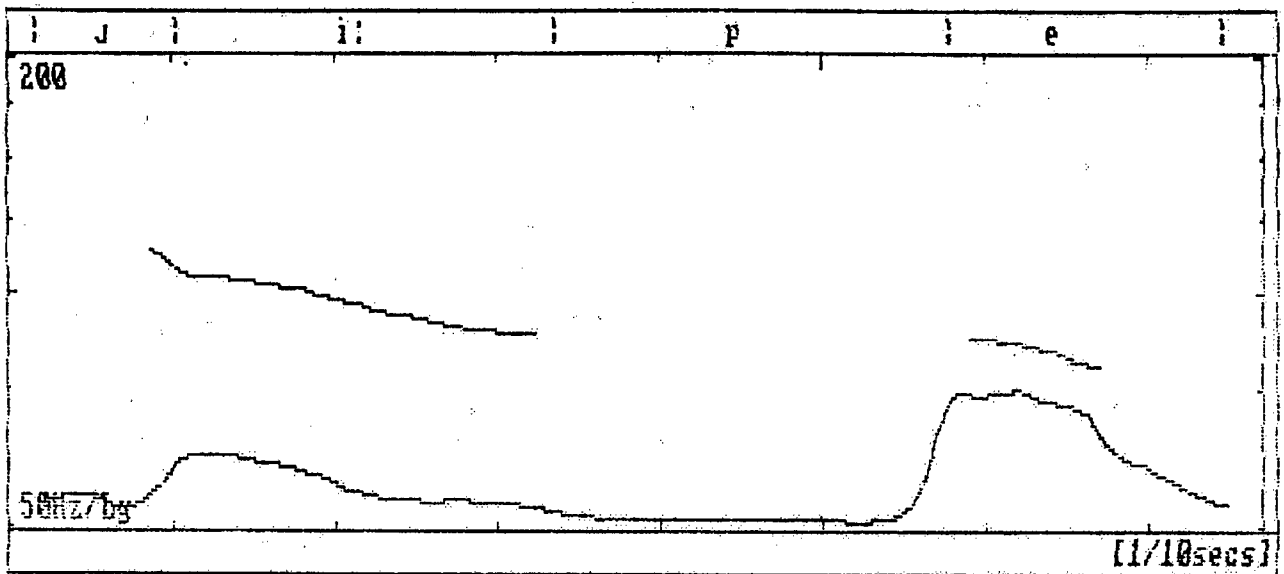


GRÁFICO 2 - DISSOCIAÇÃO DA ALTURA DE VOZ DA INTENSIDADE

4. ANÁLISE FONOLÓGICA

Apresentamos neste capítulo uma análise do sistema fonológico da língua Kurripáku nos seus níveis lexical e subjacente.

Primeiramente explanamos a respeito dos contrastes e alofones (seção 4.1); a seguir nos deteremos aos componentes fonológicos a partir de uma representação em multi-fileiras (*multi-tiered*) do sistema consonantal e vocalico (seção 4.2); e na seqüência caracterizamos as mudanças fonológicas (processos fonológicos), sejam as subordinadas a morfema interno, as de limite morfológico ou as isentas de contexto especificamente morfológico, com as respectivas regras que as definem (seção 4.3), considerando que o acento é crucial para o entendimento dessas mudanças.

Chamamos a atenção para o fato de as regras fonológicas de nível lexical (cf. Mohanan, 1984, 1986) poderem também aplicar-se ao nível pós-lexical, ou seja, ao nível de palavra (seção 4.3.1.4).

Apresentamos ainda a organização silábica (seção 4.4) e propomos as regras de sua reestruturação, uma vez que o padrão seja modificado.

O sistema acentual pode ser visto na seção 4.5, ao qual incorporamos a noção de extrametricidade.

Por fim apresentamos os empréstimos de língua portuguesa na língua Kurripáku (seção 4.6). Notamos que as várias possibilidades observadas deixam claro que o sistema lingüístico indígena nativo, seja do ponto de vista dos seus componentes fonológicos ou de sua representação métrica, tem preponderado sobre os empréstimos do português e que as características mais próximas da língua não-nativa podem significar níveis de bilingüismo de cada informante.

4.1. CONTRASTES FONÊMICOS E ALOFONES

Os contrastes consonantais fonêmicos em Kurripáku podem ser observados a partir dos exemplos semelhantes entre si expostos em (1):

(1)

/p/

[ɽí:pe] “carne”

[pé:maka] “ficar em pé”

[páʝnuka] “matar”

[tó:pi] “camaleão”

/t/

[á:ti] “formiga”

[á:te] “bicho preguiça”

/d/

[dé:ɽi] “banana”

/h/

[áhĩ] “aqui”

/m/

[pĩmi] “beija-flor”

/n/

[nunúma] “eu venho”

/p/

[ɽipá:ka] “bater”

/n/

[nánuka] “eles vieram”

[ĩ:naɽúda] “menina”

/ɽ/

[ɽí:tēni] “cheiro”

/ph/

[ɽíp^hε] “pena”[p^hémaka] “ouvir”[p^háʝpa] “pé”[tóph*h*i] “esteio”

/t̥/

[ɽí:t̥i] “banha” (dele)

[ʝá:t̥e] “tucano”

/n/

[né:ɽi] “veado”

/ʝ̣/

[áʝ̣i] “cará”

/ṃ/

[ɽí:ṃē] “fogo”

/ṇ/

[ṇútako] “nariz”

/p̣/

[ɽị́paka] “ele come”

/p̣/

[p̣áme] “não”

[ị̃naɽúda] “porco espinho”

/ɽ̣/

[ɽ̣ị́ʝa] “ele”

/ɟ/

[ɟukápaka] “ela vê”

/j/

[nupé^juka] “eu gosto”

/t/

[té:ko] “longe”

/t̥/

[hí:pa_̣ti] “pé”

/tʃ/

[tʃák^ha] “também”

/k/

[dúki] “cobra coral”

[kemanádaɿi] “afiado”

/w/

[kú:we] “saúva”

[wápé:taka] “queimar”

/ɟ/

[ɟúēhi] “esta”

/j/

[pé^jaka^w] “inchar”/t^h/[t^hewéna] “amanhã”/t^h/[pát^hi] “olho”

/t/

[táwaɿi] “

/k^h/[i^jáɿak^hi] “caxiri”[k^hé^jatʃa] “apresse-se”

/w/

[kúwε] “pica-pau”

[weɲá:ka] “bater”

Daí propomos as consoantes em nível lexical:

(2)

p	t	t̃	k
p ^h	t ^h		k ^h
	d		
			h
		tʃ	
m	n	ɲ	
ṃ	ṇ	ɲ̣	
	ɹ		
	ɹ̣		
w		ɹ	j
ẉ		ɹ̣	j̣

O sistema de vogais lexicais (ou fonêmicas) pode ser visto em (3), com os respectivos exemplos:

(3)

/i/	/i:/
[ɹínuka] “ele vem”	[ɹí:nuka] “ele mata”
[ɹíɲaka] “ele bate”	[ɹí:ɲaka] “ele come”
[iɲaɹúda] “porco espinho”	[i:naɹúda] “menina”
[ínuma] “estão tristes”	[ĩ:nuka] “vocês matam”
/e/	/e:/
[héɹi] “mutuca”	[hé:ɹi] “sol”
[nukéta] “eu encontro”	[nuké:ta] “eu reparto”
[hémaɹi] “abiu ou abio”	[hé:ma] “anta”

/u/	/u:/
[úmapi] “minhoca”	[ú:ni] “água, rio”
/a/	/a:/
[kápiwaɪi] “macacheira”	[nuká:pi] “minha mão”

As vogais nasalizadas que podem ser vistas em (4), advém do processo de espraiamento nasal que se realiza opcionalmente a nível pós-lexical (os casos de aparente condicionamento pela presença de fricativa glotal são vistos na seção 4.3.1.4):

(4)

/a/

[ẽ]

/makáne/

/e/

[ẽ]

/makáne_{ni}/ “ele é grande”

/i/

[i]

/ɪ́nuka/ “ele vem”

/u/

[ũ]

/nũnúma/ “minha boca”

[a]

/makák^hai/ “grande”

[e]

/makáne/ “grande”

[i]

/nuṭuídani/ “meu piolho”

[u]

/nuṭuídani/ “meu piolho”

As atualizações vocálicas seguintes manifestam traços redundantes, admitindo-se que são selecionados irrestingivelmente a princípio. Concebemo-las deste modo por desconhecermos até o momento quaisquer parâmetros que as selecione na fala. Vejamo-las em (5):

(5)

/e/

[e] (~) [ɛ]

[pẽnáp^he] (~) [pẽnáp^hɛ] “folha”

[té:ku] (~) [tɛ:ku] “longe”

/u/

[u] (~) [o] (~) [ɔ]

[hámu] (~) hámo (~) hámoɔ “quente”

[patʃúta] (~) [patʃóta] (~) [patʃóta] “unha (de alguém)”

4.2. NÍVEL SUBJACENTE

As menores variações alofônicas de [e] versus [ɛ] e [o] versus [ɔ] versus [u] vistas em (5), ilustram a redundância de graus de abertura. Reconhecemos dois graus de abertura subjacente constituindo um sistema binário, ou seja [+ aberto], [- aberto].

Também ficou evidenciada a redundância de grau de abertura que caracteriza [ɛ] e [ɔ] no sistema fonológico ao observarmos a dificuldade com a qual um dos nossos informantes podia diferenciar palavras da língua portuguesa como “seu” – “céu” e “lotar”- “lutar”.

Admitimos seres /e u/ a representar os elementos subjacentes e não /ɛ ɔ/ devido ao fato de os últimos não admitirem a nasalização, ou seja * [ẽ] e * [õ], o que restringe seu ambiente de ocorrência, ao contrário dos primeiros.

(6)

a. [jẽnipɛ] (~) [jénipɛ] (~) [jénipɛ] (* [jẽnipɛ])
“criança”

b. [ê:nu] (~) [é:nu] (~) [é:nu] (* [ê:nu]) “céu”

c. [ú:ni] (~) [ú:ni] (~) [ô:ni] (~) [ó:ni] (~) [ó:ni] (* [ô:ni])

As características de ensurdecimento vocálico detalhada no Capítulo 3, por também ser redundante no sistema fonológico subjacente, não é tratada aqui.

Assim chegamos ao sistema subjacente que descreveremos a seguir:

4.2.1. Vogais Subjacentes

Estabelecemos os traços necessários para representar a estrutura vocálica subjacente (cf. parâmetros em Clements, 1985, 1991a e b):

	i	e	u	a
coronal	+	+	(-)	(-)
dorsal	(-)	(-)	+	+
aberto	-	+	-	+

Os traços entre parênteses destacam a seguinte redundância:

+ coronal → - dorsal

+ dorsal → - coronal

que nos leva à seguinte matriz:

	i	e	u	a
coronal	+	+		
dorsal			+	+
aberto	-	+	-	+

Consideramos que /a/ possui propriedade dorsal em nível subjacente face ao seu comportamento semelhante a da única outra vogal dorsal em relação aos processos fonológicos. A palatalização, por exemplo, ocorre em ambiente s de vogais coronais, sendo as outras vogais isentas, inclusive a vogal [a].

Quando este elemento precede uma consoante nasal costuma ter sua altura modificada, ou seja, torna-se menos baixa conforme (7):

(7)

a. [makẽne] (~) [makéne] (~) [makáne] “grande”

b. [ẽmakouiko] (~) [émakouiko] (~) [ámakouiko] “rede”

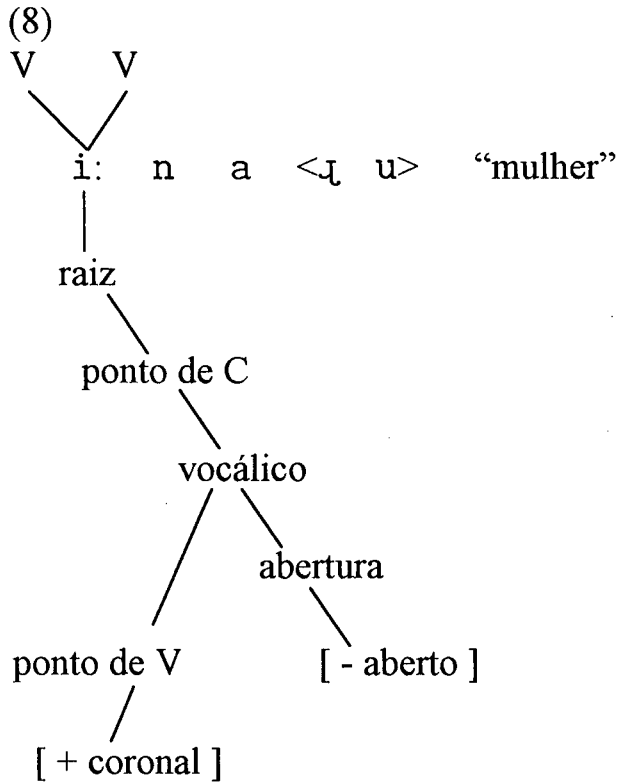
c. [nẽme] (~) [néme] (~) [náme] “não”

4.2.1.1. Duração vocálica

Constatamos vogais longas subjacentes em formas tautomorfêmicas e são representadas nos parâmetros não-lineares.

A existência de vogais longas em formas heteromorfêmicas – quando uma das vogais é acentuada em nível subjacente ou se no momento da derivação acentual recebe acento, mostra a existência de geminadas que têm origem em processos fonológicos os quais serão tratados em 4.3.

São, portanto, as vogais longas representadas através da associação de duas posições V na fileira CV, ou seja, representam as duas moras (durações) que caracterizam um dos contrastes vocálicos no sistema Kurripáku. Podemos observar que uma vogal longa como [i:] da palavra /ií:naɟu/ é representada (cf. Goldsmith, 1991 e Clements, 1991a) em (8):



4.2.2. Consoantes Subjacentes

	p	t̚	t	d	k	h	tʃ	m	n	ɲ	ɹ	ʎ	j	w
soante	-	-	-	-	-		-	+	+	+	+	+	+	+
sonoro				+										
nasal								+	+	+				
contínuo							+							
lateral												+		
labial	+							+						
coronal		+	+	+					+					+
anterior		+												
dorsal					+		+			+		+		+
glote dilatada						+								

O traço [anterior] distingue as duas consoantes [t̚] e [t] ao mesmo tempo que o traço [coronal] as assemelha. Isto é coerente com a unidade que se mantém entre essas consoantes quando do processo de assimilação de [h], havendo

neutralização entre elas, em termos informais do seguinte modo: $t̥ \rightarrow [t^h]$ e $t \rightarrow [t^h]$. Observemos os exemplos em (9) (onde a coluna a direita mostra uma concatenação do sufixo perfectivo (futuro) [hini]):

(9) [ɟúɟit̥a] “ela raspa” \rightarrow [ɟúɟit^hẽka] “ela ainda não raspou”

A estrutura subjacente da raiz verbal é [hiɟi] e [t̥a], um sufixo temático (st).

Notemos agora as propriedades consonantais em (10) (cf. Capítulo 3):

(10) p^h, t^h, k^h, m̥, n̥, ɟ̥, ɟ̥, j̥, w̥

Os contrastes observados na seção 4.1 são oriundos de processos que veremos na seção (4.3) e são redundantes em nível subjacente, uma vez que estamos admitindo que o traço [+ glote dilatada] que caracteriza o [h] é assimilado regressivamente pelas consoantes [α soantes] e constitui um dos momentos dos processos.

As evidências de contexto da consoante “fricativa glotal” em nível fonético, detalhadas no Capítulo 3, levou-nos a testar a hipótese de aquelas manifestações consonantais poderem ser derivadas por regras.

A “lacuna” aparente quanto a seu contexto é portanto vista como resultado de processos fonológicos. O nosso argumento quanto a essas consoantes possuírem o traço [+ glote dilatada], manifestado foneticamente como ensurdecimento e aspiração, é em função das restrições de ocorrências desse som.

Os contextos superficiais com a presença da referida consoante restringem-se a início de palavra fonológica (11), à posição medial de palavra fonológica (12) ou à posição final na cadeia sufixal (ver lista de abreviaturas e convenções para a leitura das categorias gramaticais).

(11)

a. hiipái

hi:pa -l

terra st

[hi:pá^j]

“terra”

b. húje

huje

[hóje]

“muito, muitos”

c. hapédaɿi

hape -da <-ɿi>

frio c06 : geral gen : m

[hapédaɿi]

“frio”

(12)

a. úhu

uhu <-ni>

sim st

[óhō] (~) [úhū]

“sim”

b. úhudeka

uhu <-ni> <-de> <-ka>

sim st hab mod

[óhōdeka] (~) [úhūdeka]

“sim”

(13)

a. ɿiátehe

ɿi- há <-te> <-hini>

3s deit dist dem

[ɿi^játēhē]

“aquele”

4.3. PROCESSOS FONOLÓGICOS

Os processos fonológicos no contexto de estudos sobre os dialetos Baniwa e Kurripáku suscitam interesses por constituírem-se em um dos aspectos mais complexos da fonologia (Taylor, 1991; Angenot *et alli*, 1992).

No trabalho pioneiro de Taylor (1991), são reconhecidas as mudanças vocálicas em fronteiras morfológicas sem que sobre elas se tivesse chegado a alguma conclusão definitiva quanto à natureza das diferentes atualizações de uma mesma representação vocálica subjacente. É desse trabalho que surgem as primeiras hipóteses a respeito desses processos quanto à interferência acentual. Outros processos, como o de nasalização vocálica, são tratados sob dependência de consoantes nasal e fricativa glotal, e a palatalização é admitida nos mesmos contextos a que chegamos neste nosso trabalho, contudo buscamos caracterizar o processo a partir dos **componentes que formam os elementos que deles participam**.

Em Angenot *et alii* (1992) exploramos de maneira preliminar o sistema fonológico subjacente a partir das primeiras evidências do comportamento dos processos. Os processos fonológicos observados nesta dissertação constituem mudanças cujos domínios buscaremos caracterizar a partir da fonologia lexical. Cada processo possui conseqüência determinada, isto é, relaciona-se com outros processos de outro domínio estrutural da língua.

Em Kurripáku os processos envolvem mudanças vocálicas e consonantais. Alguns deles abrangem as séries de [α soantes] que dependem da presença de um traço [+ glote dilatada] que lhes é incorporado numa articulação complexa.

A consoante [h] é a única das existentes na língua a não possuir constrição na cavidade oral e, portanto, permite que vogais possam se influenciar mutuamente (cf. Clements, 1991:108-109). Uma vez que haja dissociação de Vs anteriormente associados é criada uma estrutura CC, cujo segundo C é sempre [h]. Ocorre

imediatamente a reestruturação silábica, o que leva às atualizações como ensurdecimento ou como aspiração nas consoantes, de acordo com as fileiras associadas [+ soante] e [- soante], respectivamente, do primeiro C mencionado acima.

A consoante ligada ao nó laríngeo não possui constrição na cavidade oral e esta característica lhe possibilita a transparência à assimilação de vogais entre si. O espriamento de nasal se dá também em contexto da consoante fricativa glotal, conforme podemos observar na seção 4.2.4.

Consoantes que possuem os traços de cavidade oral (ponto de C: labial, dorsal, etc.), ao contrário, não permitem que lhes seja espriado nenhum traço.

Clements (1991a:102-112) reforça suas hipóteses a respeito dos tipos de constituintes que compõem a representação fonológica hierárquica através das regras que bloqueiam ou espriam nos (*nodes*). Em suas palavras: “*theory of feature organization must not only be able to predict the nodes that spread together, it must also predict which nodes block spreading*” (p. 106).

Conjuga-se a esta consideração de natureza teórica, o princípio do não cruzamento de linhas (*No Crossing Condition – NCC*), que diz que linhas não podem cruzar no plano (“*each tier is said to define a **plane** with its immediately superordinate tier, that is, the tier to which association are allowed*” – Clements, *ib.*:102), o que, segundo o autor, leva à diversas predições teóricas. Uma delas, é que a assimilação total de ponto de articulação seja restrita às consoantes que estejam imediatamente adjacentes, o que implica que ao intervir uma consoante ou vogal é imposto o bloqueamento. Porém isto não acontece se tratarem-se de consoantes sem constrição na cavidade oral.

Comparando-se os exemplos (14) e (15) que apresentam as mesmas condições estruturais morfológicas (prefixo + raiz (st)) diferenciando-se nos tipos de consoantes, percebe-se que no exemplo (14) não há mudança vocálica quando

consoante com restrição na cavidade oral (c.o) está adjacente, não sendo o caso de (15) (cf. Clements, ib.:109):

(14)

*

[p a] [m a t a] [k a] <[k a]> <[n i]>

$\begin{array}{cccc} | & | & | & | \\ \text{c.o} & \text{c.o} & \text{c.o} & \text{c.o} \end{array}$

Ponto-C Ponto-C Ponto-C Ponto-C

“rachar”

(15)

[p a] [h i pa]

$\begin{array}{ccc} | & | & | \\ \text{c.o} & \text{c.o} & \text{c.o} \end{array}$

“pegar”

Podemos nos ater aos processos fonológicos, sendo seu domínio especificado no momento que se fizer oportuno.

4.3.1. Assimilação Vocálica

A assimilação é entendida de modo geral como um tipo de processo fonológico. Privilegiam-se no modelo da teoria de traços geométricos os processos, assim a assimilação acaba por ter seu escopo ampliado. Qualquer constituinte na estrutura hierárquica *potencialmente* pode ser tratado como assimilação, sendo necessário que se defina este constituinte. Assim, assimilação vocálica induz à existência de algum traço que se associa a algum constituinte (traço, nó) de um V.

São incluídas no processo de assimilação vocálica em nossa análise da língua Kurripáku as possibilidades de coalescência, ditongação e alongamento vocálico, pois cada uma delas implica um tipo de assimilação.

A coalescência abrangerá o processo de elisão, isto porque nos casos de $[i] [i] \Rightarrow [i]$ e $[a] [a] \Rightarrow [a]$ as atualizações fonéticas são concebidas como possuindo os traços comuns de Vs, embora esses traços sejam idênticos no início e final do processo.

A coalescência indica uma assimilação de traço(s) de um determinado segmento, levando os elementos que participam do processo a tornarem-se uma unidade; a ditongação indica uma assimilação onde os elementos (diferenciados entre si) mantêm-se sob os mesmos traços, tornando-se uma unidade; e o alongamento implica, da mesma maneira que a ditongação, na manutenção dos idênticos traços iniciais tornando-se uma unidade.

Informalmente podemos ter as seguintes possibilidades estruturais em Kurripáku (16):

(16)

- a. $[a] + [a] = [a]$; $[a] + [a] = [a:]$
 $[a] + [i] = [e]$; $[a] + [i] = [a^j]$
 $[i] + [i] = [i]$; $[i] + [i] = [i:]$
- b. $[a] + [e] = [e:]$
 $[u] + [i] = [u]$; $[u] + [i] = [u^j]$
 $[u] + [i] = [i]$
- $[u] + [u] = [u]$; $[u] + [u] = [u^j]$
 $[a] + [u] = [a^w]$
 $[i] + [u] = [i^w]$

Se observarmos o paradigma em (17) evocam-se algumas considerações:

(17)

a. itʃída [itʃída] “jabuti”

→ nu- itʃida <-ni> [nutʃídani] “meu jardim”

1s jabuti sp

b. íkuɿi [íkuɿi] “cabeçudo”

→ nu- íku -ɿi [nu^jkuɿi] (~) [nuíkuɿi] “cabeçudo”

1s cabeçudo st

Como se prevê a atualização sob forma de ditongação e não coalescência? Primeiramente é preciso levar em consideração o acento. Os exemplos em (17b) evidenciam a ditongação pela existência da vogal da raiz que suporta o acento, o que não constitui o caso de (17a). Contudo se observarmos (18):

(18)

a. íta “canoa” [íta]

b. nútani “minha canoa” → [nútēni] e * [nú^jtēni]

c. wátani “nossa canoa” → [wátēni] e * [wá^jtēni]

esses exemplos nos mostram que apesar de “ita” ser acentuada, num determinado nível sua estrutura subjacente é não-acentuada. Se admitimos isso, então podemos deduzir o porquê de não encontrarmos as formas na coluna à direita em (18), ou seja, a ditongação.

Para dar conta de exemplos como (18) admitiremos a existência de raízes acentuadas e não-acentuadas em nível subjacente. As acentuadas manterão o padrão paroxítono e as não-acentuadas o mesmo padrão, mas por regra de atribuição acentual no segundo estrato (cf. seção 4.5).

Assim, por não podermos prever quais as raízes que serão acentuadas em nível subjacente e sendo a acentuação para alguns casos, como no exemplo acima,

atribuída devido a informações lexicais, as regras que evidenciarão esses processos serão aplicadas em nível lexical.

As possibilidades de assimilação de vogais contíguas em Kurripáku são:

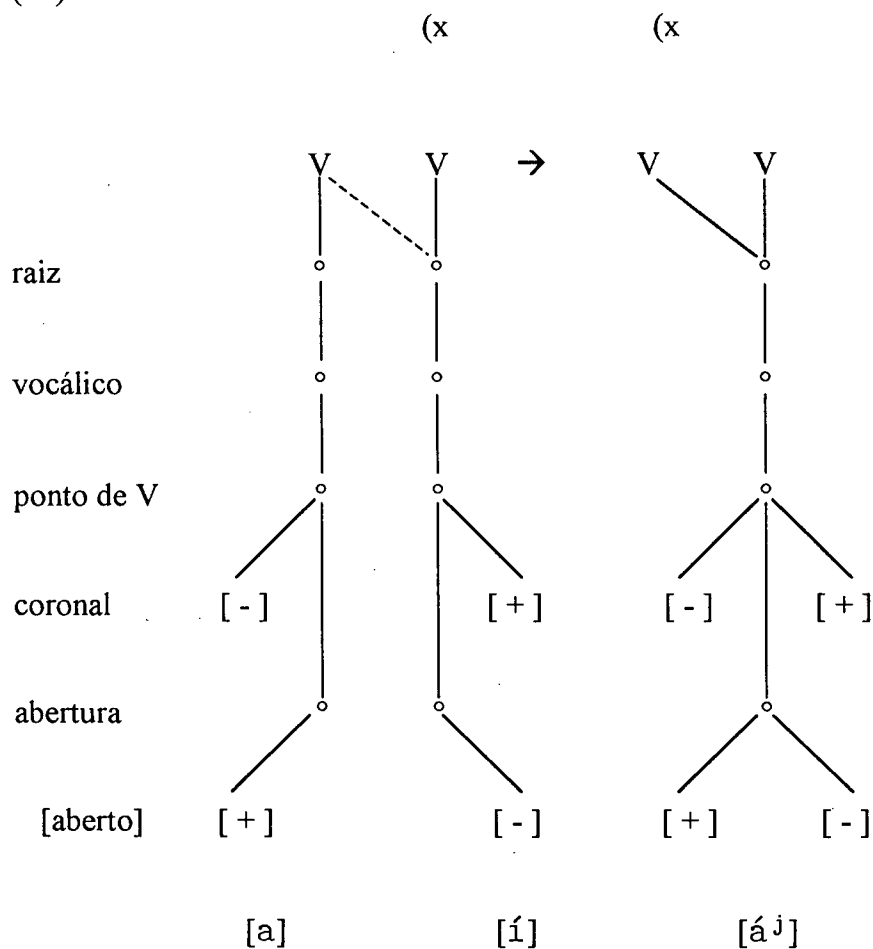
- 1) traços da vogal ligados à raiz (assimilação total), com permanência (ditongação/alongamento) ou conseqüente desligamento dos traços anteriormente associados (coalescência);
- 2) assimilação do nó vocálico (assimilação de uma das características segmentais), traços [α coronal] e [+ aberto] (coalescência).

Poderíamos propor uma única regra para cada processo, fazendo uso de notações do tipo [α F], [β F], [$-\alpha$ F] ou [$-\beta$ F] para recuperar as mudanças de traços na aplicação da regra. Como nossa intenção nesse trabalho é capturar a **especificidade dos processos**, achamos que desmembrar as diversas operações das regras de acordo com traços que definem cada V membro do processo poderia mostrar de maneira mais detalhada as diversas possibilidades de mudanças vocálicas, sem causar qualquer incoerência na aplicação do modelo adotado e na análise dos fatos analisados sobre a língua. Cada etapa do processo é ilustrada com exemplos.

A partir disso podemos propor as regras que devem ser aplicadas em nível lexical e aparecem numeradas em algarismos romanos.

4.3.1.1. Ditongação vocálica

(I)



Exemplos:

(19) paínu [pa] [ínu] → atribuição acentual [pa] [ínu] →
 4p matar

[pá^jnu] “matar”

(20) apaíta [apa] [íta] → atribuição acentual [apa] [íta] →
 [apá^jta] “um”

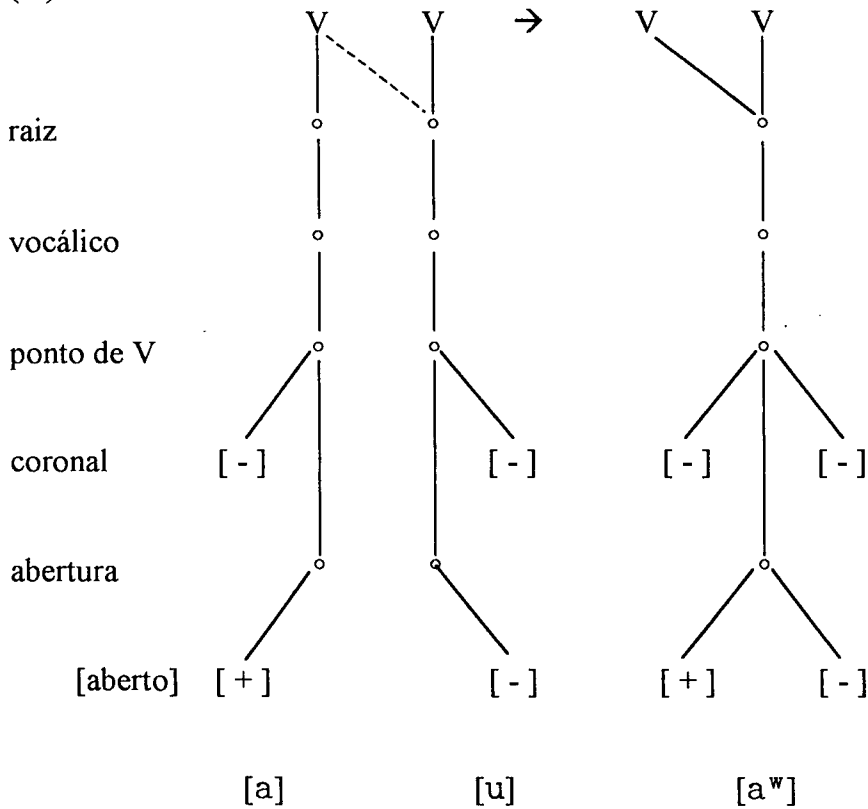
cf. [matʃía] → [matʃía]

[matʃia] [ita] [i] → matʃiéte (processo que será visto adiante)

(21) ʃamaita [ʃama] [ita]

atribuição acentual [ˈama] [íta] → [ˈamaíta] “dois”

(II)



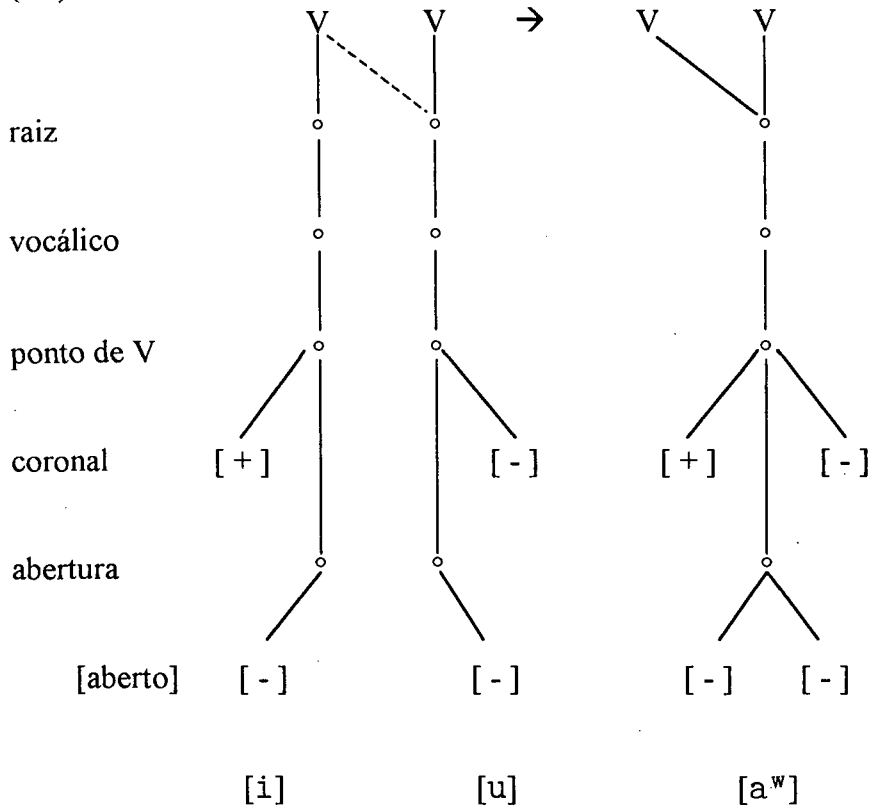
Exemplos:

(22) paupátaka → [pa] [upa] [ta] <[ka]> →
 atribuição acentual [pa] [úpa] [ta] <[ka]> →
 [pa] [upá] [ta] [ka] → [pawpátaka] “coçar”

(23) paúkakani → [pa] [uka] [ka] [ni] →
 atribuição acentual [pa] [úka] <[ka]> <[ni]> →
 [páwkakēni] “lançar”

(24) Jiwaupíakau → [ɟi] [waupi] [a] <[ka]> <[u]> →
 atribuição acentual [ɟi] [waupi] [a] <[ka]> <[u]> →
 [ɟiwaʷpíakaʷ] “ele pensa”

(III)



Exemplos:

(25) piúkakani → [pi] [uka] [ka] [ni]

atribuição acentual → [pi] [úka] <[ka]> <[ni]>

[píwkakēni] “você o lança”

(26) papitʃiúkakani → [pa] [pitʃiu] [ka] [ka] [ni] →

atribuição acentual → [pa] [pítʃiu] <[ka]> <[ka]> <[ni]>

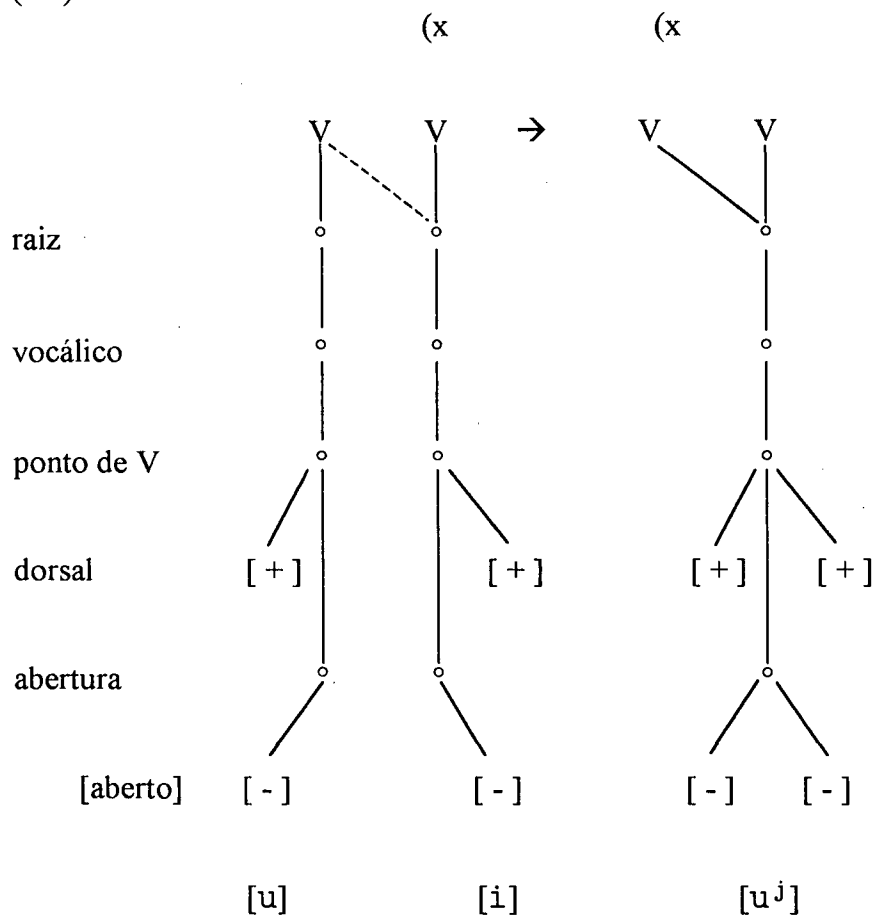
[papitʃí^wkakēni] “espremer”

(27) Jiúpataka → [ʒi] [upa] [ta] [ka] →

atribuição acentual [ʒi] [úpa] <[ta]> <[ka]> →

[ʒí^wpataka] “ele coça”

(IV)

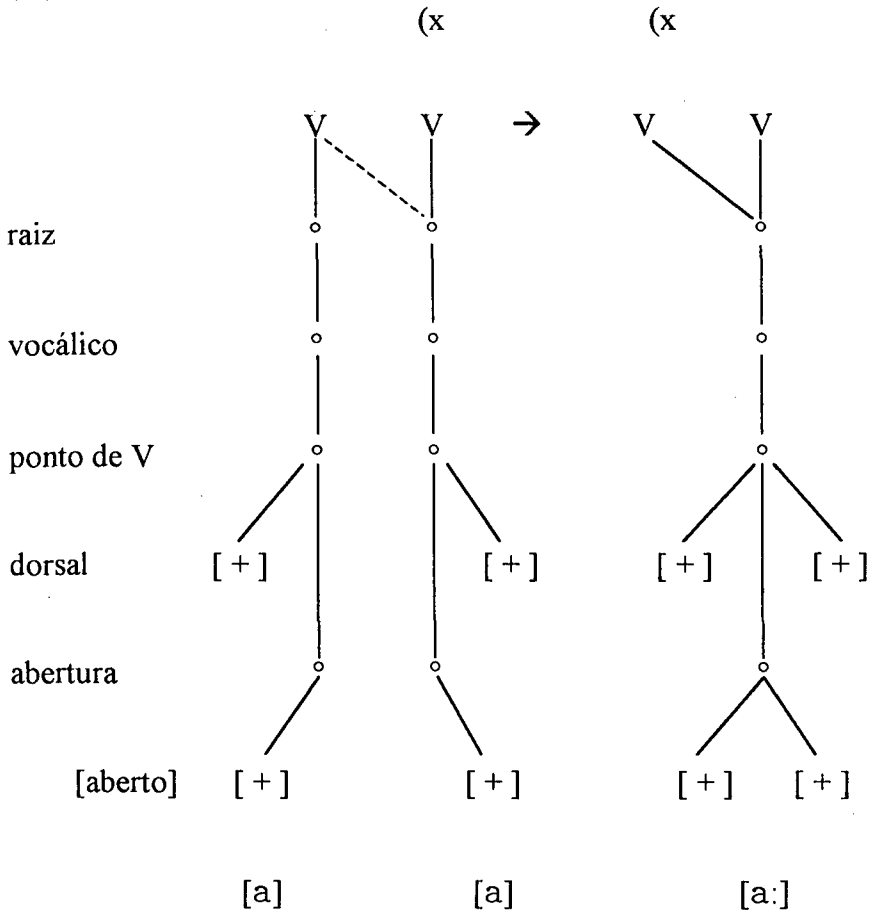


Exemplos:

- (28) padúitaka → [pa] [dui] [ta] [ka]
 atribuição acentual [pa] [dúi] <[ta]> <[ka]>
 [padú^jtaka] “empurrar”
- (29) nuínu → [nu] [ínu] → [nú^jnu] “eu mato”

4.3.1.2. Alongamento vocálico

(V)



Exemplos:

(30) kaáku → [ka] [áku] → [ká:ku] “falar”

(31) nuṇáa → [nu] [iṇa] [a] →

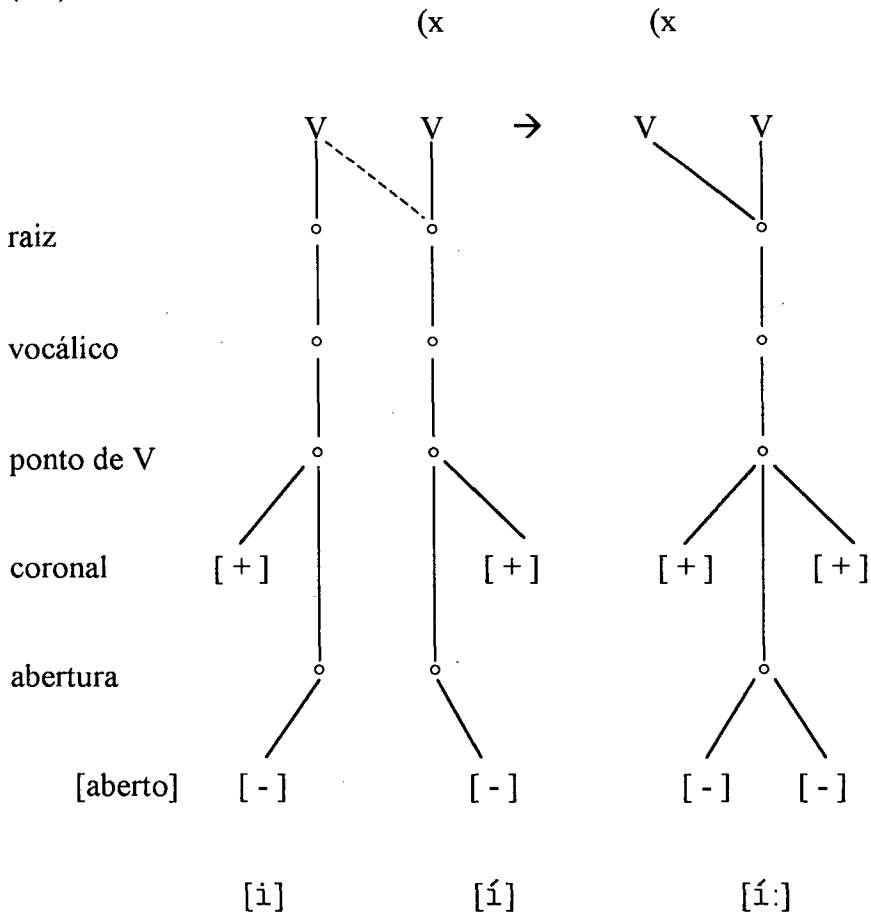
atribuição acentual [nu] [iṇá] [a] → [nuṇá:] “eu bato”

(32) ɿimáaka → [ɿi] [ima] [a] [ka] →

atribuição acentual [ɿi] [imá] [a] <[ka]> →

[ɿimá:ka] “ele dorme”

(VI)



Exemplos:

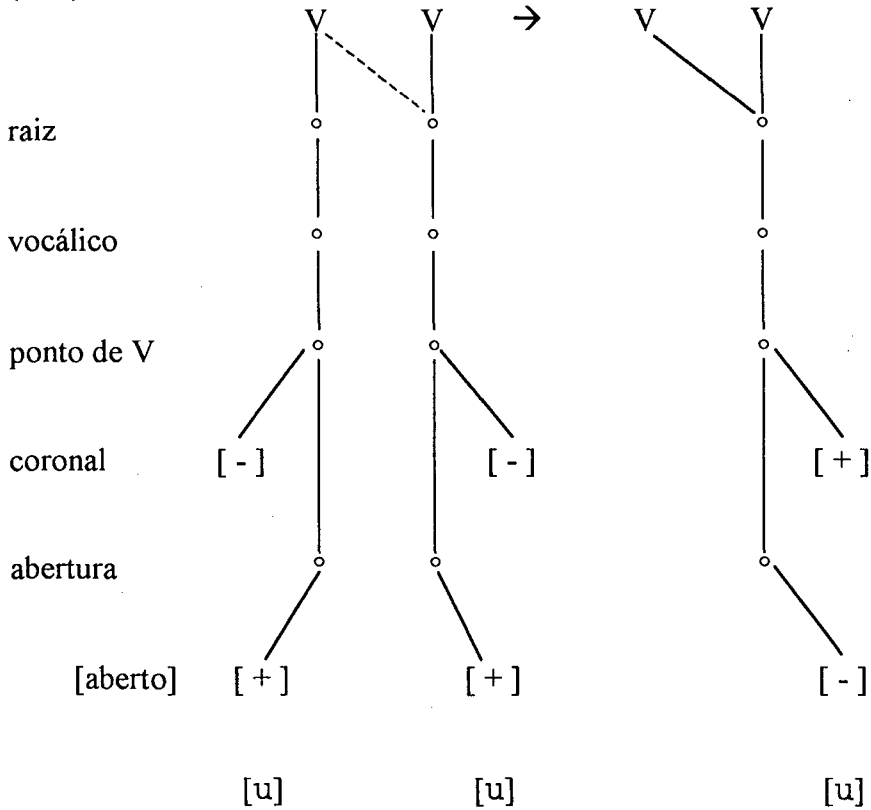
(33) $\text{jií}\grave{\text{t}}\text{i} \rightarrow [\text{ji}] [\text{i}\grave{\text{t}}\text{i}] \rightarrow$ atribuição acentual $[\text{ji}] [\text{í}\grave{\text{t}}\text{i}] \rightarrow$
 $[\text{ɰí}:\grave{\text{t}}\text{i}]$ “gordura dele”

(34) $\text{jií}\grave{\text{t}}\text{aka} \rightarrow [\text{ji}] [\text{í}\grave{\text{t}}\text{a}] \langle [\text{ka}] \rangle \rightarrow$
 atribuição acentual $[\text{ji}] [\text{í}\grave{\text{t}}\text{a}] \langle [\text{ka}] \rangle \rightarrow [\text{ɰí}:\text{taka}]$ “ele fumaça”

(35) $\text{jií}\text{wi} \rightarrow [\text{ji}] [\text{í}\text{wi}] \rightarrow$ atribuição acentual $[\text{ji}] [\text{í}\text{wi}] \rightarrow$
 $[\text{ɰí}:\text{wi}]$ “flor dele”

(36) $\text{jií}\text{tani} \rightarrow [\text{ji}] [\text{ita}] \langle [\text{ni}] \rangle \rightarrow$
 atribuição acentual $[\text{ji}] [\text{íta}] \langle [\text{ni}] \rangle \rightarrow [\text{ɰí}:\text{tani}]$ “cheiro dele”

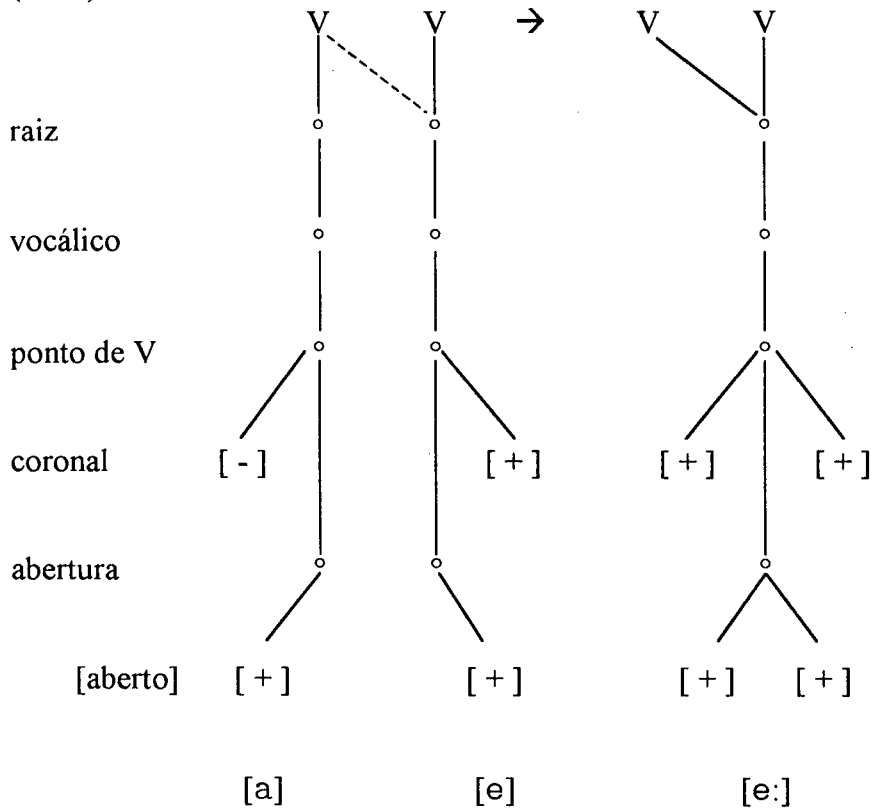
(VII)



Exemplos:

- (37) nú:kakani → [nu] [uka] [ka] [ni] →
 atribuição acentual → [nu] [úka] <[ka]> <[ni]> →
 [nú:kakēni] “eu o lanço”
- (38) nuú:maka → [nu] [uma] [ka] →
 atribuição acentual → [nu] [úma] <[ka]> →
 [nú:maka] “eu quero”
- (39) nuú:pataka → [nu] [upa] [ta] [ka] →
 atribuição acentual → [nu] [úpa] <[ta]> <[ka]> →
 [nú:pataka] “eu coço”

(VIII)

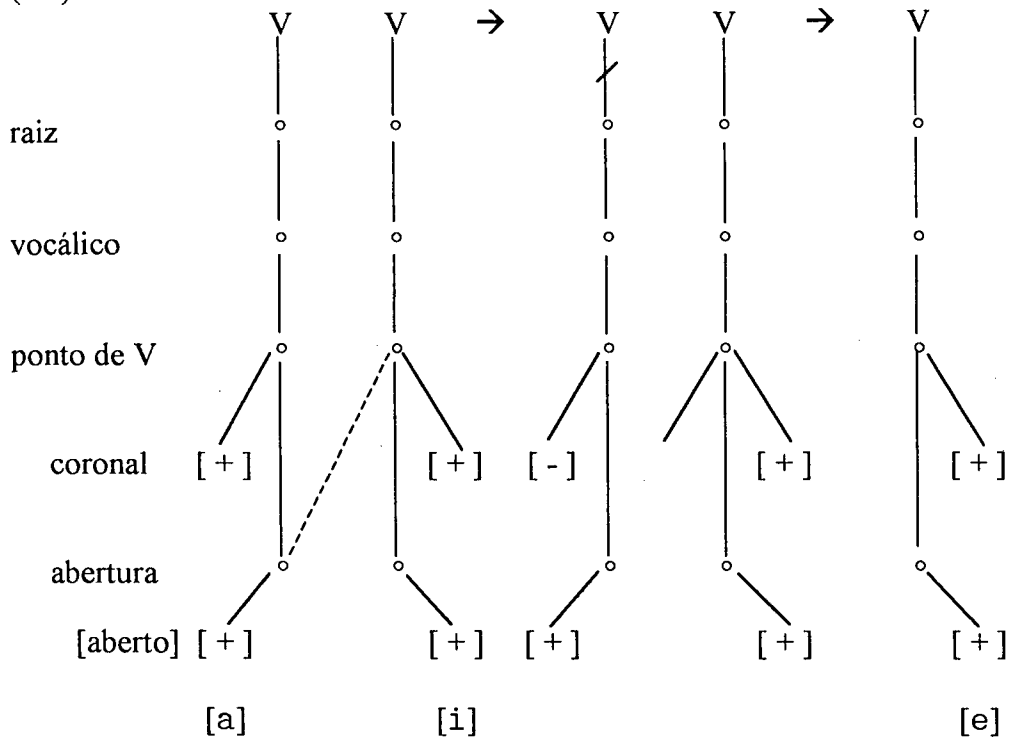


Exemplos:

- (40) pameétatakani → [pa] [ma] [e̞ta] [ta] [ka] [ni] →
 atribuição acentual [pa] [ma] [é̞ta] <[ta]> <[ka]> <[ni]> →
 [pemé:̞tatakani] “secar”
- (41) peémaka → [pa] [ema] <[ka]> →
 atribuição acentual [pa] [ema] <[ka]> →
 [pé:maka] “ficar em pé”

4.3.1.3. Coalescência vocálica

(IX)



Exemplos:

(42) képeka [ka] [ipe] [ka] →

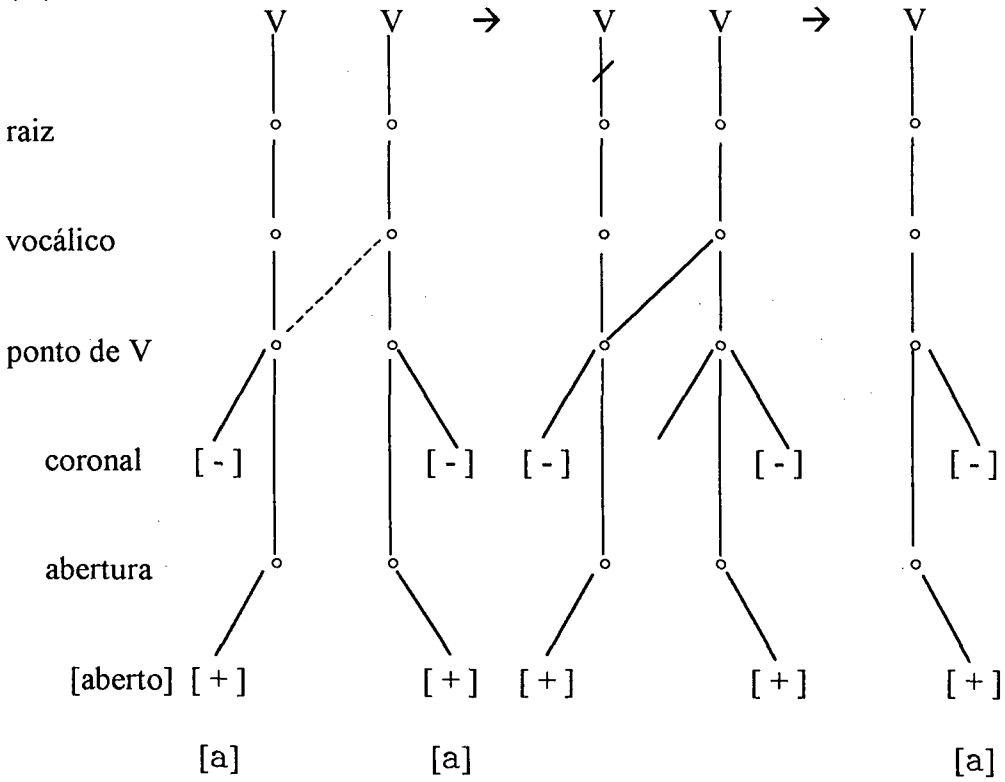
coalescência vocálica [kepe] <[ka]> → [képeka] “magro”

atribuição acentual [képeka] → [képeka]

(43) weṇáa → [wa] [iṇa] [a] →

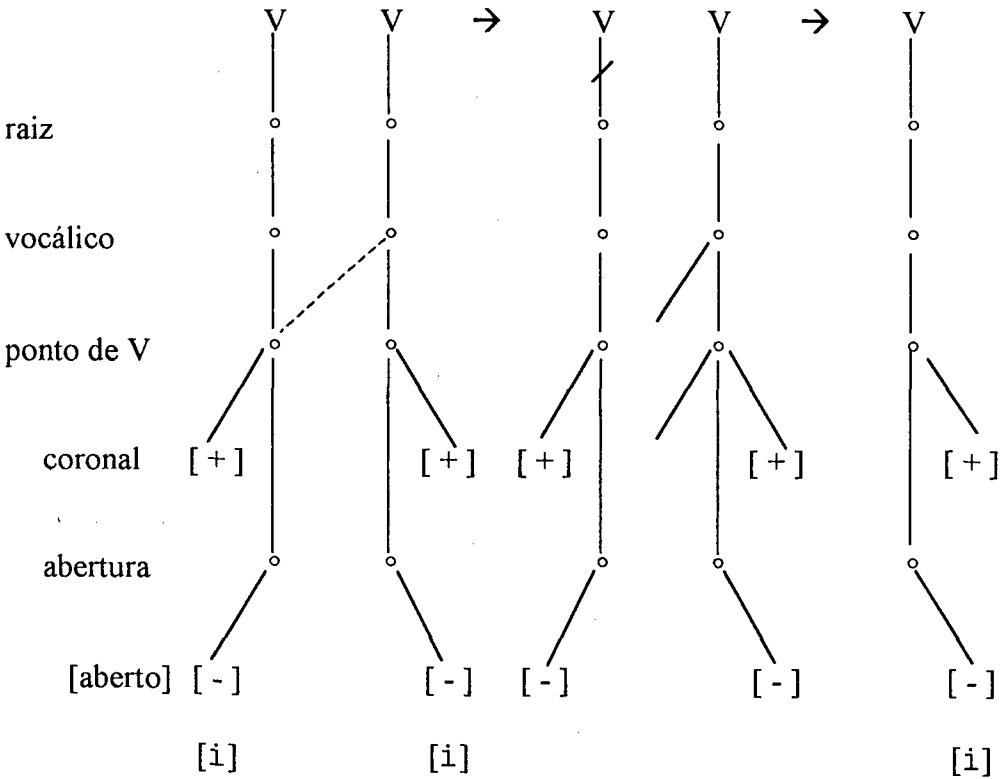
atribuição acentual [wa] [iṇá] [a] → [weṇá:] “nós batemos”

(X)



(44) nánuka → [na] [anu] [ka] → [nanuka] → [nánuka] “nós viemos”

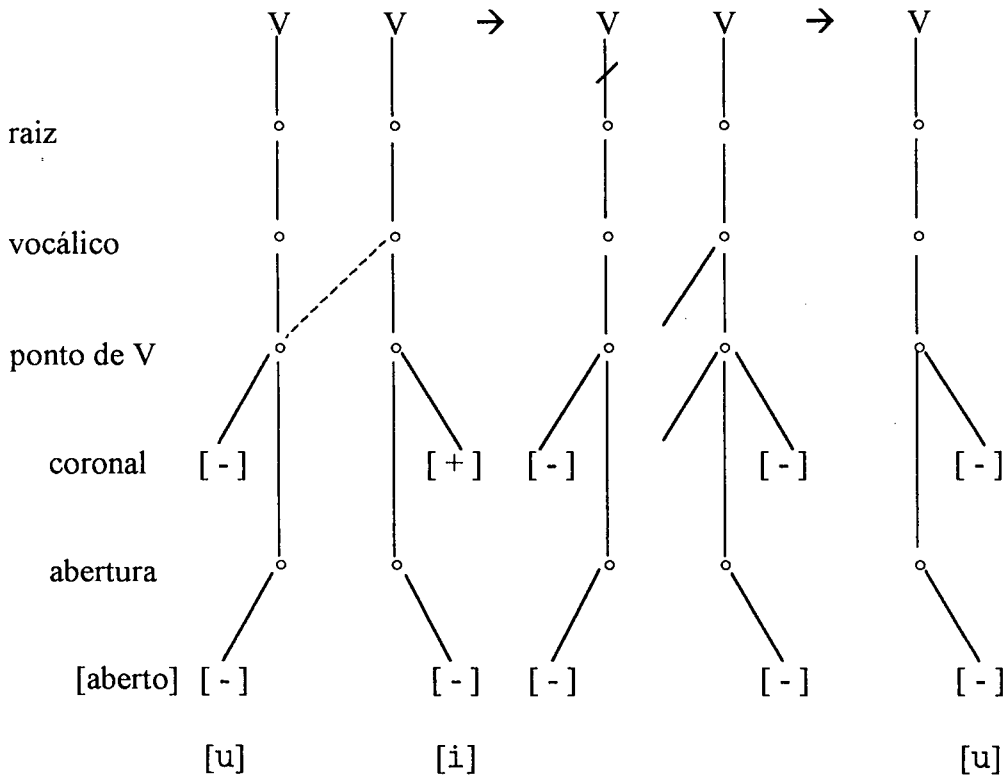
(XI)



(45) piḡáa → [pi] [iḡa] [a] →

atribuição acentual → [pi] [iḡá] [a] → [piḡá:] “você bate”

(XII)



Exemplos:

(46) a. inipáú “igarapé”

b. nunipáute → [nu] [inipau] [te] →

atribuição acentual [nu] [inipáú] <[te]> →

[nunipá^wte] “meu igarapé”

(47) nútani → [nu] [ita] [ni]

coalescência vocálica/atribuição acentual → [nú^tēni]

“minha canoa”

(48) nuḡáa → [nu] [iḡa] [a] →

atribuição acentual → [nu] [iɲá] [a] → [nuɲá:] “eu bato”

(49) makápeki → [maka] [peku] [i] →

atribuição acentual → [maka] [péku] [i] →

Coalescência vocálica → [makapéki] “grande”

4.3.1.3.1. Limite de palavra

Registramos em nosso *corpus* alguns exemplos que demonstram que os processos parecem ocorrer também no domínio pós-lexical. Como se restringiam estes exemplos ao processo de coalescência vocálica, são tratados como subseção do referido processo.

Portanto, a regra proposta em 4.3.1.3 para tratar a coalescência vocálica parece poder aplicar-se em contexto de palavras, ou seja, pós-lexicalmente como nos indicam exemplos como em (50) e (51) (onde (...) indica a ausência da representação subjacente nos exemplos):

(50)

a. [[ópi] na] [hámu] (...)
asp Quente

b. [opínahēmo (ɹi^j ēhīpa^j anakajúda)]

“A panela já esquentou”

(51)

a. [[ópi] na] [[i] [[maa] [ka]]
asp ps dormir st

b. [opínēma:ka (ɳēhī^j ēpetipe)]

“As crianças já dormiram”

Observando a palavra /opina/ que aparece nos exemplos em (50a) e (51a) e contrastando-a nas atualizações fonéticas em (50b) e (51b) respectivamente surge a evidência de que a vogal final daquela palavra sofre as alternâncias previstas pela regra de coalescência vocálica, pois encontra a condição adequada, ou seja, a presença da vogal /i/ na palavra seguinte, como pode ser vista no exemplo (51a), /i 'maa/, demonstrando assim que há produtividade na aplicação da referida regra em nível pós-lexical.

4.3.1.4. Assimilação de [h]

Os processos vistos na seção anterior ocorrem também se vogais não-contíguas são separadas por consoante [+ glote dilatada]. Desse modo, as regras podem ser processadas nesses mesmos contextos. Observe-se que são impostas modificações na estrutura silábica (veja também seção 4.4). Observemos os exemplos:

(55)

- a. [nu] [hapé] [ta] → [ɲupéta] “eu queimo”
- b. [ɟi] [hapé] [ta] → [ɟipéta] “ele queima”
- c. [i] [hapé] [ta] → [hipéta] “vocês queimam”
- d. [na] [hapé] [ta] → [ɲapéta] “eles(as) queimam”

(56)

- a. [nu] [hima] → [ɲúma] “eu ouço”
- b. [pi] [hima] → [p^híma] “você ouço”
- c. [pa] [hima] → [p^héma] “ouvir”

(57)

- a. [nu] [hiwa] → [ɲúwa] “eu caio”
- b. [pi] [hiwa] → [p^híwa] “você cai”

c. [pa] [hiwa] → [p^héwa] “cair”

(58)

a. [nu] [hika] → [ṇúka] “eu cavo”

b. [pi] [hika] → [p^híka] “você cava”

c. [pa] [hika] → [p^héka] “cavar”

(59)

a. [nu] [ha] [dúa] → [ṇudóa] “minha mãe”

b. [ɟi] [ha] [dúa] → [ɟidóa] “mãe dele”

c. [na] [ha] [dúa] → [ṇadóa] “mãe dele”

(60)

a. [nu] [hiwí] [da] → [ṇuwída] “minha cabeça”

b. [pa] [hiwí] [da] → [p^hewída] “cabeça”

c. [ɟi] [hiwí] [da] → [ɟiwída] “cabeça dele”

(61)

a. [ɟi] [i^ɟa] <[ha]> <[ka]> <[u]> → [ɟí^ɟaka^w] “ele inchou”

b. [pa] [i^ɟa] <[ha]> <[ka]> <[u]> → [pé^ɟaka^w] “inchar”

c. [i] [i^ɟa] <[ha]> <[ka]> <[u]> → [í^ɟaka^w] “vocês incham”

(62)

a. [pa] [hipa] → [p^hépa] “pegar”

b. [nu] [hipa] → [ṇúpa] “eu pego”

c. [ɟi] [hipa] → [ɟipa] “ele pega”

(63)

a. [pa] [hípa] → [p^há^ɟpa] “pé”

- b. [nu] [hípa] → [ṇú^jpa] “meu pé”
 c. [ɟi] [hípa] → [ɟí:pa] “pé dele”
 d. [i] [hípa] → [hí:pa] “pé de vocês”

(64)

- a. [nu] [hani] [ɟi] → [ṇúniɟi] “meu pai”
 b. [pa] [hani] [ɟi] → [p^hániɟi] “pai”
 c. [ɟi] [hani] [ɟi] → [ɟíniɟi] “pai dele”

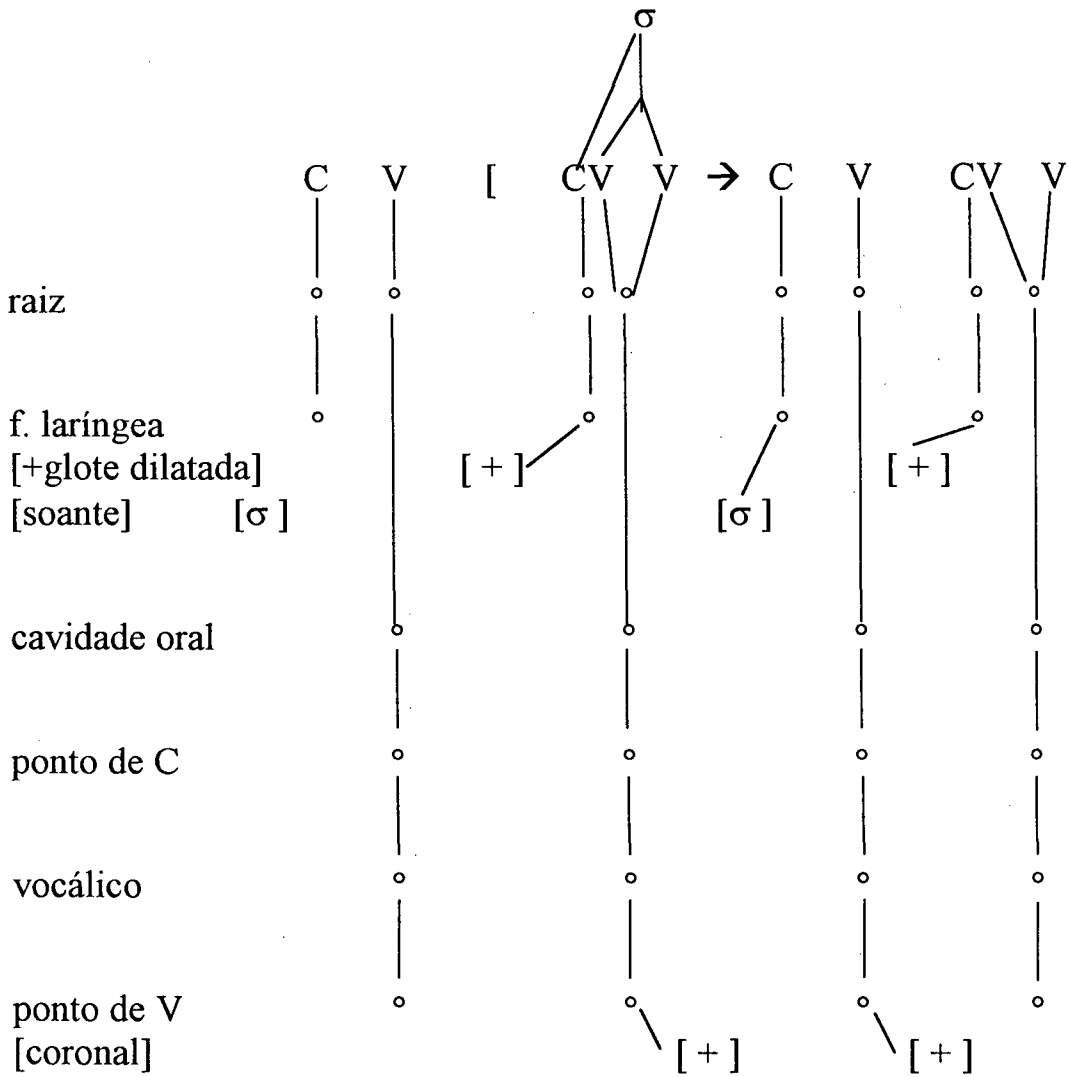
Da série de possibilidades de mudança através do traço [+ glote dilatada] observamos que sendo a consoante precedida de vogal [+ dorsal + aberta] ou seja /u/ **não ocorre** a assimilação, sendo realizada a consoante em nível superficial. Vejamos em (65):

(65)

- a. /pahuɟũmtakani/
 b. [pa] [húɟu] [hi] [me] [ita] [ka] [ni] → [pahuɟũmtakani]
 | |
 V C → [pahuɟũmtakēn] “furá-la (orelha)”

Outra restrição imposta na língua é a presença de vogal associada a duas posições (vogais longas subjacentes) que suporte o acento da sílaba acentuada, como podemos ver em (66) junto aos exemplos dados em (67) e (68):

(69)



(70)

a. hiipáí → [hi:páʲ] “terra”

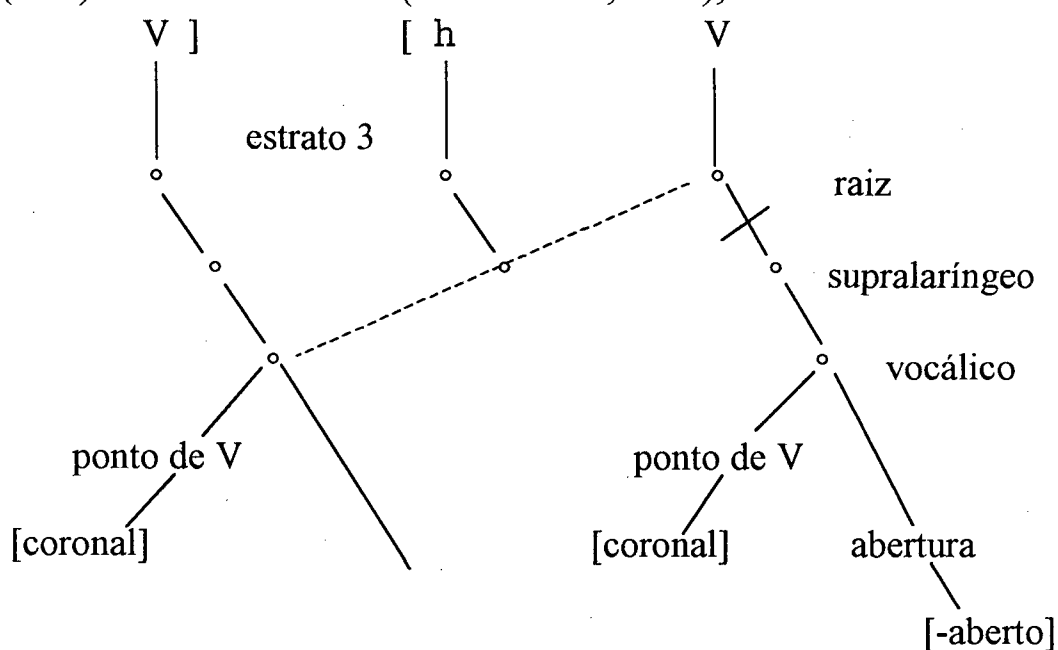
b. ɲupáite [nu hiipa i te] “minha terra”
 ls terra st sp

4.3.1.5. Harmonia vocálica

A harmonia vocálica é definida em Goldsmith (1991:304) como “*case where vowel act strikingly autosegmentally, spreading over a domain that is greater than a single segment*”. O autor enfatiza o fato de a harmonia vocálica apresentar restrição que se torna transparente a partir do ponto de vista fonológico.

O processo de harmonia vocálica é tratado como mais um tipo de assimilação, não implicando contudo nenhuma eliminação de elementos após a aplicação da regra. É um processo muito restrito na língua, sendo que ocorre na presença de consoante fricativa glotal quando constitui elemento de morfema de segunda posição a partir da raiz (ou seja, vem precedido de vogal [+ dorsal, - aberto]. Vejamos (XIII) e os exemplos em (71), (72) e (73) (onde suf=sufixo e raiz nos exemplos dizem respeito a categorias gramaticais e não fonológicas):

(XIII) Harmonia vocálica (cf. Clements, 1991);



(71)

a. [na] [há] [t e] [h i] [ni]
 raiz suf

[ná:tēhē] “aqueles”

* [ná:tēhī]

b. [á] [tʃa] [ni] [te] [hi] [ni]
 suf suf suf

[átʃētēhē] “aqui”

(72)

a. [ɽi] [ha] [hi] [ni]
 raiz

[ɽíēhī] “este”

* [ɽíēhē]

b. [a] [tʃa] [ni] [ɽa] [ha] [ni]
 suf suf suf

[átʃēɽēhē] “aqui”

c. [itʃi] [a] [hi] [ni] [ka] [pe] [u]
 suf

[itʃíēhīkape^w] “rastador/réptil”

(73)

a. [nu] [pí:ɽi]
 ls enviar

[nupí:ɽi] “eu mando”

b. [nu] [pi:ɽi] [hini]
 ls mandar perf

[nupí:ɽini] “eu já mandei”

A regra (XIII) pode prever que exemplos como os ilustrados em (73) acima não sejam reconhecidos para aplicação, pois a regra especifica um determinado estrato como domínio.

Daí a possibilidade de a regra em (XIII) poder capturar a característica evidenciada a respeito da interrelação entre organização do léxico e processos fonológicos.

Supomos, assim, a necessidade de um domínio de natureza morfológica em que seja específico o suficiente. A princípio deverá este domínio ser diferenciado do

domínio de regras que permitam os processos vistos na seção 4.3.1.4, dos quais os exemplos supracitados participam.

4.3.1.6. Nasalização vocálica

O *status* da nasalização em kurripáku a princípio não é tão evidente. Isto fez com fosse associada, em outros dialetos, à consoante fricativa glotal (Taylor, 1991: 26-27) e, como foi visto em nossa análise, de fato a presença da fricativa glotal constitui aparentemente uma de suas manifestações fonéticas, presentes em contexto vocálico (cf. Capítulo 3).

Contudo, o condicionamento dessa nasalização é a presença de traço [+ nasal] que define uma consoante contígua à vogal e a sua assimilação é numa única direção: regressiva.

Antes de estabelecermos regras da assimilação nasal, vejamos o comportamento superficial da nasalização e como a identificação dos morfemas (e alomorfes) tornou-se de grande importância para a nossa análise.

Como dissemos, a origem da nasalização vocálica não é facilmente identificada. A semelhança de seus contextos com as de vogais não-nasais numa análise superficial poderia levar-nos a supor vogais nasais subjacentes.

Certos morfemas podem realizar-se sob um de seus alomorfes com traço nasal na vogal precedente, cuja articulação pode ser recuperada nas suas outras possibilidades de realização. Observemos os exemplos (74) (onde (~) significa em variação com) :

(74)

a. [nutó ^j dēni]	nu - tuída <-ni >
(~)	ls piolho sp

b. [nutó^jdēn]

(~)

c. [nutó^jdē]

“Meu piolho”

Podemos contrastar este último exemplo, (74c), com os de (75) :

(75)

a. [apá ^j ta]	apa -	- íta
“um”	quant:l	c15:plano

b. [apáda]	apa -	- da
“um”	quant:l	c06

Percebemos que (75a) elucidada o contraste de /t/ e /d/, que já foi demonstrado na seção 4.1. Ambas as vogais finais se assemelham, exceto para a qualidade de leve aumento de sua altura (cf. Capítulo 3). O contexto final nos levaria a admitir vogais nasais em nível subjacente, caso não tivéssemos disponíveis as possibilidades superficiais de (74) demonstradas em (a) e (b).

As formas realizadas somente com a nasalidade nos contextos dos exemplos (74) demonstram as possibilidades de atualização fonética da forma -ni que representa o sufixo de posse (sp).

Agora se passarmos aos exemplos seguintes, (76), (77), (78) e (79), veremos que, além de -ni admitir outras funções, as possíveis realizações mórficas sob traço de nasal *superficial* advém de morfemas diferentes, cuja distribuição os distingue claramente (cf. Capítulo 5) :

(76) -ni (3m)

a. [ʝí:nukēni] ʝi - -inu <-ka> <-ni>
 3m matar mod 3m

(~)

b. [ʝí:nukēn]

(~)

c. [ʝí:nukē]

“ele matou (a onça)”

(77) -ni (passi)

a. [kepítēnatēpe]

ka - -ipi -ta <-na> <-ita> <-ni> <-pe>
 atrib nomear st sp caus passi pl

“chamados (de Kurripáku)”

(78) -mi (pass)

a. [pékiʝīmi] peki <-ʝi> <-mi>
 velho gen:m pass

(~)

[pekiʝīm]

(~)

[pékiʝī]

“velho, envelhecido”

b. [ʝí:ʝēmi] ʝi- -íja <-mi>
 3s casca pass

(~)

[ʝí:ʝēm]

“rastros”

(79) -me (res)

a. [pak ^h émeka]	paka	-ha	-me	<-ka>
	encher	st	res	mod

(~)

[pak^héme]

(~)

[pak^hém]

“lotar, cheio”

b. [pahoᵛúmetakēni]

pa-	-huᵛu	-hi	-me	-ita	<-ka>	<-ni>
4p	furar	st	res	caus	mod	3m

(~)

[pahoᵛúmtakēni]

“furá-la (a orelha)”

Vejamos outros exemplos de nasalização em forma de paradigmas que demonstram que a fricativa glotal não é a origem da nasalidade e sim ela a “atrai” a partir do traço da consoante nasal e, dependendo de sua posição, gera os espraiaamentos (considere-se que as formas aqui não se alternam entre si, mas delas podemos isolar a forma [ku] e os morfemas que lhe podem ser concatenados.

(80)

a. [kᵛéhēᵛi]	ku-	-a	-me	<-hini>	<-ji>
	int	st	res	perf	top

b. [kᵛéhē]	ku-	-a	-me	<-hini>
	int	st	res	perf

c. [kṵ́ẽme]	ku-	-a	-me
	int	st	res

“Como?”

[kúka]	ku-	<-ka>
	int	mod

“O que, quem?”

O espraiamento unidirecional pode ser visto nos exemplos (80a, b), cuja evidência da presença da nasal se encontra nos exemplos seguintes (80c, d). Observe-se que existem outras mudanças fonológicas nos exemplos acima: a harmonia vocálica foi vista na seção anterior (4.2.1.3) e a palatalização será vista na seção seguinte (4.2.1.5).

As vogais nasalizadas dependem dos elementos nasais e as formas que admitem somente este traço na estrutura superficial representam o que estamos entendendo ser um processo de nasalidade em vias de se estabelecer, isto é, há formas em que já não recuperamos o elemento vocálico. Vejamos os próximos exemplos, (81) e (82):

(81)

a. [óhõ] “sim”

b. [ɟiátēhẽ] “aquele”

(82)

a. [pěnṭi] “casa”

b. [pěṭi]

Estes exemplos reafirmam que os elementos morfológicos (sufixos) finais que possuam consoante [α soante] e vogal [+ coronal] são subordinados a regras de nasalização que proporemos a seguir.

Tendo como base a unidirecionalidade do processo de nasalização vocálica e os elementos morfológicos que não participam na reestruturação acentual, como no caso do -ni subjacente de (83), então ficamos à vontade para propor as estruturas subjacentes para os exemplos acima, que retranscrevemos em (83) e (84):

(83)

a. [óhō]	úhu-	-ni		
“sim”				
b. [ɟiátēhē]	ɟi-	-ha	-te	<-hini>
“aquele”	3m	deit	dist	dem

(84)

a. [pēnti]	pani-	-ti
	casa	abs

(~)

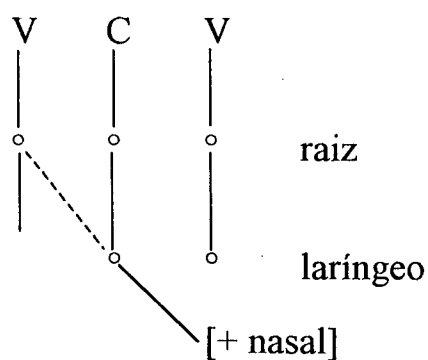
b. [pēt̃i]
“casa”

A regra (XIV) a seguir, informalmente quer dizer que o traço [+ nasal] é assimilado regressivamente ao precedente. Esta é uma regra opcional tanto em morfemas internos quanto em limite morfológico, embora tenha suas conseqüências de aplicação se não obedecermos à atribuição acentual e às etapas de concatenação morfológica.

Observamos contudo que existe certa obrigatoriedade do traço na seguinte situação: adicionando-se um morfema que possua o elemento nasal associado a um C, na estrutura subjacente CV, podem todos os traços que caracterizam o último V serem desassociados se estiverem em fronteira de palavra ou morfológica.

Em alguns casos o morfema acaba manifestando-se através do traço associado a um V. Vejamos agora a regra (XIV) ilustrada pelos exemplos (85) e (86):

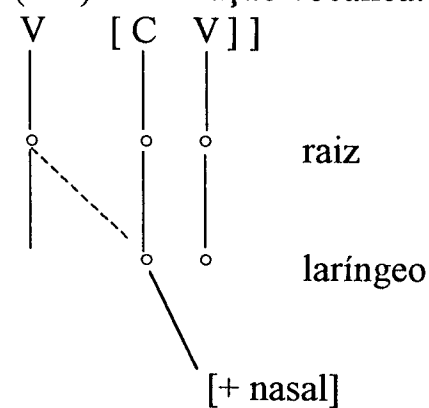
(XIV) assimilação nasal:



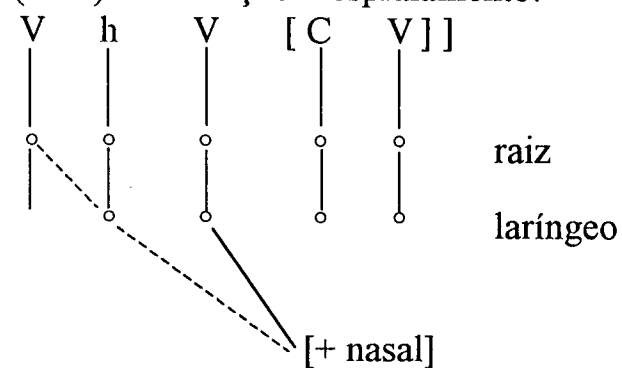
- (85) [ú m a] < [pi] >
 [ú m a pi]
 [ú m a pi]
 [ómapi] (~) [úmapi] “minhoca”

- (86) [há mi] [na] [da] <[ɿi]>
 [hēmīnádai]

(XV) nasalização vocálica:



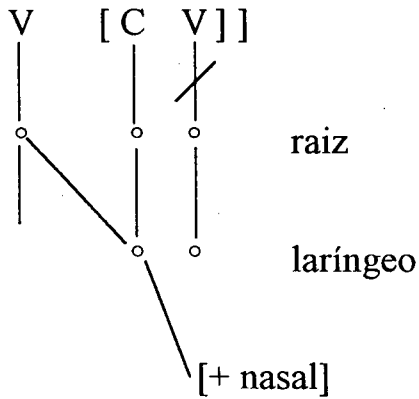
(XVI) nasalização – espraçamento:



Exemplos:

(87) [ɰi] [há] [<hini>] → [ɰíēhī] “este”

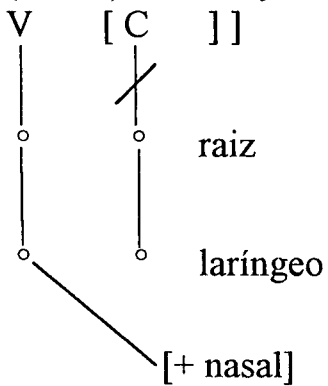
(XVII) nasalização:



Exemplos:

(88) [nu] [ɰuída] [ni] → [nuɰú^jdēn] “meu piolho”

(XVIII) nasalização:

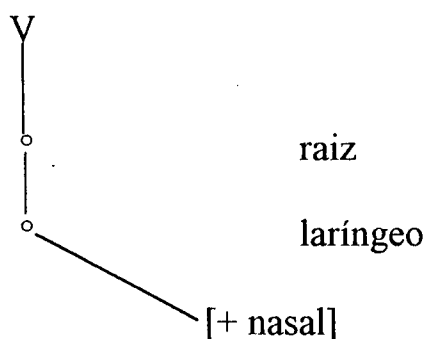


Exemplos:

(89) [nu] [ɰuída] [ni] → [nuɰú^jdē] “meu piolho”

O resultado da aplicação das regras acima permite a estrutura (XIX) abaixo, ou seja a vogal não é intrinsecamente nasal e sim nasalizada como resultado de etapas de processo.

(XIX)



Como vimos, tendo sido encontradas as especificações exigidas, os elementos vocálicos e consonantais são submetidos à associação e conseqüente queda ou apagamento, como os exemplos em (XIX) anteriormente visto.

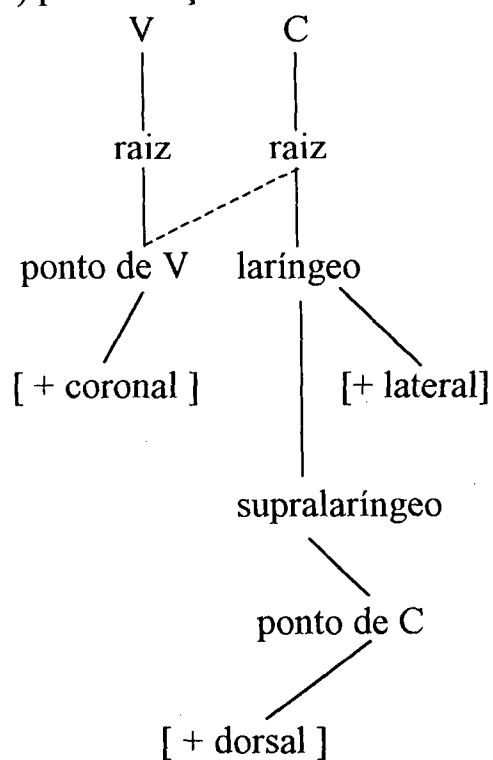
4.3.1.7. Palatalização

A palatalização se dá quando C associado ao nó laríngeo [+ lateral] é precedido de vogal [+ coronal].

Quando ocorre a presença de vogal [+ coronal] precedendo a lateral, evidencia-se uma neutralização de contraste entre o /ɺ/ e o /ɺ̃/.

Em (XX) propomos a regra de palatalização e em (90) ilustramos os contextos em formas aparentemente tautomorfêmicas que são interpretadas como formas bimorfêmicas (ilustram característica do léxico, cf. Capítulo 5) e em (91) claramente não-tautomorfêmicas. Em (92) ilustramos os exemplos onde as exigências não são encontradas:

(XX) palatalização



(90)

a. [kée] [ɹi]

lua st

[ké:ɹi] “lua”

b. [hée] [ɹi] (cf. a forma [hée] [ku] [a] [pi] “dia”)

sol st

[hé:ɹi] “sol”

(91)

a. [páni] [t̃i] [ɹi] [ku]

casa abs loc

[pɛ̃nt̃iɹiku] “(na) casa”

b. [ɹi] [íwi] [ɹi] [ku]

3s flor loc

[ɹí:wiɹiku] “broto”

c. [hiípa] [i] [ɹi] [ku]

terra st loc

[hi:pá^jɹiku] “no chão”

d. [pi] [kúpa] [hi] [ɹe]
 2s peixe st sp
 [pikóp^hɛɹe] “teu peixe”

(92)

a. [nu] [káda] [ɹi] [ku]
 1s peito loc
 [nukádaɹiku] “peito”

b. [eénu] [ɹi] [ku]
 céu loc
 [é:nuɹiku] “no céu”

4.4. ESTRUTURAÇÃO SILÁBICA

A estrutura fonológica subjacente é representada pelo tipo (XXI):

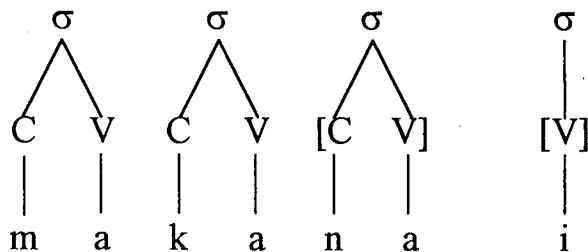
(XXI) (C) V

As violações superficiais de (XXI) resultam de regras de reestruturação silábica.

Com a estrutura em (XXI) prevemos a impossibilidade em nível subjacente de codas silábicas ocupadas (93a); seqüências de no máximo duas posições Vs (93b) heterossilábicas em nível superficial.

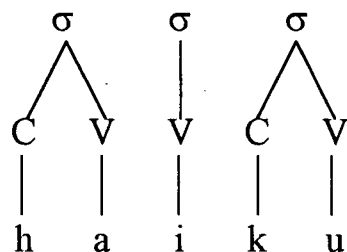
(93)

a.



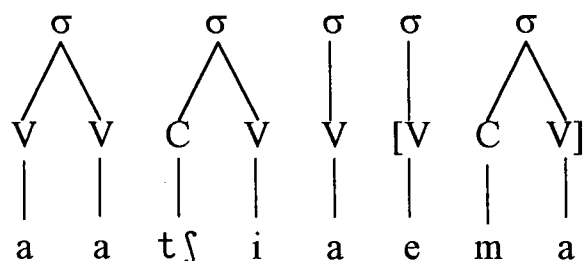
“grande”

b.



“árvore”

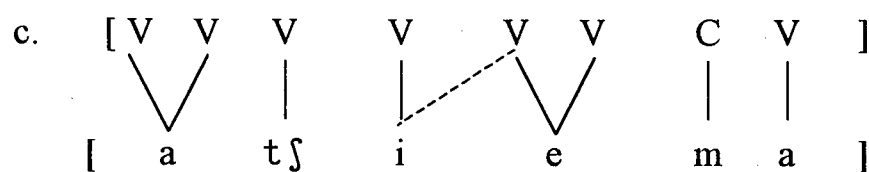
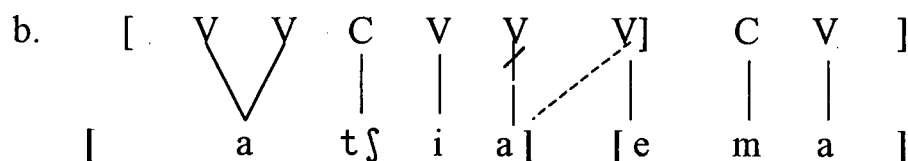
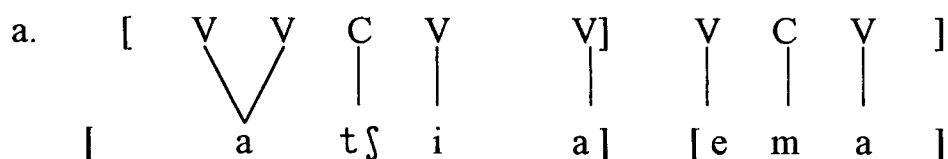
c.



"esquerda"

Os processos fonológicos já descritos desempenham aqui papel importante. No exemplo (93c) a seqüência de três Vs é resultado de concatenações morfológicas que são submetidas aos processos já descritos anteriormente e, conseqüentemente reestruturam o padrão. Vejamos as derivações no exemplo (94):

(94)

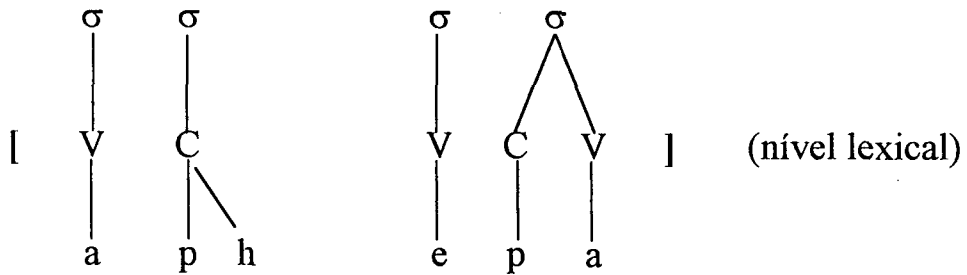
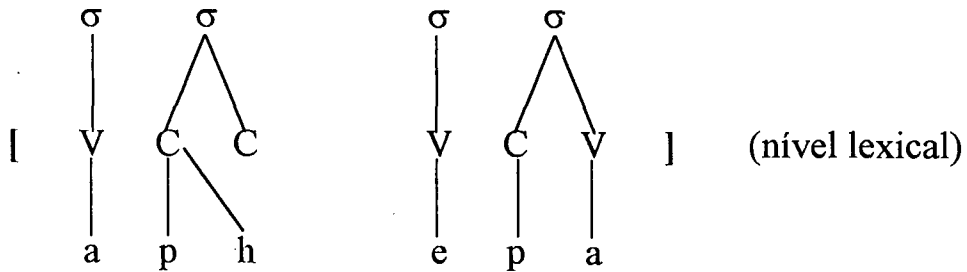
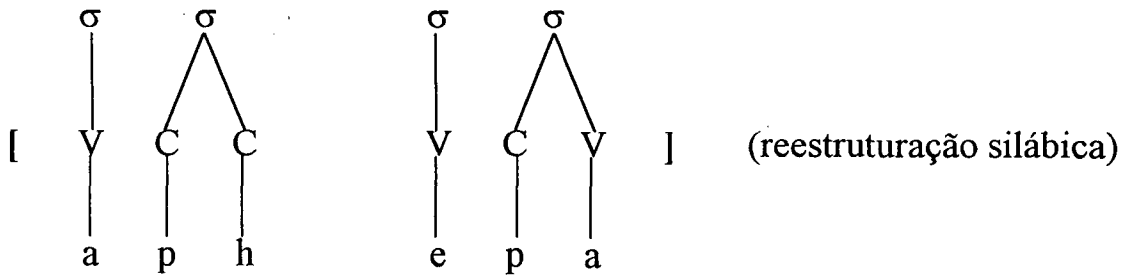
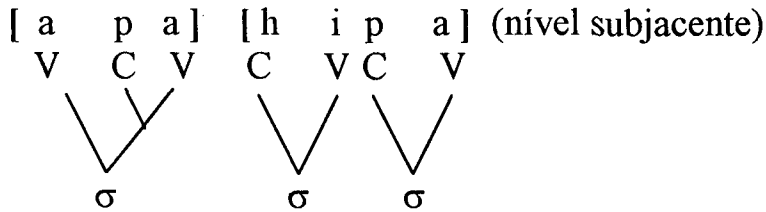
[a:tʃi^jẽma]

4.4.1. Reestruturação Silábica

As sílabas subjacentes podem admitir na derivação sílabas com seqüências de três Vs, como vimos no exemplo anterior, (94b). Os processos que envolvem as mudanças fonológicas como coalescência vocálica, assimilação de [h] por

consoantes [α soantes] levam ao formato inicial do padrão silábico. Vejamos em (95):

(95)



[ap^hépa]

(nível fonético)

REASSOCIAÇÃO DE C — [+ NASAL]

O elemento nasal é reassociado à sílaba precedente após a queda da vogal de sua estrutura anterior CV.

O processo de nasalização elucidada as mudanças que ocorrem na reestruturação da sílaba CV, que perde a sua vogal, e o elemento C é associado à sílaba precedente resultando a estrutura CVC onde o último C apresenta traço [+ nasal]. Vejamos os exemplos abaixo que mostram esta primeira possibilidade.

(96)

a. hámu	n	i	b. há	m	u	n
	C	V		C	V	V

(97)

a. pak ^h á	m	e	ka	b. pa	k ^h	á	m	ka
	C	V		C	V	C		

(98)

a. péki _ɹ i	m	i	b. péki	ɹ	i	m
	C	V		C	V	C

INSERÇÃO DE /^j/ E /w/

Quando ocorre CVV na estrutura superficial, resultado do mesmo padrão da estrutura subjacente existe um comportamento de inserção ora de /^j/, como nos exemplos em (99), ora de /w/, como nos exemplos em (100).

(99)

a. [aatʃía] [e ma] → [a:tʃi^jé:ma] “lado direito”
 b. [ɹi] [héni] → [ɹi^jēni] “orelha dele”
 c. [i] [éni] [pe] [ṭi] [da] → [iēnipeṭída] “criança”

(100)

a. [haí ku] [apu] → [haiku^wápu] “vara”

b. [pa] [tʃúhi] [a] [ita] [ka] → [patʃ^hu^wétaka] “espremer”

Os exemplos (99 e 100) acima parecem mostrar que existe uma preferência pela estrutura CV, mesmo que em nível subjacente haja a estrutura CVV.

4.5. SISTEMA ACENTUAL

Kurripáku é uma língua de acento “*pitch*” em nível pós-lexical. Isso quer dizer que o sistema acentual primeiramente é caracterizado por regras métricas e no momento final da derivação recebe uma regra de atribuição de tom alto na sílaba acentuada.

A regra de posicionamento acentual é aplicada enquanto as condições sejam encontradas ou mantidas. Primeiramente detemo-nos aos exemplos em (101) para refletirmos sobre este aspecto da língua (onde ∪ = sílaba leve e — = sílaba pesada¹).

(101)

a. ma tʃi a da ɟu pe
 ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪

b. ia ma pui pui
 ∪ ∪ ′ —

c. a pe: ma
 ∪ ′ ∪

d. a pa da
 ∪ ∪ ∪

e. ɬu^j da
 ′ ∪

f. ke ma na da ɟi
 ∪ ∪ ∪ ∪ ∪

¹ Definimos sílaba leve como a sílaba do tipo CV, e sílaba pesada a do tipo CVV, sendo VV as duas posições que caracterizam vogais longas ou que descrevem ditongo.

Com base nos exemplos acima, algumas considerações podem ser feitas: o acento não depende de tipos de elementos formando a estrutura silábica, ou seja, não se atribui acento de acordo com tipo de sílaba leve *versus* pesada como os exemplos (101 b, c, e) poderiam nos levar a supor. Os exemplos (101a, e, f) nos mostram que o acento não ocorre numa mesma posição na sílaba da palavra fonológica. Sua atribuição tem domínio morfológico.

Em outras palavras, o domínio do acento é a raiz morfológica. Os exemplos (101a, b, c, d, f) diferenciam dos outros por constituírem formas tautomorfêmicas.

Confirmemos nossa asserção comparando os exemplos entre si:

(102) ma tʃi a da ɟu pe
 ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪

(103) ma tʃi e te
 ∪ ∪ ∪ ∪

(104) ma tʃi a
 ∪ ∪ ∪

Reconhecemos a forma comum subjacente [matʃia] que constitui a raiz, sendo os sufixos de (102a), [da] [ɟu] e [pe], e de (103), [ita] e [i], e uma vez que as formas mantêm uma mesma raiz, as alternâncias do acento são de responsabilidade dos afixos. Do mesmo modo que a forma [apa] é comum nos exemplos seguintes em (105):

(105)

a. a pa da
 ∪ ∪ ∪

b. a pa wa
 ∪ ∪ ∪

TOM E REGRAS MÉTRICAS: OS PRINCÍPIOS DE SUA ATRIBUIÇÃO

O fato de algumas formas demonstrarem atualizações fonéticas (*output*) diferenciadas das mesmas estruturas subjacentes nos levou a investigar os processos fonológicos não só a partir das propriedades dos segmentos que lhes faziam parte, mas também das conseqüências de suas relações com o acento.

Várias formas demonstraram a implicação de um processo ou de outro. Assim vogais contíguas não-acentuadas trazem como conseqüência o processo assimilatório de coalescência vocálica e as acentuadas, o processo de ditongação e alongamento. Comparemos os exemplos em (106a e b) (por ora não nos importa o deslocamento acentual):

(106)

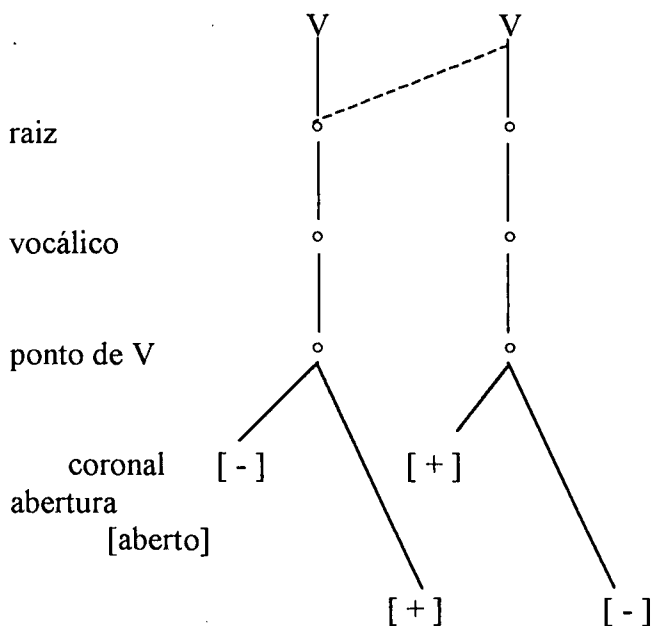
a. [matʃía] “bem”

[matʃí] [a] → matʃía

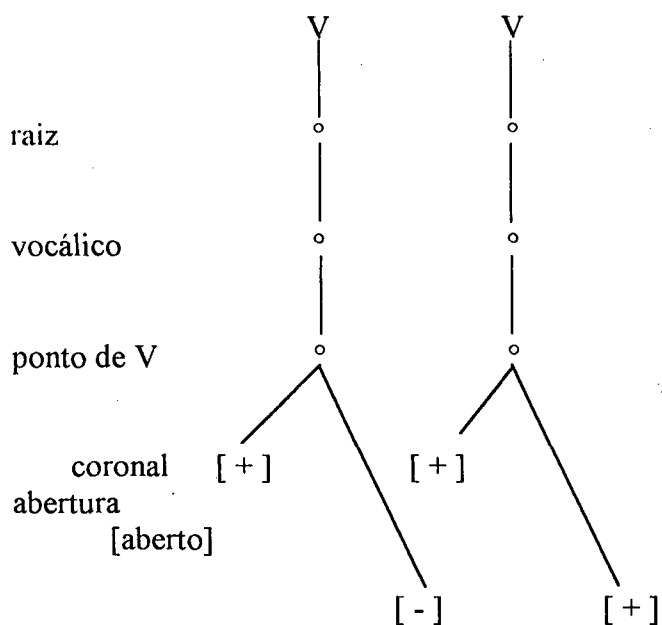
b. ʃumatʃiétaka

[ʃu] [mátʃi] [a] [ita] [<ka>] [<ni>]

[ʃu] [matʃí a] [ita] [<ka>] [<ni>] →



[ɟu] [matʃ i é ta] [<ka>] [<ni>]



Outras formas como no paradigma em (107) e (108) também se tornam relevantes para os fatos acentuais:

(107)

a. [ɟínuka] “ele vem”

[ɟi] [anu] [ka]

3s vir mod

nánuka “eles (as)”

[na] [nu] [ka]

3p vir mod

b. [ɟiákuka] “ele fala”

[ɟi] [áku] [ka]

3s falar mod

(108)

a. [ɟipa] “ele pega”

[ɟi] [hipa]

3m pegar

[ṇépa] “nós pegamos”

[na] [hipa]

3p pegar

[ɟí:pa] “pé dele”

[ɟi] [hípa]

3m pé

[ṇá^jpa] “nossos pés”

[na] [hípa]

3p pé

Isso nos leva a supor que existem duas possibilidades acentuais: Uma lexicalmente atribuída na sílaba anterior à última, no domínio da raiz, sendo ordenada antes das regras de ditongação e alongamento, como podemos observar nos exemplos (108). Outra possibilidade é a existência de formas não acentuadas subjacentes, sendo a atribuição acentual ordenada depois das regras de coalescência, como em (107).

O seguintes parâmetros (P) de estruturação métrica são requeridos na língua:

P1 – Marcam-se todas as vogais (ou seja, as posições Vs)

P2 – Constrói-se a grade métrica da direita para a esquerda com a seguinte especificação, onde σ =sílaba (110):

(110) x x
 x
 (σ σ) domínio: segundo estrato
 [raiz]

P3 – Extrametricidade é cessada pela presença de sufixos não marcados lexicalmente com < > (= extrametricidade)

P4 – Atribui-se um tom alto no momento final da derivação.

Assim, na formação do léxico, se tomarmos palavras como [^jẽpetída], “crianças”, e [ú:niçiku], “no rio”, por exemplos, podemos demonstrar a viabilidade de tal regra. Ocupemo-nos da palavra “criança” primeiramente.

Esta forma aparece junto a outras formas como a elicitación para “oncinha”: [^ja:wiéni]. Note-se que nesta forma temos o processo de coalescência de que já nos ocupamos em 4.3.1.3). Contrastando esta forma com [^já:wi], que é palavra para “onça”, eis que estamos diante de uma raiz que se aproxima de uma noção de “filho”, “cria” e, portanto, a forma [eni] de fato constitui a raiz.

Agora aplicando-se a regra (P2) podemos ter (111):

(111) [éni]

Para que a palavra “crianças” possa manifestar-se, exige-se uma concatenação do morfema (sufixo) [pe], ainda que o seja seguindo uma condição de boa formação definida no léxico, isto é, que possua a especificação da extrametricidade < >, o que implica que ele será considerado “inexistente” para a aplicação da regra. Vejamos (112):

(112) [é ni] [<pe>]
 (x x)
 (x)
 (σ σ)

Ainda não se realiza a forma sem que seja necessário uma outra concatenação: o prefixo substituto de pessoa (psp), [i], assim em (113), onde temos a seguinte forma:

- (113) [i] [é ni] [<pe>]
 (x (x x)
 (x)
 (σ σ)
 [ʔéniɛ] (~) [ʔé nɛ] (~) [ʔēɛ]

Note-se que as regras de nasalização (cf. seção 4.3.1.4) encontram-se condições de aplicação, assim como a de reestruturação silábica (cf. 4.4.1). Se não admitíssemos a extrametricidade, teríamos uma forma inexistente na língua, como em (114):

- (114) * [ʔēnipét̚i]

Retornaremos mais tarde ao exemplo em (113) para mostrar o princípio de “não-exaustividade” que permeia as restrições de extrametricidade.

Quanto ao segundo exemplo, mencionado acima, a expressão “do rio” constitui uma forma nominal raiz [uúni] e recebe uma concatenação [ɽi] e [ku].

Vejamos primeiramente a aplicação dos parâmetros vistos anteriormente:

- (115) [uuni] → [uuni]
 (x x)
 (x)
 (σ σ)
 [ú:ni] (~) [ú:ni]

Como exemplo anterior, é possível que a regra de nasalização ocorra opcionalmente.

Vejamos como a concatenação dos sufixos [ɽi] e [ku] se relaciona com o sistema prosódico:

- (116) [uuni] [ɹi] [ku]
 (x x) x x
 (x) <x> <x>
 (σ σ) <σ> <σ>

Retornando ao exemplo (115) retranscrito como (117) abaixo, podemos observar que uma vez que haja nova concatenação após o sufixo marcado, ou seja, aquele que obedece a extrametricidade, ocorre a restrição da “não-exaustividade”, o que significa dizer que o sufixo tem seu *status* extramétrico cessado e agora reconhecido para a reestruturação métrica. Vejamos:

- (117)
 a. [i] [eni] [<pe>] [<ɹi>] [da]
 (x x) <x> <x> x
 (x) → (x)
 (σ σ)

Vejamos também outro exemplo:

- (118)
 a. [ii na] [<ɹu>]
 (x x) <x>
 (x)
 b. [iina] [ɹu] [da]
 (x x) (x x)
 (x)

Se compararmos os exemplos seguintes ficará mais evidente a existência de sufixos que tem seu *status* extramétrico cessado. Em (118a) a concatenação de [ɹu] não é contada para a construção métrica, enquanto em (118b) demonstra a forma

derivada da anterior. Nesta última forma a concatenação de [da] faz com que seja cessado o *status* extramétrico do sufixo [ɫu].

4.6. FONOLOGIA DO EMPRÉSTIMO

Na observação de palavras estrangeiras introduzidas numa determinada língua nativa podemos esclarecer muitas características da própria estrutura da língua devido aos substratos que costumam emergir.

Ao mesmo tempo os empréstimos não estabelecidos, os que oscilam na pronúncia do mesmo falante ou entre falantes diferentes, podem ajudar a diferenciar o grau de bilingüismo desses falantes com respeito ao sistema estrangeiro.

As estratégias adotadas pelo falante Kurripáku na atualização de palavras emprestadas da língua portuguesa são as seguintes:

(A) geralmente empresta-se a palavra portuguesa substituindo sons não existentes na língua Kurripáku por aqueles mais próximos da língua nativa.

Português	Kurripáku	
/l/	/ɫ/	
[sebóɫɐ]	[tʃ ^h ɛ:bóɫa]	“cebola”
[maléɫɐ]	[maɫéɫa]	“maleta”
/r/	/ɫ/	
[prátu]	[paɫóto]	“prato”
/l/	/ɫ/	
[kaválu]	[kawáɫu]	“cavalo”
/s/	/tʃ/	
[sebóɫɐ]	[tʃ ^h ɛbóɫa]	“cebola”
[séstu] ~ [séʃtu]	[tʃ ^h étu]	“cesto”

[sáku]	[tʃ ^h áku]	“saco”
[sapátu]	[tʃ ^h apáto]	“sapato”
/ʃ/	/tʃ/	
[ʃapéw]	[tʃ ^h apéwa]	“chapéu”
/z/	/ʃ/	
[méza]	[méʃa]	“mesa”
/ʒ/	/ʃ/	
[kazú]	[aká ^j u]	“caju”

A estrutura silábica Kurripáku não admite consoantes em posição final da sílaba, conseqüentemente quando palavras com sílaba com consoante em tal posição são introduzidas, criam-se mecanismos para recuperar tais sílabas ilícitas, ou seja:

(B) reestabelece-se a estrutura silábica conforme o padrão Kurripáku.

Podemos observar nos exemplos em (119) a queda de consoantes em posição de coda silábica (onde (. . .) indica estrutura não relevante para a discussão e α = sílaba).

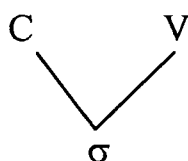
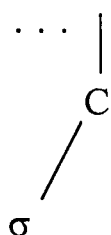
(119)

Português

Kurripáku

a. /ʃ/ ~ /s/

/ø/



[lápiss] ~ [lápiʃ]

[lápi]

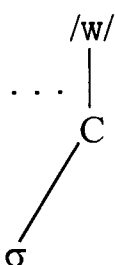
“lápiss”

[mésmu] ~ [méʃmu]

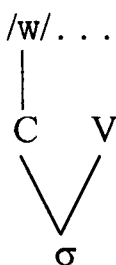
[mému]

“mesmo”

b.

[ʃapé^w]

[kakáw]

[tʃ^hapéwa]

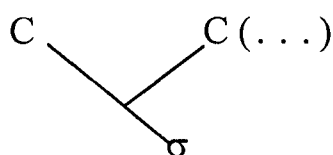
[kakáwa]

“chapéu”

“cacau”

c.

/pr/



[prátu]

[paɹóto]

“prato”

As palavras que não possuem acento anterior à última acabam por possuí-lo devido à estratégia observada em (C).

(C) muda-se o padrão acentual de acordo com o da língua Kurripáku.

No exemplo (120) contactamos a vogal epentética e a mudança acentual, da última sílaba em Kurripáku, como aparece também no exemplo (121):

(120)

[kaʒú]

[aka^jú]

“caju”

(121)

[boné]

[bónε]

“boné”

Existem palavras emprestadas nas quais não se observa nenhuma modificação (122):

(122)

[sabẽw̃]	“sabão”
[méza]	“mesa”
[bóla]	“bola”
[kadéhnu]	“caderno”
[gátu]	“gato”

Encontramos assim fonemas não existentes em Kurripáku, como /z/, /l/, /g/ e ainda /h/, ocupando a coda silábica.

5. CLASSES GRAMATICAIS

Neste capítulo introduzimos um aspecto da morfologia do Kurripáku: as classes gramaticais.

Não acreditamos ter sido possível a análise da fonologia, proposta no capítulo 4, sem que tivéssemos desenvolvido uma análise – mesmo que a consideremos ainda preliminar, a respeito da estrutura morfológica da língua. É notória a estreita relação entre fonologia (processos fonológicos, estrutura acentual e reestruturação silábica) e morfologia.

Certamente a interpretação dada ao sistema acentual no capítulo anterior depende da morfologia, uma vez que os diversos morfemas são interpretados como extramétricos, portanto determinado no léxico. Tais morfemas são marcados pela extrametricidade (< >). A forma fonética deixa clara as mudanças acentuais operadas sob as diversas concatenações, o que se justifica pelo modelo da Fonologia Lexical que permeia nossas considerações. Os exemplos ilustrados neste capítulo são apresentados sob as três representações admitidas neste modelo, na seguinte ordem: representação lexical, representação subjacente e representação fonética.

Limitar-nos-emos aqui à descrição das classes gramaticais, estabelecendo-a a partir dos morfemas, raízes e afixos. Não é nossa pretensão desenvolver uma análise exaustiva e sim uma descrição que possa identificar os morfemas e suas respectivas distribuições, evidenciando as estruturas das classes gramaticais da língua.

5.1. CARACTERÍSTICA TIPOLOGICA

A língua Kurripáku é de característica tipológica aglutinante, possuindo um número reduzido de prefixos em contraste com um grande número de sufixos. A partir da identificação deles (cf. Anderson, 1986; Anderson e Keenan, 1986; Elson, Pickett, 1978; Matthews, 1987; Nida, 1967; e Schachter, 1986) foi possível chegar às seguintes classes gramaticais:

5.2. CLASSES GRAMATICAIIS

5.2.1. Nome

Os nomes podem ser alienáveis ou inalienáveis.

5.2.1.1. Nomes alienáveis

Os nomes alienáveis, diferenciados dos inalienáveis (que veremos a seguir) não possuem o prefixo substituto de pessoa-*psp*, na sua forma absoluta, recebem, contudo, na forma possuída, além dos prefixos pessoais (cf. seção 5.2.2.1), os mutuamente exclusivos sufixos de posse-*sp*, a saber: <-*ɟe*> (1), <-*ni*> (2) e <-*te*> (3).

(1)

a. kúp ^h e	“peixe”	nu	kúp ^h eɟe	“meu peixe”	
kupa	<-hi>	nu-	kupa	<-hi> <-ɟe>	“meu peixe”
peixe	st	ls-	peixe	st sp	
[kúp ^h e]			[nukúp ^h eɟe]		

b. uɹúda	“cesta”	nuɹúdaɟe	
		nu- uɹuda	-ɟe “minha cesta”
		ls cesta	sp
[uɹúda]		[nuɹúdaɟe]	

(2)

a. itʃída	“jabuti”	nutʃidani	
		nu- itʃida	-ni “meu jabuti”
		ls- jabuti	sp
[itʃída]		[nutʃídēni]	

b. ɬuída	“piolho”	nuɬuídani	“meu piolho”
		nu- ɬuída	-ni
		ls piolho	sp
[ɬú ^j da]		[nuɬú ^j dēni]	

(3)

- a. \underline{t} uída “piolho” nu \underline{t} uidate “meu piolho”
 nu- \underline{t} uída -te
 ls piolho sp
 [\underline{t} ú^jda] [nu \underline{t} ú^jdate]
- b. úmapi “minhoca” nú:mapite “minha minhoca”
 nu- úmapi -te
 ls minhoca sp
 [úmapi] [nú:mapite]

Recebem sufixos temáticos-st, cuja evidência é o comportamento acentual e suas características semânticas parecidas com algumas formas sufixais produtivas.

Citemos alguns exemplos:

(4)

- a. -ku ámaku “rede”
 ama -ku
 rede st
 [ámaku]
- b. -ji hitáwaji “traíra”
 hitawa -ji
 traíra st
 [hitáwaji]
- c. -ju íinaju “mulher”
 i:na -ju
 mulher st
 [í:na ɔ]

Os nomes de modo geral podem receber opcionalmente o sufixo plural-pl -pe, sufixo absoluto-abs (5) e o coletivo-col -nai (6):

(5)

a. iénipeṭi “criança”
 i- eni <-pe> <-ṭi>
 psp filho st abs

b. iénipeṭipe “crianças”
 i- eni <-pe> <-ṭi> <-pe>
 psp filho st abs pl

(6)

a. aatṣíanai “muitos homens”
 a:tṣia <nai>
 homem col
 [a:tṣíanaʲ]

b. ṭíʲenai “fogos”
 ṭiye <-nai> “fogos”
 fogo col
 [ṭíyenaʲ]

Podem-lhes ser pospostos os sufixos locativos-loc interior (7), que vem sempre precedido de -ji ou de -na e de superfície (08). O locativo interior pode concorrer com o direcional-dir:alat (09):

(07)

a. ámakujiku “na rede”
 ama <-ku> <-ji> <-ku>
 rede st 3m loc
 [ámakujiko]

b. awakádaɰiku “no mato”
 awa <-ka> -da <-ji> <-ku>
 compacto st c06 3m loc
 [awakádaɰiku]

(08)

a. pikaápinaku “tua mão”
 pi- ka:pi <-na> <-ku>
 2s mão 3p loc
 [piká:pinaku]

(09)

a. kiníkiɿikuɿe “em direção ao interior da roça”
 kiniki <-ɿi> <-ku> <-ɿehi>
 roça 3m loc dir:alat
 [kínikiɿikuɿe]

b. kiníkiɿik^hiɿe
 kiniki ɿi ku hiɿe
 roça 3m loc dir:abl
 [kiníkiɿik^hiɿe] “saindo da roça”

Identificamos dois tipos de direcional:

O alativo, ocorrendo posposto ao nome como em (10) modal-mod, primeira pessoa do singular-1s:

(10)

a. nu- a -ka kiniki -ɿehi
 1s ir mod roça dir:alat
 [núaka kinikiɿikuɿe] “eu vou à roça” (em direção a)

b. nu- a <-ka> nu- wini -ta awa <-ka> -da <-ɿehi>
 1s ir mod 1s caçar st compacto st c06 dir
 [núakawakádaɿikuɿe] “eu vou para o mato”

O ablativo ocorre sempre depois do locativo, como podemos ver em (11):

(11)

a. awa <-ka> <-ɿi> <-ku> <-hiɿe>
 compacto st 3m loc dir:abl

Podem receber sufixo topicalizador-top, como em (12):

(12)

a. iínaɟua inaít^haka ɟíahi
 i:na <-ɟu> <-a> i- naita <-ha> ɟi- ha <-hini>
 mulher gen:f top psp fazer st 3m deit dem
 pe:t^he
 pa- eta <-hi>
 4p beiju st
 [i:naɟúwainá^jt^haɟí^jẽhĩpe:t^hé] “Foi a mulher que fez este beiju”

E ainda o sufixo *nomen agentis* denominativo-na, como podemos observar na frase em (13):

(13)

a. nukápaka apáda aatɟía heémape
 nu- kapa <-ka> apa -da aatɟia he:ma <-pe>
 1s ver mod? um c06 homem anta na
 [nukápaka apada á:tɟi^ja hẽ:mapɛ] “Eu vi um homem caçador de anta”

5.2.1.2. Nomes inalienáveis

Os nomes inalienáveis dependem da flexão de prefixos pessoais. Vejamos o paradigma em (14a, b):

(14)

a. nu-wawa → nuwawa → [nuwáwa] “minha barriga”
 pi-wawa → piwawa → [piwáwa] “tua barriga”
 ɟi-wawa → ɟiwawa → [ɟiwáwa] “barriga dele”
 ɟu-wawa → ɟuwawa → [ɟuwáwa] “barriga dela”
 wa-wawa → wawawa → [wawáwa] “nossa barriga”
 i-wawa → iwawa → [iwáwa] “barriga de vocês”
 na-wawa → nawawa → [nawáwa] “nossa barriga”

b. nu-íɟa-na	→ nuiɟana	→ [núʝɟana]	“meu sangue”
pi-íɟa-na	→ piiɟana	→ [pí:ɟana]	“teu sangue”
ɟi-íɟa-na	→ iiɟana	→ [ɟí:ɟana]	“sangue dele”
ɟu-íɟa-na	→ ɟuiɟana	→ [ɟúʝɟana]	“sangue dela”
wa-íɟa-na	→ waiɟana	→ [wáʝɟana]	“nosso sangue”
i-íɟa-na	→ iiɟana	→ [í:ɟana]	“sangue de vocês”
na-íɟa-na	→ naiɟana	→ [náʝɟana]	“nosso sangue”

Podem ocorrer na forma absoluta, sendo-lhes imprescindível, contudo, a presença do sufixo substituto pessoal-psp, *i-*, e do sufixo absoluto-abs *-ɟi*, como podemos observar em (15).

(15)

a. iípet̃i “carne”
 i- ípe <-ɟi>
 psp carne abs
 [í:pet̃i]

b. iíɟanaɟi
 i- íɟa <-na> <-ɟi> [í:ɟanaɟi] “sangue”
 psp sangue st abs
 [í:ɟanaɟi]

c. iétɟaɟi “dente”
 i- etɟa <-ɟi>
 psp dente abs
 [ʝétɟaɟi]

Alguns nomes parecem apresentar sufixos temáticos-st como podemos observar em (16):

(16)

a. p^hewída “cabeça” * p^héwi
 pa- hiwi -da
 4p cabeça st
 [p^hewída] “cabeça”

b. ʒiíṭipi “rabo” * ʒiit̃i
 ʒi- íṭi <-pi>
 3s rabo st
 [ʒiíṭipi]

páʒapi * páya
 pa- ʒaha <-pi>
 4p tripa st
 [páʒapi] “tripa”

c. patʃíkuɛ “cabelo” * patʃiku
 pa- tʃiku <-ɛ>
 4p cabelo st
 [patʃíkuɛ]

O comportamento acentual de diversos nomes não obedece ao padrão acentual (cf. Capítulo 4, seção 4.5.1), como podemos observar em (16b, c); juntamente com as propriedades semânticas assemelhadas como em (16b). A noção de “fino” constitui uma das propriedades da configuração semântica dos nomes “tripa” e “rabo”; alguns nomes possuem homofonia às formas que são sufixos produtivos, como o -da (classificador nominal 6: classe geral) -pi (c24: fino, tempo) e -ɛ (sufixo de posse-sp). Isto nos instigou a refletir sobre a questão de alguns nomes receberem formas sufixais as quais estamos chamando neste trabalho de sufixos temáticos-st e concebendo-os como sufixos de natureza flexional, por serem impossíveis suas ausências nos temas nominais, como pode ser visto na coluna a direita, nos exemplos em (16).

5.2.1.3. Classificadores nominais

Os classificadores nominais são elucidados em (17). A língua possui dois tipos de classificadores previstos na literatura (cf. Allan, 1977 e Derbyshire, 1990), o numeral e o concordante:

(17) Classificadores nominais em Kurripáku:

- c01: -aṇa [anaha] “período, líquido”
- c02: -apa [apa] “animais com pena, e plantas”
- c03: -ap^hi [apihi] “buraco profundo”
- c04: -api [api] “buraco espesso”
- c05: -apu [apu] “relativo a pau”
- c06: -da [da] “redondo, temporalidade, animados/atributos, geral¹”
- c07: -dapana [da-pani-na] “relativo a habitação”
- c08: -ema [ema] “metade longitudinal”
- c09: -hiku [hiku] “fixo, assentado”
- c10: -hipa [hipa] “masculino, humano”
- c11: -hipada [hipa-da] “metade transversal”
- c12: -hiwi [hiwi] “fino, pontudo”
- c13: -i [i] “humano”
- c14: -ita [ita] “animado”
- c15: -i^ja [i^ja] “relativo a pele”
- c16: -k^ha [kaha] “sinuoso, flexível”
- c17: -ki [ki] “pequeno, fino”
- c18: -ma [ma] “feminino”
- c19: -maka [maka] “relativo a tecido”
- c20: -na [na] “masculino, não-humano”
- c21: -pa [pa] “vertical”
- c22: -peku [peku] “abertura”
- c23: -p^ha [paha] “relativo a fezes”
- c24: -p^he [pahi] “relativo a coisas leves”

¹ Dixon (1986) menciona a existência de classificadores nominais que servem como classe geral. Constatamos que este constitui o caso exposto, nossos informantes costumavam incluir nessa classe empréstimos do português, como por exemplo “lata”, “querosene”.

- c25: <-pi> [pi] “fino, relativo a tempo”
 c26: -p^hi [pihi] “espaço aberto”
 c27: -puku [puku] “conjunto unificado”
 c28: -t^he [tahi] “relativo a fruto”
 c29: <-wa> [wa] “espaço circunscrito”
 c30: -w̥ia [wihia] “concavidade”

Podemos agrupá-los a partir da semelhança comum aos nomes com os quais podem aparecer na estrutura quantificador numeral (quant) e adjetivo, conforme as seguintes categorias:

Categoria forma:

c12: -hiwi “fino, pontudo”

- | | | | |
|-----|---------|-----------|-----------------|
| (a) | ɬitʃúwa | [ɬitʃúwa] | “chifre (dele)” |
| (b) | lápi | [lápi] | “lápiz” |

c22: -peku “abertura”

- | | | | |
|-----|---------------------|---------------------------|--------|
| (a) | p ^h aápo | [p ^h á:poɬiku] | “ânus” |
| (b) | panúma | [panóma] | “boca” |

c28: -w̥ia “concavidade”

- | | | | |
|-----|-----|--------|----------|
| (a) | tía | [tíʝa] | “cuia” |
| (b) | íta | [íta] | “canoas” |

c21: -pa “vertical”

- | | | | |
|-----|-------|-----------------------|---------|
| (a) | tʃétu | [tʃ ^h étu] | “cesto” |
|-----|-------|-----------------------|---------|

c16: -k^ha “sinuoso, flexível”

- | | | | |
|-----|-------|---------|-----------|
| (a) | aápi | [á:pi] | “cobra” |
| (b) | úmapi | [ómapi] | “minhoca” |

(c) kátʃiɿi [kátʃiɿi] “jacaré”

c17: -ki “pequeno, fino”

(a) haíku [háʃku] “pauzinho fino”

Categoria espaço:

c28: <-wa> “espaço circunscrito”

(a) paiʃaúne [payáʷne] “ferida”

(b) ʃiʃéwa [ʃiyéwa] “lugar do fogo”

c09: -hiku “fixo, assentado”

(a) ŋútaku [ŋútaku] “nariz”

c03: -ap^hi “buraco profundo”

(a) kiníki [kiníki] “roça”

(b) kawawaɿikuáp^hi [kawawaɿikuwáp^hi] “buraco”

c04: -api “buraco espesso”

(a) pátu [pátu] “prato”

c25: -p^hi “espaço aberto”

(a) kiníki [kiníki] “roça”

Categoria especificidade:

c05: “relativo a pau”

(a) ápu [ápu] “pau”

(b) kaikuápu [haʃkuʷápu] “pedaço de pau”

c14: -ita “animado”

- | | | |
|-------------|-----------|----------|
| (a) múɽuku | [móɽoko] | “lança” |
| (b) peenéne | [pe:néne] | “língua” |
| (c) ʒámaɽu | [ʒámaɽu] | “arraia” |

c07: -dapana “relativo a habitação”

- | | | |
|------------|----------|--------|
| (a) paniɽi | [péniɽi] | “casa” |
|------------|----------|--------|

c14: -iya “relativo a pele”

- | | | |
|-----------------------|--------|--------|
| (a) pé ^ɨ a | [péya] | “pele” |
|-----------------------|--------|--------|

c19: -maka “relativo a tecido”

- | | | |
|--------------|------------|---------|
| (a) ʒámakaɽi | [ʒamákaɽi] | “roupa” |
|--------------|------------|---------|

c23: -p^ha “relativo a fezes”

- | | | |
|------------------------|---------------------|---------|
| (a) paí ^ɨ a | [pá ^ɨ a] | “fezes” |
|------------------------|---------------------|---------|

c24: p^he “relativo a coisas leves”

- | | | |
|------------------------|----------------------|--------------|
| (a) ɽíp ^h e | [ɽíp ^h ε] | “asa (dele)” |
|------------------------|----------------------|--------------|

c27: -t^he “relativo a fruto”

- | | | |
|----------|--------|-----------|
| (a) aáɽi | [á:ɽi] | “pimenta” |
|----------|--------|-----------|

Categoria quantidade:

c08: -ema “metade longitudinal”

- | | | |
|----------|--------|---|
| (a) lápi | [lápi] | “pedaço de lápis cortado no sentido longitudinal” |
|----------|--------|---|

c11: -hipada “metade transversal”

- | | | |
|-----------|----------------------|-----------------|
| (a) naíni | [ná ^ɨ ni] | “um seio delas” |
|-----------|----------------------|-----------------|

Categoria arranjo:

c26: -puku “conjunto unificado”

(a) káweɽu	[káweɽu]	“cacho de uma frutinha”
(b) manák ^h ε	[manák ^h ε]	“cacho do açai”

Categoria geral:c06: da “redondo, temporalidade, animados, atributos geral²”

(a) maɽéta	[maɽéta]	“maleta”
(b) pá ^t hi	[pá ^t hi]	“olho”

Categoria feminino:

c18: -ma “feminino”

(a) iínaɽu	[i:naɽu]	“mulher”
------------	----------	----------

c02: -apa “animais com pena, e plantas”

(a) aádaɽu	[á:daɽu]	“cará”
(b) maáɽi	[má:ɽi]	“garça”

Categoria masculino:

c10: hipa “masculino, humano”

(a) aatɽía	[a:tɽía]	“homem”
------------	----------	---------

c13: i “humano”

(a) inaíki	[iná ^j ki]	“pessoal (homem)”
------------	-----------------------	-------------------

² Dixon (1986) menciona classificadores que são usados como classe geral. Parece ser este o caso do Classificador 06.

c20: na “masculino, não-humano”

(a) taáɟu [tá:ɟu] “porco”

Categoria tempo:

c01: aña “periodicidade”

(a) mítɟa [mitɟa] “missa”

Os nomes podem receber classificadores e formar novo item lexical. Nessa perspectiva admitimos que em Kurripáku classificadores nominais possuem função derivacional como em outras línguas da família Aruak (Mujica, 1991:50-51), conforme os exemplos em (18):

(18)

- | | | | | | |
|----|--------|----------|----|-----------------------|----------------------|
| a. | haíku | “árvore” | b. | haik ^h iwi | “pedaço fino de pau” |
| b. | kamáɟa | “cupim” | c. | kamaɟáda | “cupinzeiro” |

5.2.2. Verbo

Distinguem-se na língua dois tipos de verbos: ativo e estativo. Diferenciam-se entre si pela presença de formas pessoais e, conseqüentemente, mudança estrutural.

5.2.2.1. Verbo ativo

Os verbos ativos são de dois tipos: transitivo (recebendo objeto) ou intransitivo (sendo-lhes ausente objeto e podendo receber o sufixo intransitivo-intrsn -u).

Os prefixos de pessoa-pp, sujeitos desses tipos de verbos, podem ser vistos em (19). Além desses existe o prefixo substituto de pessoa-pp, que aparece quando a pessoa já foi referida anteriormente, como podemos observar nos exemplos em (20):

Alguns verbos podem receber sufixo temático-st como elucidamos em (22):

(22)

a. *ɔimaáka* “ele dorme”

ɔi -*ima* -*a* <-*ka*>
3m dormir st mod

Cf. *pímatʃa* “durma”

pi- *ima* <-*tʃa*>
2s dormir enf

b. *papaɟaáka* “amarrar”

pa- *paɟa* -*a* <-*ka*>
4p amarrar st mod

Cf. *papaɟánda* “amarrado”

pa- *paɟa* <-*ni*> -*da*
4p amarrar passi c06:geral

c. *nuáni_hikau* “eu estou nadando, eu nadei”

nu- *áni* <-*hi*> -*ka* -*u*
1s nadar st mod intrns

d. *náuwakau* “nós sentamos”

na- *uwa* <-*ha*> <-*ka*> <-*u*>
3p sentar st mod intrns

Os verbos podem também receber os seguintes sufixos: modal-mod (23), intransitivo-intrns (24), recíproco-rec (25), causativo-cau (26), enfático-enf (27), habitual-hab (28), os perfectivos (29) e (30):

(23)

a. *pawánaka* “gritar”

pa- *wana* <-*ka*>
4p gritar mod
[*pawēnaka*]

b. napeékukani “eles (as) jogam”

na- peeku <-ka> <-ni>
3p jogar mod 3m

c. pekaáka “rir”

pa- ika -a -ka
4p rir st mod
[peká:ka]

(24)

a. nuípau

nu- ipa <-ha> <-u>
1s comer st intrns
[nú^jɲau]

b. núakau

nu- a <-ka> <-u>
1s ir mod intrns
[nú^waka^w]

(25)

a. nu^juakaákau

nu- yua <-ka> -aka <-u> “eu me corto”
1s cortar mod rec intrns
[nuyuaká:ka^w]

cf. nu^júakani

nu- yua <-ka> <-ni> “eu corto (algo)”
1s cortar mod 3m
[nuyúakēni]

b. nainuakaákau

na- inu -a <-ka> -aka <-u>
1p brigar st mod rec intrns
[na^jnuaká:ka^w] “eles brigaram”

(26)

a. peemétakani

pa-	éma	-ita	<-ka>	<-ni>	“fincá-lo (algo)”
4p	ficar em pé	caus	mod	3m	

Cf. peémaka

pa-	éma	<-ka>	“ficar em pé”
4p	ficar em pé	mod	

b. nuniwétaka “eu conto”

nu-	niwa	-ita	<-ka>
1s	apanhar	caus	mod

Cf. nuniwa “eu apanho”

nu-	niwa
1s	apanhar

c. ñiḷétaka

ñi-	hiḷa	-ita	<-ka>	kaini	“ele levantou a mandioca”
3s	subir	caus	mod	kaini	mandioca

Cf. ñuḷa “eu subo”

nu-	hiḷa
1s	subir

d. nuputṣiétaka

nu-	putṣi	-a	-ita	<-ka>	kaini
1s	molhar	st	caus	mod	mandioca

Cf. putṣíaka ṅua “eu estou molhada”

putṣi	-a	<-ka>	nu-	ha
molhar	st	mod	1s	deit

(27)

a. piínutṣa “matei a onça!”

pi-	inu	<-tṣa>
2s	matar	enf

b. núatʃa

nu- a <-tʃa> “Eu vou mesmo!”
 ls ir enf

c. pámetʃa

jiínu jiyaáwini “Claro que ele não matou a
 onça dele!”

na -me <-tʃa> ji- inu ji- yaawi <-ni>
 neg res enf 3m matar 3m onça sp

(28)

a. ʃuʃítadeka

kaíni

ʃu- hiʃi -ta <-de> <-ka> kaini
 3f raspar st hab mod mandioca

[ʃoʃítadekakáʃni] “ele raspa mandioca todo tempo”

(29)

a. núakena

nudéni

nu- a <-ka> <-ina> nu- deni <-hi>
 ls ir mod perf:pass ls trabalhar st
 [nuakéna nudéni] “eu já trabalhei”

Cf. pámetʃa

jiínuka

yaáwi

na -me <-tʃa> ji- inu <-ka> ya:wi
 neg res enf 3m matar mod onça
 [põmtʃa ji:nukayá:wi] “ele não mata onça!”

b. pámetʃa

jiiñunika

yaáwi “Ele não matou
 a onça!”

na -me <-tʃa> ji- ínu <-hini> <-ka> ya:wi
 neg res enf 3m matar perf:fut mod onça
 [pẽmtʃaji:ñũĩkayá:wi]

c. nuípenika

nu- iʃa -ha <-hini> <-ka>
 ls comer st perf:fut mod
 [nuípẽka] “eu ainda não comi”

Cf. nuíṗaka

nu- iṗa <-ha> <-ka>
 1s comer st mod
 [nuíṗaka] “eu como”

e. kúṗitʃa ɟuṗít^heka kaíni
 kuṗi<-tʃa> ɟu- hiṗi -ta <-hini> <-ka> kaini
 neg enf 3f raspar st perf:fut mod mandioca
 [kuṗítʃaɟoṗít^hēkaká^jni] “a mulher ainda não raspou a mandioca”

(30)

a. ɟimaakaútʃa “Ele dormirá”
 ɟi- ima -a <-ka> -utʃa
 3s dormir st mod fut
 [ɟima:ká^wtʃa]

Cf. ɟimaákatʃa “Ele está dormindo!”
 ɟi- ima -a <-ka> <-tʃa>
 3s dormir st mod enf
 [ɟimá:katʃa]

b. kaákutʃa “eu vou falar”
 ka- aku -utʃa nu- ha
 atr falar fut 1s deit
 [ka:kútʃaṇúwa]

Cf. maákutʃa “não fale”
 ma- aku <-tʃa>
 priv falar enf
 [má:kutʃa]

c. nuwetaútʃa tʃiínu “eu vou prender o cachorro”
 nu- weta -utʃa tʃinu
 1s prender fut cachorro
 [nuwetá^wtʃatʃí:nu]

Cf. nuwétaka tʃi:nu “eu prendi o cachorro”
 nu- weta <-ka> tʃi:nu
 1s prender mod cachorro
 [nuwétakatʃi:nu]

Sua estrutura pode ser vista em (31) (onde pronome pessoal-pp e suj e obj aludem ao papel sintático que pp possa ter):

(31)

ppsubj + raiz + (st) + (top) + (enf) + $\left\{ \begin{array}{l} \text{caus} \\ \text{rec} \end{array} \right\}$
 (perf) + (mod) + $\left\{ \begin{array}{l} \text{ppobj} \\ \text{intrns} \end{array} \right\}$ + (fut)

Nessa estrutura há de se considerar que a presença do recíproco-rec e/ou do intransitivo-intrns implica(m) a não ocorrência de causativo-caus e de ppobj, pois são mutuamente exclusivos.

5.2.2.2. Verbo estativo

Os verbos estativos distinguem-se do verbo ativo por receberem pronomes pessoais, como em (32), como os exemplos em (33) os ilustram:

(32)

pessoa		singular	plural
1 ^a		ṅúa	wáa
2 ^a		p ^h ia	hia
3 ^a	F	nu	na
	M	ni	

(33)

hape-ka nuha [hápekaṅùa] “estou com frio”
 hape-ka pi-ha [hápekap^hia] “você está com frio”
 hape-ka ʃi-ha [hápekani] “ele está com frio”
 hape-ka ʃu-ha [hápekanu] “ela está com frio”

hape-ka	wa-ha	[hápekawà:]	“nós estamos com frio”
hape-ka	i-ha	[hápekayà:]	“vocês estão com frio”
hape-ka	na-ha	[hápekaṇà:]	“eles estão com frio”

Os verbos estativos podem receber sufixo temático-st como ilustramos nos exemplos em (34):

(34)

- a. ṭuúmuopetʃani “abaixou-se”
 ṭuumu <-pe> <-tʃa> <-ni>
 abaixar st enf 3m
 [ṭú:mupetʃēni]

Cf. maṭuúmutʃa “não se abaixe”
 ma- ṭuumu <-tʃa>
 priv abaixar enf
 [maṭú:mupetʃa]

- b. káupitakani “está sujo”
 ka- upi <-ṭa> <-ka> <-ni>
 atr sujo st mod 3m
 [káwpiṭakēni]

Podem receber sufixo modal (35), perfectivo (36) e enfático (37):

(35)

- a. hámakani “ele está cansado”
 hama <-ka> <-ni>
 cansado mod 3m
 [hámakē]

- b. hámakanu “ela está cansada”
 hama <-ka> <-nu>
 cansado mod 3f
 [hámakēnu]

c. matʃiádaʒukanu “Ela é bonita”

matʃia -da <ʒu> <-ka> <-nu>
 bonita c06:geral gen:f mod 3f
 [matʃiádaʒukẽnu]

d. tʃuúdaʒika nua “eu fiquei pequeno”

tʃú -da <-ʒi> <-ka> nu- ha
 pequeno c06:geral gen:m mod 1s deit
 [tʃó:daʒikaŋúa]

e. hápekani “está frio”

hape <-ka> <-ni>
 frio mod 3m
 [hápekẽ]

f. maʒámekani

maʒa -me <-ka> <-ni>
 morrer res mod 3m
 [maʒémkẽ] (~) [maʒémkẽni] “ele morreu”

g. képeka nua

ka- ipe <-ka> nu ha
 atr carne mod 1s deit
 [képekaŋúa] “eu estou magra”

(36)

a. hámakenani “ele já está cansado”

hama <-ka> <ina> <-ni>
 cansado mod perf:pass 3m
 [hámakẽnẽni]

b. hápekenani “ele já está com frio”

hape <-ka> <ina> <-ni>
 frio mod perf:pass 3m
 [hápekẽnẽni]

c. hámak^henini “ele ainda está cansado”

hama <-ka> <hini> <-ni>
 cansado mod perf:fut 3m
 [hámak^hēnīni]

d. hápek^henini “ele ainda está com frio”

hape <-ka> <ina> <-ni>
 frio mod perf:pass 3m
 [hápek^hēnīni]

(37)

a. kaákukatʃa p^hîa “você fala mesmo!”

ka- aku <-ka> <-tʃa> pi- ha
 atr falar mod enf 2s deit
 [ká:kukatʃaphîa]

b. matʃiádaɹutʃa iínaɹu “É bonita mesmo a mulher”

matʃia -da <-ɹu> <-tʃa> iina <-ɹu>
 bonito c06:geral gen:f enf mulher st

A estrutura do verbo estativo pode ser vista em (38):

(38) Estrutura do verbo estativo:

Atrib	+ raiz	+ (st)	+ (mod)	+ (perf)	+ (enf)	+ pp
Priv						

5.2.3. Advérbio-adv

Os advérbios caracterizam-se pela mobilidade de distribuição e por não possuírem afixos acumulados na raiz. Podemos dizer que existem, a princípio, os seguintes advérbios:

Tempo:

(39)

a. aatʃia i- inu ʃi- ha <-hini> ʃaawi daikaʃa
 homem psp matar 3m deit dem onça adv:ontem
 [á:tʃiaĩ:nuʃíahĩyá:widaikáya] “O homem matou esta onça
 ontem”

b. nu- tu papeʃa panaʃa
 ls pegar papel adv:agora
 [nútupeʃapanáya] “eu pego papel agora”

Lugar:

(40) átehe

a. a -te <-hini>
 adv dist dem
 [átēhē] “lá”

(41)

a. a <-nai> <-tʃa> <-hini> yeema
 adv pl enf dem fumo
 [ánaʃtʃēhĩʃē:ma] “o fumo está aqui”

(42)

a. tʃípaʃe átʃaniʃahi “o machado está aqui”
 tʃípa <-je> a <-tʃa> <-ni> <-ʃa> <-hini>
 machado st adv enf ? ? dem
 [tʃípaʃeátʃēʃhĩ]

(43)

a. aatʃia a <-tʃa> <-ni> awa <-ka> da <-ʃi> <ku>
 homem adv enf ? compacto st c06 3m loc

Modo:

(44)

a. hámu [hámo] “quente”

A nossa ênfase quanto ao caráter preliminar da nossa análise dessa categoria advém da observação – através de ainda escassos dados, que a categoria chamada de advérbio aparece como verbo. Por exemplo, o último exemplo visto (44) admite as seguintes formas em (45):

(45)

a. hámukanu “ela está quente”

b. hámu pádaki “febre”

Em (45) fica evidente que “hamu” funciona como verbo estativo em (a b).

5.2.4. Pronomes

São os seguintes os pronomes na língua:

5.2.4.1. Pronome pessoal

Os prefixos pessoais são aglutinados à forma raiz daitica -ha, formando os pronomes independentes os quais possuem acento primário e são vistos em (46):

(46)

pessoa		singular	plural
1 ^a		ṇua	wa:
2 ^a		p ^h ia	hia
3 ^a	F	ṽua	ṇa:
	M	ṽia	

5.2.4.2. Pronome interrogativo

Recebe os sufixos modal (47a), futuro (47a) e sufixo temático (48a), c06:geral (48a), resultativo (49a) e perfectivo (49a). A princípio podemos dizer que de maneira geral o pronome interrogativo recebe os sufixos comuns aos verbos e com a mesma possibilidade de coocorrência:

(47)

a. kukaútʃa ipitúa
 ku <-ka> utʃa i- pitu -a
 int mod fut psp fugir st
 [kuká^wtʃaipitúa] “Quem vai fugir”

(48)

a. kuáda aatʃía iínu ʃiahi ʃaawi
 ku -a da aatʃia i- inu ʃi- ha <-hini> ʃaawi
 int st c06 homem psp matar 3m deit dem onça
 [ku^wáda:tʃiaĩ:nuʃi^jẽhĩ^já:wi] “Por que o homem matou esta onça?”

(49)

a. kuáhe
 ku -a -me <-hini>
 int st res perf:fut
 [ku^wẽhẽ] “como?”

5.2.4.3. Pronome negativo

Parece também comportar-se como o interrogativo, no que se refere à ocorrência de sufixos comuns aos verbos. Vejamos os dados em (50) que ilustram os escassos exemplos do nosso *corpus*:

(50)

- a. kuɿiútʃa nuíɲa heéma “eu não vou comer anta”
 kuɿi -utʃa nu- iɲa <-ha> heema
 neg fut 1s comer st anta
 [kuɿí^wtʃanuĩɲakahé:ma]

5.2.5. Adjetivo

Os adjetivos possuem o sufixo classificador nominal, o sufixo relativizador ou ausência deste (51), a presença de gênero (52), podendo receber o sufixo passado (53) ou receber sufixo plural (53b) e, no exemplo (53c), a forma denominal que funciona como adjetivo e recebe o sufixo plural:

(51)

- a. haíku tʃuúne
 haiku tʃu: -na <-i>
 árvore pequeno c20:masculino, não humano rel
 [há^jkutʃú:ne] “árvore pequena”
- b. ɿitʃíkuɾe kaupitak^hái
 ɿi- tʃiku <-ɾe> ka- upi <-ṭa> -kaha <-i>
 3m cabelo st atr sujo st c16:sinuoso rel
 [ɿitʃíkoɾeka^wpitak^há^j] “o cabelo dele está sujo”
- c. uuni i- tʃia <-ka> anaha
 água psp esquentar mod c01:período, líquido
 [ú:nitʃiaká:ɲà] “água aquecida”
- d. pánti upidapána “casa velha”
 pani <-ṭi> upi -dapana
 casa st velho c07:habitação
 [pěntiupídapěna]

(52)

a. maííye kemańadaɽi híwakau
 maííye ka-ima <-na> -da <-ɽi> i- hiwa <-ka> <-u>
 faca atr fio st c06:geral gen:m psp cair mod intrns
 [maííyekēmanádaɽihíwaka^w] “a faca afiada caiu”

b. João Pedro kawawánaɽi
 João Pedro ka-wawa -na <-ɽi>
 atr barriga c20:masculino, não humano gen:m
 [ʒuẽopédu kawawánaɽi] “João Pedro barrigudo”

c. kawawaɽikuáp^hi iṭádaɽi
 ka-wawa <-ɽi> <-ku> -apihi iṭa -da <-ɽi>
 atr barriga 3m loc c03:buraco fundo preto c06 gen:m
 [kawawaɽikuáp^hiṭádaɽi] “o buraco é preto”

d. kuáma keewédaɽu
 kua -ma ka-éwa <-hi> -da <-ɽu>
 galinha st atr ovo st c06:geral gen:f
 [kuẽma ke:wédaɽu] “galinha choca”

(53)

a. búne upídaɽimi
 bune upi -da <-ɽi> <-mi>
 boné velho c06:geral gen:m pass
 [bóneupídaɽi] “boné velho”

b. ɟameéma pakutʃípa makeémaɽipe
 ɟama -ema pa-kutʃi -pa maka
 quant c08:metade longitudinal 4p coxa c21:vertical grande
 -ema <-ɽi> <-pe>
 c08:metade longitudinal gen:m pl
 [yamē:mapakutʃípamakē:maɽipe] “Duas coxas grandes”

c. ʒamaíta $\text{kúp}^{\text{h}}\text{e}$ makaítape
 ʒama -ita kupa <-hi> maka -ita <-i> <-pe>
 quant cl5:animado peixe st grande cl5:animado rel pl
 [$\text{ʒamá}^{\text{ʒ}}\text{takúp}^{\text{h}}\text{εmaká}^{\text{ʒ}}\text{tepe}$] “dois peixes grandes”

d. yamapuipúi makánepe
 yamapuipui maka -na <-i> <-pe>
 cachorro-do-mato grande rel pl
 [$\text{ʒamapu}^{\text{ʒ}}\text{pú}^{\text{ʒ}}\text{makénepe}$] “cachorros-do-mato grandes”

Alguns adjetivos consistem-se de formas verbais nominalizadas, sendo-lhes afixados os sufixos acima referidos. Vejamos em (54):

(54)

a. aatʃía kadeņikaíte
 aatʃia ka- deni <-hi> <-ka> -ita <-i>
 homem atr trabalhar st mod cl5:animado rel
 [$\text{a:tʃíakadeņiká}^{\text{ʒ}}\text{te}$] “homem trabalhador”

b. kawiniíte aatʃía
 ka- wini -ita <-i> aatʃia
 atr caçar cl5:animado rel homem
 [kawīní:teá:tʃia] “o homem caçador”

c. ṇaáhi heéma awakádaṇikupe
 na- ha -hini heema awa <-ka>-da <-ṇi> <-ku> <-pe>
 lp deit dem anta compacto st c06:geral 3m loc pl
 nawákakau “estas antas do mato chegaram”
 na- waka <-ka> <-u>
 3p chegar mod intrns
 [ṇē:hī hē:ma $\text{awakádaṇikupenawákaka}^{\text{w}}$]

As formas sobre as quais faremos algumas considerações são as que funcionam como demonstrativo. Por essas formas, supostamente demonstrativos, não se

constituírem em lexemas, podemos questionar a existência delas enquanto uma categoria gramatical na língua. Por ora nos contentaremos somente em descrevê-las.

Essas formas são compostas pelo prefixo pessoal da terceira pessoa do singular masculino ou feminino ou da terceira pessoa do plural, sendo-lhes acrescentada a forma raiz déitica -ha, o sufixo -te, indicando proximidade do objeto (os) ou somando-lhe o sufixo -ø indicando distância do objeto (os). A sua estrutura pode ser vista em (55) e os exemplos em (56) e (57):

(55)

pp -ha (-te) (-hini)

(56)

a1. ɟíahi heéma “esta onça”

ɟi- ha -ø -hini heema

3m deit prox dem onça

[ɟiõhĩhẽ:ma]

a2. ɳáahi heéma “Estas onças”

na- ha -ø -hini heema

3p deit prox dem onça

[ɳá:hĩhẽ:ma]

b1. ɟúahi iínaɟu “esta mulher”

ɟu- ha -ø -hini iina <-ɟu>

3f deit prox dem mulher st

[ɟúẽhĩĩ:naɟu]

(57)

a1. ɟiátehe heéma “esta onça”

ɟi- ha -te -hini heema

3m deit dist dem onça

[ɟiétẽhẽhẽ:ma]

a2. ṅááhi heéma “Estas onças”
 na- ha <-hini> heema
 3p deit dem onça
 [ṅá:hīhē:ma]

a3. ṅúahi iínaṅu “esta mulher”
 ṅu- ha <-hini> iina <-ṅu>
 3f deit dem mulher st
 [ṅúēhīínaṅu]

a4. ṅuátehe iínaṅu
 ṅu- ha -te <-hini> iina <-ṅu>
 3f deit dist dem mulher st
 [ṅuáteí:naṅu] “esta mulher”

5.2.6. Quantificador-quant

Os quantificadores podem receber os afixos de classes nominais, vistos na seção 5.3.1.3. São as seguintes as formas (raízes) numéricas na língua:

(58)

a. ápa “um”

b. j áma “dois”

c. máda <-ṅi> “três”

d. kúa -da <-ka> “quatro”

A partir do número cinco coexistem duas possibilidades, ou mantém-se o sistema tradicional de contagem a partir das mãos. Nesse caso uma mão equivale a cinco, uma mão mais um dedo da outra mão equivale a seis, e assim sucessivamente. Quando se chega na dezena tem-se uma pessoa, e na centena têm-se 10 pessoas.

Vejamos alguns exemplos:

(59)

- a. apa -ita "um"
quant:1 cl4:animado 4p mão
- b. ^hama -ita "dois"
quant:1 cl4:animado 4p mão
- c. madari -ita "três"
quant:1 cl4:animado 4p mão
- d. kua -da <-ka> -ita "quatro"
quant:1 cl4:animado 4p mão
- e. apa -ita pa- kaapi "cinco"
quant:1 cl4:animado 4p mão
- f. apa -ita pa- kaapi apa -ita <-na> <-ku> "seis"
quant:1 cl4:animado 4p mão quant:q cl4:animado 3p loc
- g. apa -ita pa- kaapi yama -ita <-na -ku> "sete"
quant:1 cl4:animado 4p mão quant:2 cl4:animado 3p loc
- h. ^hama -ita pa- kaapi "dez"
quant:2 cl4:animado 4p mão

São adotados também os números emprestados da língua portuguesa, sendo mantidos os sufixos classificadores nominais comuns na estrutura de quantificador, como estão ilustrados em (60)³:

(60)

- a. sinku -kaha "cinco"
quant:5 cl6
- b. sinku -da "cinco"
quant:5 c06

³ Constatamos que o sistema de contagem nativa vem sendo substituído por outro sistema, como também vem a ser o caso do sistema Kurripáku descrito por Gonzales-Nanez, 1985: "*El sistema de numerales en esta lengua abarca los numerales UNO, DOS y TRES. De alli adelante (...) español*". (p. 16)

Observamos que é partir do número quatro que ocorre empréstimos da língua portuguesa. Outros quantificadores são demonstrados em (66):

(66)

a. húɟe

[hóɟe] “muito”

b. tʃuútʃa

[tʃú:tʃa] “pouco”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por quanto nossa análise nesta dissertação deva ser tomada como preliminar, na medida em que está baseada num *corpus* limitado, reconhecemos, contudo, termos dado uma contribuição ao conhecimento do complexo Bani wa-Kurripáku, por termos explanado duas variações do Kurripáku falado no Brasil por falantes Kumandáminanei e Ayáneni nunca anteriormente tratadas.

Reconhecemos ser o Kurripáku realmente uma das variações do que conhecemos sob o nome genérico: “Baniwa do Içana”. As afirmações presentes em Taylor (1991:17), quanto à relação entre o Kurripáku e o Baniwa do Içana são pertinentes pois constatamos diferenças fonéticas e lexicais.

Nossa dissertação é apresentada a partir de um ponto de vista sincrônico e não sob o ponto de vista comparativo, todavia os dados aqui descritos poderão ser muito úteis em pesquisa de tal natureza.

Este trabalho também deverá fornecer subsídios na planificação de propostas educacionais uma vez que prima por uma das variedades faladas na região do Alto Rio Negro-AM, a qual deve também ser considerada na implantação de uma determinada ortografia, já que a ortografia vigente parece ter privilegiado a fala dos Walipéri-dákenei.

Do ponto de vista descritivo foram demonstrados diversos processos fonológicos na língua Kurripáku, alguns já identificados anteriormente para outro dialeto (Taylor, *ib.*). A harmonia vocálica, contudo, só aparece nesta nossa pesquisa e foi tratada a partir de uma abordagem não-linear com base em Clements (1985, 1991a, b) o que permitiu explicitar os fatos.

Do mesmo modo outros processos foram concebidos como tipos de assimilação, seja a de consoante, dando conta das realizações como aspiração e ensurdecimento, seja a de vogal, nas realizações de ditongação, alongamento e coalescência.

Esses processos respeitam as regras lexicais e pós-lexicais. Lexicais, por não podermos prever em determinadas formas sua realização como ditongo ou como coalescência; pós-lexicais, por serem determinados processos previsíveis a partir do acento – em sílabas não-acentuadas ocorrem as coalescência vocálicas.

Isso nos levou a admitir a proposta presente na fonologia lexical de Mohanan (1986, 1984) de que na formação do léxico de uma língua as diversas modificações fonológicas podem ter uma natureza lexical e ainda uma pós-lexical e, desse modo, uma mesma regra pode ser aplicada aos dois níveis, sendo necessário somente o reconhecimento de seu domínio.

Os aspectos morfológicos foram apresentados de maneira bem resumida. Na verdade os aspectos fonológicos relacionam-se com morfologia, principalmente no tocante ao aspecto acentual, e não apresentá-los significaria causar uma lacuna irreparável às conclusões fonológicas alcançadas neste trabalho.

O acento determinado nas formas morfêmicas, cujo domínio de atribuição, no segundo estrato, é a raiz de uma palavra; assim algumas raízes são não-acentuadas – no primeiro estrato, em nível subjacente. O reconhecimento dessas formas é imprescindível para a análise do sistema consonantal subjacente, pois são admitidas algumas formas que aparentemente constituem uma forma tautomorfêmica, possuindo na verdade sufixo temático, sendo, portanto, formas heteromorfêmicas. Esta evidência é reconhecida em outras formas no léxico e encontra-se aí talvez a necessidade de reconhecermos a composição como um dos processos de formação do léxico.

À guisa de exemplos, morfemas como de gênero masculino e feminino comportam-se acentualmente como outras formas homófonas sufixadas em nomes. Possuem produtividade relativa, ou seja, constatamos que os sufixos homófonos com as formas de feminino e masculino não estão presentes em todos os nomes. São esses morfemas considerados morfológicamente mais um sufixo temático que participa na

forma de tais nomes, como alguns nomes de animais e plantas e outros, exemplificados no Capítulo 5.

A observação de empréstimos da língua portuguesa reforçou as seguintes hipóteses, todas em função das estratégias que exibem o substrato do sistema nativo:

- a) a não-distintividade de abertura nas vogais dorsais e coronais, além das duas alturas fonológicas, tratadas como [+ aberto] e [- aberto];
- b) a culminância acentual paroxítona;
- c) bem como, a estrutura silábica.

Esperamos poder ainda aprofundar a análise dessa língua em vários aspectos morfológicos e no processo de formação do léxico em particular, ao mesmo tempo estender a análise do acento ao nível de locução e de frase. Assim saberemos se todos os processos fonológicos ultrapassam o domínio pós-lexical, ou seja, se ocorrem em fronteiras de palavras. Parece-nos ser a princípio uma hipótese que merece ser averiguada e achamos que alguns exemplos no *corpus* da nossa pesquisa requerem tal investigação.

Outros aspectos que merecem pesquisas são a morfossintaxe e a sintaxe. Os classificadores poderão ser aprofundados a partir de seu comportamento morfossintático e ainda de suas possibilidades semânticas. Nesta dissertação limitamo-nos a tratá-los a partir somente da morfologia, ou seja, reconhecendo-os como um tipo de morfema sufixal e que traz referência aos nomes, tendo sido possível categorizá-los a partir das categorias previstas na literatura. Também esse aspecto demanda mais pesquisas.

Por fim, tomamos a iniciativa de anexar uma lista de afixos na língua estudada para minimizar a carência de dados descritivos das diversas variações e auxiliar nas pesquisas comparativas. Acreditamos que essa uma das maneiras pela qual a implementação de uma verdadeira caracterização dialetal do Baniwa do Içana se

tornar possível, a exemplo do que vem sendo feito em pesquisas, de enfoque sociolinguístico, como no Projeto VARSUL¹ — Variação Lingüística Urbana da Região Sul — para caracterizar os diversos dialetos do português falado nos três estados do sul do Brasil.

¹ O Projeto VARSUL congrega pesquisadores (professores/alunos) da Universidade Federal do Paraná, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Nesta última, conta com a coordenação do Prof. Dr. Paulino Vandresen.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD-ANGENOT, A. *Classes nominais e gênero nas línguas Arawak*. Florianópolis, 1992. Monografia apresentada para Concurso Público para Professor Titular.
- ALLAN, K. Classifiers. *Language*, v.53, n.2, p.285-311. 1977.
- ANDERSON, S. R. Inflectional Morphology. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge Press. 1986. 3v. v.3: Grammatical categories and the lexicon.
- _____, KEENAN, Edward. In: SHOPEN, T. (ed). Deixis. *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge Press. 1986. 3v. vol.3: Grammatical categories and the lexicon.
- ANGENOT, J., VALADARES, S. M. B., MARTINS, V. *Um processo de Metátese no Complexo Baniwa-Kurripáku — análise sincrônica e diacrônica*. Revista Teias, Florianópolis, 1992. Número especial sobre línguas indígenas.
- BAPTISTA, B. O. *An Autosegmental Analysis of Portuguese Nasalization*. Romance Linguistics & Literature Review, n.1, p. 76-86. 1988.
- BISOL, L., Hora, D. A palatização da oclusiva dental e a Fonologia Lexical. In: *Workshop sobre Fonologia*, 1993, Coimbra. Comunicações...Coimbra, 1993.
- BRITON, D. G. *Studies in South American Native Languages*, London apud AIKHENVALD-ANGENOT, A. *Classes nominais e gênero nas Línguas Arawak*. 1992. Monografia apresentada no Concurso Público para Professor Titular.
- CLEMENTS, G. N. *The geometry of Phonological Features*. Phonology Yearbook, n.2, p. 225-252, 1985.
- _____. *Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory*. Working Paper of the Cornell Phonetics Laboratory, n.5, p.77-123. 1991a.
- _____. *Vowel height assimilation in Bantu Languages*. Working Paper of the Cornell Phonetics Laboratory, n.5, p.37-75.
- _____, KEYSER, S. J. *CV Phonology*. LI Monograph Series, A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- DERBYSHIRE, D., PAYNE, D. Noun Classification systems of amazonian languages. In: PAYNE, D. (ed). *Amazonian Linguistics, studies in lowland south american languages*. Austin: University of Texas press, p. 243-71, 1990.

- DIXON, R. M. W. Noun classes and noun classification in Typological Perspective. In: CRAIG, Colette (ed). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam: Jhon Benjamins Publishing Company, 1986.
- ELSON B., PICKETT, V. *Introdução a morfologia e a Sintaxe*. 2 ed. Editora Petrópolis: Rio de Janeiro, 1978.
- GALVÃO, E. *Aculturação indígena no Rio Negro*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, Belém, PA, 1960. (Nova Série).
- _____. Estudos de Antropologia na Amazônia. In: *Simpósio sobre a biota amazônica*, 1966, Belém, PA. Comunicação...Belém, PA: s.n., [19--?].
- _____. E. Encontro de sociedades tribal e nacional no Rio Negro, Amazonas, p. 421-434. In: SCHADEN, Egon (ed). *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Biblioteca Universitária, 1976. (Série 2a. Ciências Sociais, 7).
- GILIJ, F. S. *Saggio di sotira americana: o sai Storia naturale, Civile sacra de regni, e delle provincie spagnoule de Terra-Ferma nell'Americana Meridionale descritto dell' abate F.S. Gilij*. Roma, 1782 apud NOBLE, G. K. *Proto-arawakan and its decendants*. International Journal of American Linguistics, v.31, n.3, p. 1-130. 1965.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- _____. Tone melodies and the Autosegmental Phonology. In: HEBERT, R. K. (ed). *Proceedungs in the Sixth Conference on African Linguistics*, n. 20, p.135-47, apud GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- GONZÁLEZ-ÑÑÑEZ, O. *Los numerales en um Dialecto Curripaco*. Boletim de Linguística, v. 11, Caracas, p. 15-28, 1985.
- GREENBERG, J. H. *Language in the Americas*. California: University Press. 1987.
- _____. The general classification of Central and South American Languages. In: WALLACE, A (ed). *Men and culture, selected papers of the 5th Internacional Congress of Anthropological Sciences 1956*, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, p. 791-794, 1960.
- GRIMES, B. *Language of the world*, Ethnologue. 11 ed, Dalls: SIL, 1988.
- HAYES, B. *Metrical Street Theory: Principles and Case Studies*. 1991. Draft.
- _____. *Extremametricality and English street*. Linguistic Inquiry, v. 13, n. 2, p. 227-276.

- HILL, J. *Wakuená Society: a processual-structural analysis of indigenous cultural life in the upper rio Negro basin*, Venezuela, 1983. Ph.D. dissertation, Indiana University.
- _____. 1983. *Wakuená Society: A processual-Structural Analysis of Indigenous Cultural life in the Upper Rio Negro Basin*, Venezuela. Ph.D. dissertation, Indiana University.
- HUBER, R. Q., REED, R. B. *Vocabulario comparativo, palabras selectas de lenguas indigenas de Colombia*. Bogotá: Colombia: Asociacion Instituto Linguistico de verano, 1992.
- HYMAN, L. M. The representation of Nasality in Gokana. In: HURLST, H. V. D., SMITH, N. (ed). *The Structure of Phonological Representation*. Foris: Dordrecht, 1982. p. 111-130.
- KAUFMAN, T., BERLIN, B. (ed). *South American Indian Languages Documentation Project Questionnaire — SAILDP*. Pittsburg University, 1986.
- KOCH-GRUNBERG, T. *Aruak-Sprachen: Nordwestbrasilien und der na-graden Gebiet, Mitteilung der Anthropologischen Gesellschaft*, Wien, 1911.
- _____. *Von Roraima zum Orinoco 1911 – 1913*. Stuttgart: Verlag Strocker und Schroder, 1928.
- LADEFOGET, P. *Preliminaries to linguistic phonetics*. Chicago: Chicago University Press, 1971.
- _____. *A course in Phonetics*. London: Harcourt Brace Jovano- vich, 1982.
- _____, MADDIESON, I. *Vowels of the world's languages*. Journal of phonetics. n.18, p.93-122, 1990.
- LATHRAP, D. The upper amazon. New York: Praeger, apud HILL, Jonathan. *Wakuenaá Society, A processual-Structural Analysis of Indigenous Cultural life in the Upper Rio Negro Basin*, Venezuela, 1983. Ph.D. dissertation, Indiana University.
- LEHISTE, I. *Suprasegmentals*. Cambridge: MIT, 1970.
- LOUKOTKA, C. *Classification of south american indian language*. Los Angeles: University of California, 1968.
- MASON, J. A. *The languages of south american indians*. Handbook of south american indian, v.6, p. 157-317. 1950.
- MATTESON, E. Proto-Arawak. In: MATTESON e alii: *Comparative Studies of Ameridian Languages*, the Hague-Paris: Mouton, p. 160-242, 1972.

- MATTHEWS, P. H. *Morphology, An Introduction to the Theory of Word-Structure*. Cambridge. University Press. 1987.
- MIGLIAZZA, Enerst C. Languages of the Orinoco-Amazon Region: Current Status. In: KLEIN, H. E. M., STARK, L. R. *South American indians laguagens — Retropect and Prospect*. Austin: University of Texas Press, Austin, 1985.
- MOHANAN, K. P. & MOHANAN, T. *Lexical Phonology of the consonant system in Malayam*. *Linguistic Inquiry*, v. 15, n.4, p. 575-601, 1984.
- _____. *The theory of lexical phonology*. Reidl: Dordrecht, 1986.
- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. *Questionário Lingüístico*. Belém, 1989.
- MUSEU NACIONAL. *Formulário do Setor lingüístico*. Rio de Janeiro, 1980.
- NIDA, E. *Morphology, The Descriptive Analysis of Words*. Ann Arbor: Michigam, 2^a ed. 1967.
- NIMUENDAJU, C. *Mapa ento-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. il.
- _____. 1982. Reconhecimento dos rios Içana, Ayarí e Uaupés, p. 123-191. In: *Textos Indigenistas*. São Paulo: Loyola, 1982. (Coleção Missão Aberta).
- NOBLE, G. K. *Proto-arawakan and its descendants*. *International Journal of American Linguistics*. v.31, n.3, p. 1-130. 1965.
- ORTEGA MUJICA, M. C. *Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak)*. Campinas, 1992. Dissertação de Mestrado, Unicamp.
- PAYNE, D. A classification of Maipure (Arawakan) languages based on Shared lexical retentions. In: DERBYSHIRE, D., PULLUM, G. K. (ed). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton Gruyter, 1991. v.3, p.355-499.
- PIKE, K. L. *Phonemics, e technique for reducing language to writing*. 11ed, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1947.
- _____. *Phonetics*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1943.
- _____. *Una visión panarâmica de la Familia Lingüística Arawak*. Notícias culturais. Bogotá, Colombia: Instituto Caro y Cuervo, Bogotá, Colômbia, 1998. p. 16-19.
- RIVET, P. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles, In: MEILLET, A. E COEHN, M. *Les langues du monde*, Paris, 639-712. apud AIKHENVALD-ANGENOT. *Classes nominais e genero nas linguas arawak*. Trabalho apresentado para Concurso Público para Professor Titular. 1992.

- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras, para o conhecimento das Línguas indígenas*. São Paulo: Loyola. 1986.
- _____. *Diversidade Lingüística na Amazônia*. Brasília: UNB, 1992. 13p. (mimeo).
- SCHACHTER, P. Parts-of-Speech. In: SHOPEN, T. (ed). *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge Press 1986. 3v v.1 Clause structure.
- SCHIMDT, W. *Die Sprachfamilien und Sprachkreise der Erde*. Leipzig, 1926, apud AIKHENVALD-ANGENOT, A. *Classes nominais e genero nas línguas Arawak*. Florianópolis, 1992. Monografia apresentada no Concurso Público para Professor Titular.
- SOUZA, B. L. *Do rio negro ao orenoco, a terra — o homem*. Rio de Janeiro: Ministério da agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1959. Publicação, n.11.
- STEINEN, K. Von den. *Durch central Brasilien*. Leipzig, 373. 1888 apud AIKHENVALD-ANGENOT, A. *Classes nominais e genero nas línguas Arawak*. Florianópolis, 1992. Monografia apresentada no Concurso Público para Professor Titular.
- SWADESH, M. *Afinidades de las lenguas amerindias*. Akten des 34 Internationalen Amerikanisten Kongress, p. 729-738, 1964.
- TAYLOR, D. *A note on Palikur and northern Arawakan*. International Journal of American Linguistics. v. 36, n.1, p. 659-60. 1977.
- TAYLOR, G. *Introdução ao Baniwa do Içana*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- TOVAR, A. *Las lenguas arahuacas: hacia una delimitación y clasificación más precisa de la familia arahuaca*. Thesaurus, 41, Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1986.
- URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, M. C. *História dos índios no Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. p. 87-102.
- VALADARES, S. M. B. Classificação Nominais em Kurripáku. In: *Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC, 1992, São Paulo. Anais...* São Paulo: USP, 1992a.
- _____. Locução Nominal em Kurripáku. In: *Encontro Nacional de Pós-Graduação em Letras e Lingüística — ANPOLL, Porto Alegre*. Comunicações... Porto Alegre, 1992b.

- _____. Análise Preliminar das Construções Nominais em Kurripáku. In: *Coloquio de Línguas Indígenas*, 1, Florianópolis: Editora da UFSC, 1991. Número Especial.
- VALENTI, D. *A reconstruction of the Proto Arawakan Consonantal system*. New York, 1986. PhD dissertation, New York University.
- VOEGELIN, C. F. and VOEGELIN, F. M. *Classification and index of the world's languages*. New York, Oxford and Amsterdam: Elsevier, 1977. p. 23-4.
- WETZELS, W. L. Nasal Spans, Nasal Diphthongs and Syllable Structure in Brazilian Portuguese In: *Workshop sobre Fonologia, 1993, Coimbra*. Comunicações... Coimbra, 1993.
- _____. *Harmonização Vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise autosegmental*. Caderno de Estudos Linguísticos, n.21, p.25-58, 1991.
- WRIGHT, R. *Uma história de resistência: os heróis Baniwa e suas lutas*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 30/31/32, p. 355-381, 1989.
- _____. *Luchay sobrevivência en el noroeste de la Amazonia*. América Indígena, v.43, n.3, p. 537-54, 1983.
- _____. História Indígena no Noroeste Amazônico, Hipóteses, questões e perspectivas. In: CUNHA, M. C. *História dos Índios no Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. p. 253-266.

APÊNDICE: AFIOS DO KURRIPÁKU

NOTA EXPLICATIVA: os sufixos inexistentes para a regra acebtual encontram-se marcados pela extrematicidade < >:

-a	sufixo temático - (st)
	topicalizador - (top)
-anaha	classificador nominal 01: “periodicidade”- (c01)
-apa	classificador nominal 02: “animais com pena, e plantas”- (c02)
-api	classificador nominal 03: “buraco profundo”- (c03)
-ap ^h i	classificador nominal 04: “buraco espesso”- (c04)
-apu	classificador nominal 05: “relativo a pau”- (c50)
-aka	recíproco - (rec)
-da	classificador nominal 06: “redondo, temporalidade, animados, /atributos - (c06)
	sufixo temático (st)
-dapana	classificador nominal 07: “relativo a habitação”- (c07)
-<de>	habitual - (hab)
-ema	classificador nominal 08: “metade longitudinal”- (c08)
<-ha>	sufixo temático – (st)
<-hi>	sufixo temático - (st)
-hiku	classificador nominal (c09): “fixo, assentado”- (c09)
<-hini>	perfectivo futuro - (perf:fut)
	demonstrativo - (dem)
-hipa	classificador nominal 10: “masculino, humano”- (c10)
-hipada	classificador nominal 11: “metade transversal”- (c11)
<-hi _{te} >	direcional ablativo – (dir:abl)

-hiwi	classificador nominal 12: “fino, pontudo”- (c12)
<-i>	relativa – (rel)
	classificador nominal 13: “humano”- (c13)
i-	prefixo substituto pessoal – (psp)
	sufixo temático – (st)
<-ina>	perfectivo passado – (perf:pass)
-ita	classificador nominal 14: “plano”- (c14)
	causativo – (caus)
	sufixo temático – (st)
-i ^j a	classificador nominal 15: “relativo a pele”- (c14)
ka-	atributivo – (atr)
<-ka>	modal – (mod)
	sufixo temático – (st)
-k ^h a	classificador nominal 16: “sinuoso, flexível”- (c16)
-ki	classificador nominal 17: “pequeno, fino”- (c17)
<-ku>	sufixo temático – (st)
	locativo – (loc)
ma-	privativo – (priv)
-ma	classificador 18: “feminino”- (c18)
-maka	classificador 19: “relativo a tecido”- (c19)
-me	resultativo – (res)
<-mi>	passado – (pass)
	sufixo temático – (st)

<-na>	classificador nominal 20: “masculino, não-humano”- (c20) sufixo temático – (st) sufixo de posse – (sp) terceira pessoa do plural – (3p)
<-nai>	coletivo – (col)
<-ni>	sufixo de posse – (sp) sufixo temático – (st) passiva – (Passi) sufixo (?) terceira pessoa masculino – (3m)
nu-	primeira pessoa do singular – (1s)
-pa	classificador nominal 21: “vertical”- (c21)
-peku	classificador nominal 22: “abertura”- (c22)
-p ^h a	classificador nominal 23: “relativo a fezes”- (c23)
-p ^h e	classificador nominal 24: “relativo a coisas leves”- (c24)
<-pi>	classificador nominal 25: “fino, relativo a tempo”- (c25)
pi-	segunda pessoa do singular – (2s) sufixo temático – (st)
-p ^h i	classificador nominal 26: “espaço aberto”- (c26)
<-pe>	plural – (pl) <i>nomen agentis</i> denominativo – (na) sufixo temático – (st)
-puku	classificador nominal 27: “conjunto unificado”- (c27)
-ɟa	sufixo (?)

<-je>	sufixo de posse – (sp) sufixo temático – (st)
<-ji>	gênero masculino – (gen:m) topicalizador – (top) relativizador (relzr) sufixo temático – (st) terceira pessoa masculino – (3m)
-je	direcional alativo – (dir:alat)
<-ju>	gênero feminino – (gen:f) benefactivo – (ben) sufixo temático – (st) terceira pessoa feminino – (3f)
-ta	sufixo temático – (st)
<-ta>	sufixo temático – (st)
-t ^h e	classificador nominal 28: “relativo a futuro”- (c26)
<-tʃa>	enfático – (enf)
<-te>	sufixo de posse – (sp)
-te	distância – (dist)
<-ti>	absoluto – (abs) sufixo temático – (st)
<-u>	intransitivo – (intrns)
-utʃa	fut – (fut)
<-wa>	classificador nominal 29: “espaço circunscrito”- (c28) sufixo temático – (st) sufixo temático – (st)

wa-	primeira pessoa do plural – (1p)
-w ^h ia	classificador nominal 29: “concavidade”- (c29)
<-∅>	proximidade – (prox)